coletivo de
invenção
literária e
artística em
tempos
pandêmicos

projeto de extensão
universidade federal da
integração latino-americana
foz do iguaçu, brasil

con ficciona mientos

con Ficciona mientos

gastón cosentino
juliana monroy ortiz
[orgs.]

catálogo de escritas 2021

coletivo de
invenção literária
e artística
em tempos
pandêmicos

textos:
acauã allende
andré macedo
danízio dornelles gonçalves
diego kiil
gastón cosentino
léo pontes
jardel oliveira
jorge ortega
juliana monroy
lucas leme
nikolai andrea
samuel solocura

coordenação da oficina:
gastón cosentino

arte, diagramação e edição:
gastón cosentino
juliana monroy ortiz

universidade federal
da integração
latino-americana
(UNILA)

C748

Conficcionamientos: coletivo de invenção literária e artística em tempos pandêmicos. / Gastón Cosentino; Juliana Monroy Ortiz [Orgs.]. -- Foz do Iguaçu : UNILA, 2022.

232 p. ; il.

Catálogo de escritas 2021
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-87650-09-8

1. Arte. 2. Covid 19. 3. Extensão universitária. I. Cosentino, Gastón. II. Monroy Ortiz, Juliana. III. Título.

CDU 7

conteúdo-contenido

breve introdução - breve introducción

Os coletivos e coletâneas convocados para refletir a respeito da emergência do Covid-19, a saber, Sopa de Wuhan (2020); Fiebre: El futuro después del COVID-19 (2020); a coleção de livros Pandemia Capital (2020); o Museo de Arte Virtual Covid, etc., foram uma potente reação em forma de ensaio para dar uma resposta possível diante do fenômeno que assola o nosso planeta de maneira inesquecível desde finais do 2019 até agora. Neste sentido, cabe também ressaltar que a pandemia do novo coronavírus instalou de maneira irreversível, tanto em termos simbólicos quanto positivos, uma nova maneira de nos relacionarmos. No interior mesmo da condição pandémica, que padecemos como (in)divíduos e comunidade em geral, também surgiu a possibilidade de refletir sobre esta mudança em termos artísticos, acadêmicos ou vinculados com a esfera da cultura em geral: o espaço virou (um) outro. Quase que poderíamos arriscar que esta categoria, o espaço, vital no âmbito narratológico, mas também no quotidiano, cobrou uma dimensão incomum no nosso contato com a pandemia, ao ponto de se tornar, por muitos momentos, de uma profundidade irreconhecível.

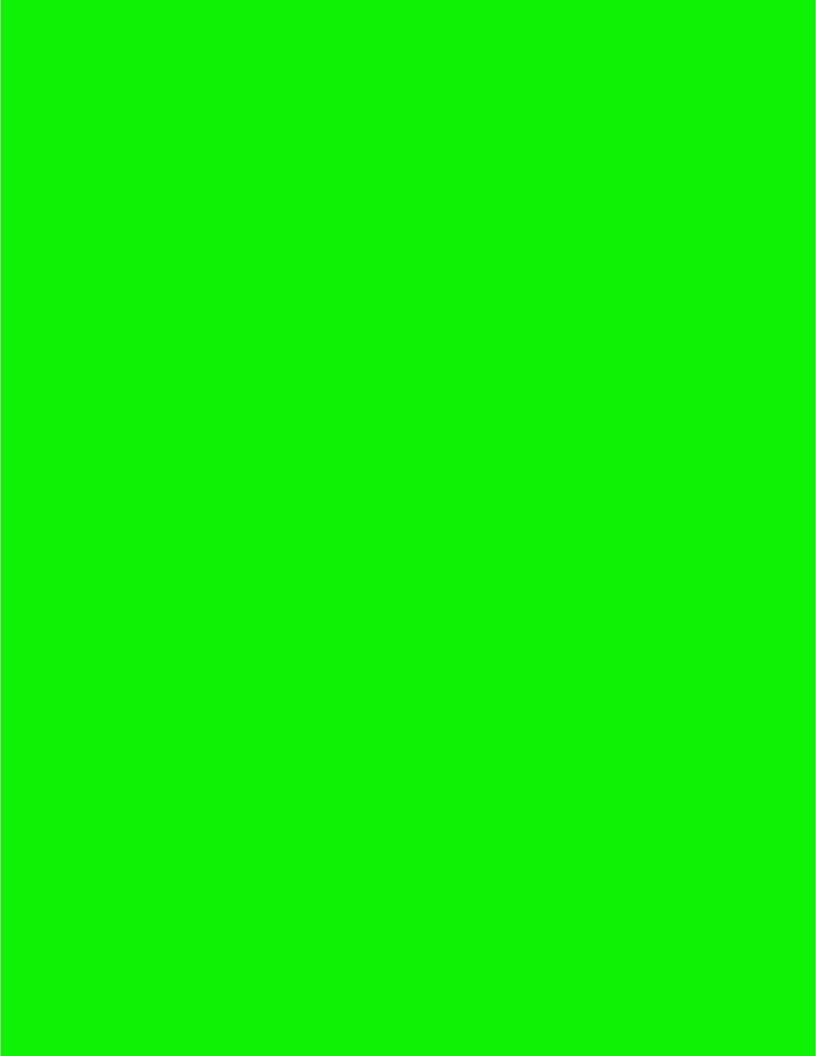
Entretanto, a nossa percepção não desistiu de tentar ressignificar, uma e outra vez, essa perda de traços e sinais mais ou menos definidos (e que nos definem de alguma maneira). Tudo isso esteve atravessado por uma mistura de confinamento compulsivo e, em não poucos casos, desde um entendimento de cuidado consciente com a alteridade. Por outras palavras, o medo, a incerteza do que aconteceria nos próximos dias das nossas vidas fez com que os elementos mais familiares adquirissem uma espessura inédita. Por conta de tudo isso, o cenário pandêmico têm nos interpelado a (re)pensar novas maneiras de invenção e circulação das diversas produções artísticas das/dos/des estudantes e da comunidade em geral.

Dessa sorte surgiu a iniciativa do coletivo formado em meados de 2020. Um grupo de escritoras-es, músicas-os, actores, artistas se somaram ao projeto para tentar traduzir no papel e no computador as marcas da pandemia no seu quotidiano.

A continuação segue uma amostra dos exercícios de escrita criativa propiciados por estratégias inspiradas em diversas oficinas, materiais e experiências plurais coletadas no caminho de ensino e aprendizagem da literatura.

Finalmente, un reconocimiento muy especial a nuestras/os maestras/os y guías, elocuentes y silenciosos, siempre vivos a la hora de pensar una propuesta de taller de escritura creativa: Gianni Rodari, Raymond Queneau, Javier Villafañe, María Elena Walsh, Gustavo Roldán, Augusto "Tito" Monterroso, Mario Tobelem, Grupo Grafein, Gloria Pampillo, Maite Alvarado, Gustavo Bombini, Daniel Bustamante, Biblioteca ambulante “Mate con Leche”, Rocío Cerón, José Manuel Springer, Coletivo Às-Aos que vierem depois de nós, Balbúrdia: Laboratório de escrita criativa desde o audiovisual, Y tantos otras-os-es! surgidos del cruce potente de todas/os/es ellas/os.

gastón cosentino
(coordenador)

o projeto - el proyecto

O Projeto pensa e articula novas abordagens às obras artísticas verbais, assim como também propicia o contato com novos modos de invenção literária: leituras e escritas em tempos pandêmicos. Por esse motivo, formamos um coletivo artístico com o intuito de promover e estimular a restituição da dimensão afetiva por meio de exercícios criativos literários [via streaming]. Além disso, o projeto busca, desde sua formação e prática, cooperar com outros espaços de discussão que problematizem os estatutos das artes em interfase com as preocupações do ato criativo desde as diversas linguagens. Por outro lado, com a nossa prática desejamos estabelecer pontes com outros projetos vinculados com as artes e o pensamento em geral para trabalhar no fortalecimento de “redes de afeto criativas”. Em definitiva, a nossa proposta como coletivo é ressignificar o confinamento [e torná-lo um *“con-ficción-amiento”*]. Fazer do impacto do Covid-19 uma potência artística desde a sensibilidade das/dos/des estudantes e da comunidade em geral.

arte-difusión
del taller
arte-difusão
da oficina

mirtha dermisache

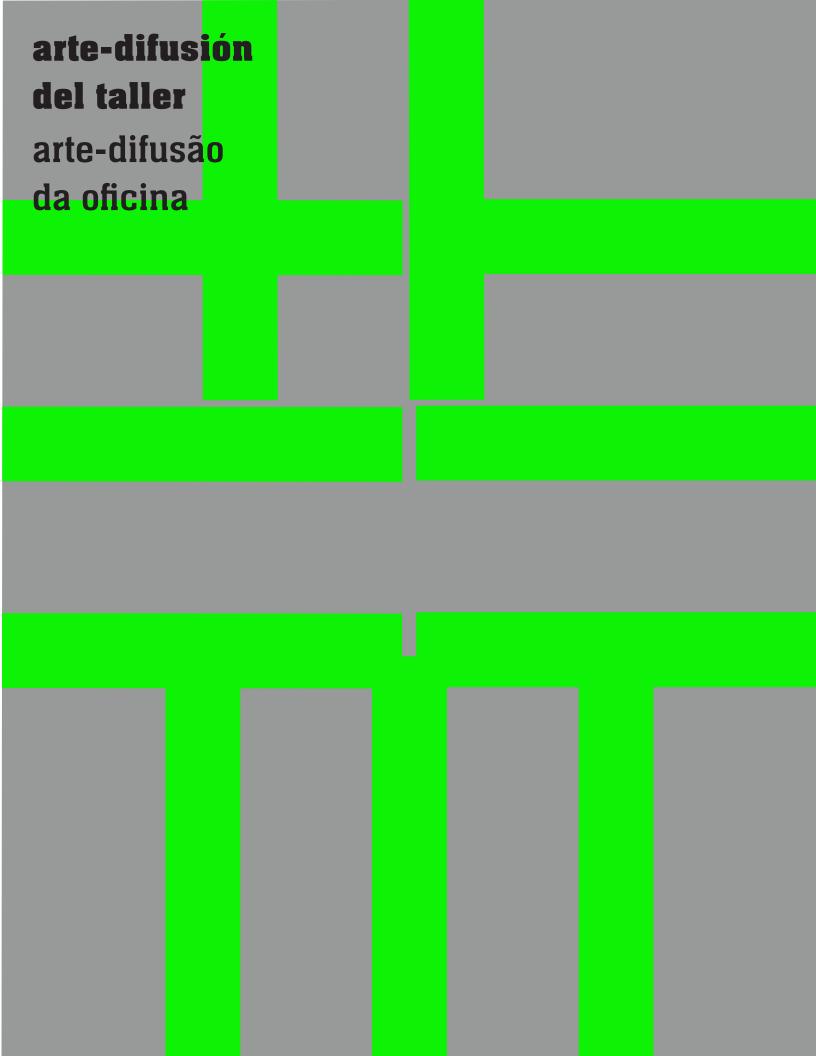
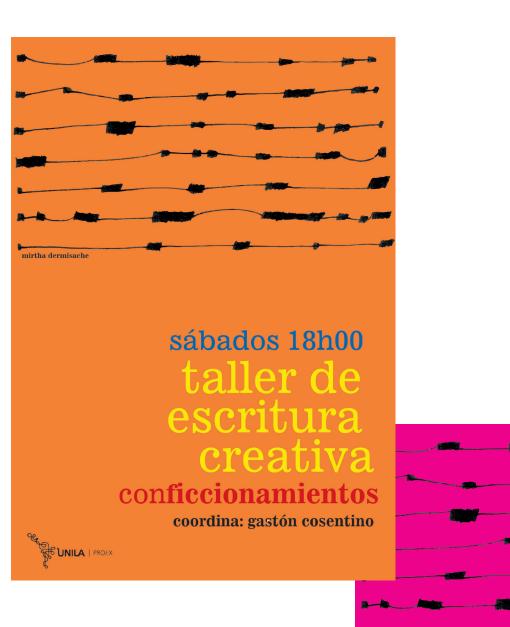
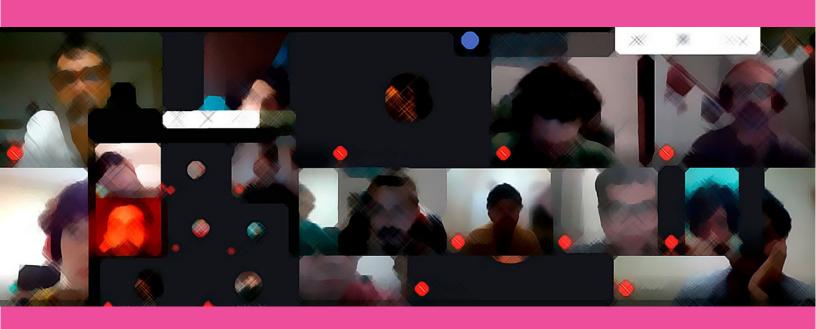
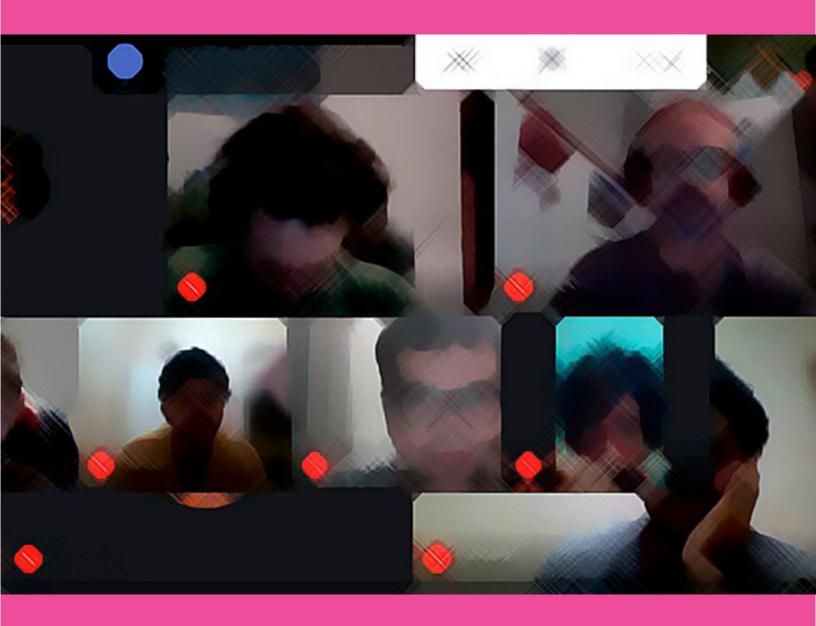
sábados 18h00

taller de escritura creativa

conficcionamientos

coordina: gastón cosentino

UNILA | PROEX

instantáneas
del taller
momentos da
oficina

tomando como base un texto de alejandra pizarnik se omiten algunas palabras al azar para luego cubrir los vacíos resul-tantes de la extracción de los términos.

preen-
cher
vazíos

1ª - Simbiosis

léo pontes

Me marco en el todo: mi vida se vuelve un eco
de árbol, hoja, piedra…
En cada paso, percibo que no hay regreso.
La luna es testigo de una simbiosis.
La luz y las sombras. El árbol proyectado.
Cuerpos rallados, voz rallada. Sangre, sudor.
En cada envoltura se deshace la atadura.
La piel se enrojece, la piel se ruta y explota.

– Mas um pequeno nascer acontece:
começa a girar, se espalha: consome
Nos consome. Juntos. Nos confundem
nos sentires de cada passo de árvore,
de cada rugido incandescente, de tudo.

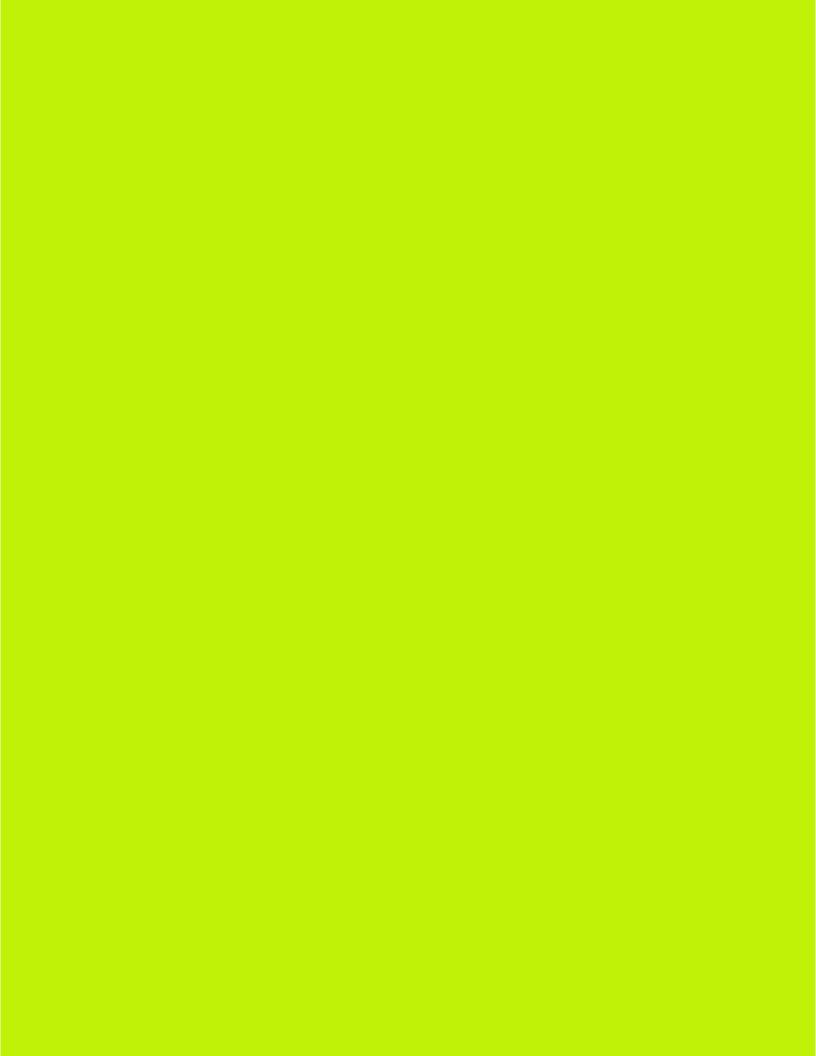
2ª – Cama de papiro

léo pontes

Me lanzo en el vacío: mi vida se vuelve un eco
de un grito de hoja, piedra…
En cada gesto, percibo que no hay regreso.
La mano es testigo de una simbiosis.
La marca y las sombras. El árbol proyectado.
Cuerpos abiertos, voz rallada. Sangre, sudor.
En cada poro se deshace la atadura.
La piel se extiende, la piel se acomoda en la cama de papiro y explota.

– Mas um frágil nascer acontece:
começa a queimar, se espalha: consome
Nos consome no interior da terra. Nos confundem
nos fundem numa transa ígnea em cada passo de árvore,
de cada rugido incandescente, de cada marca cosida
que cose
a pele
no
papel.

[A]

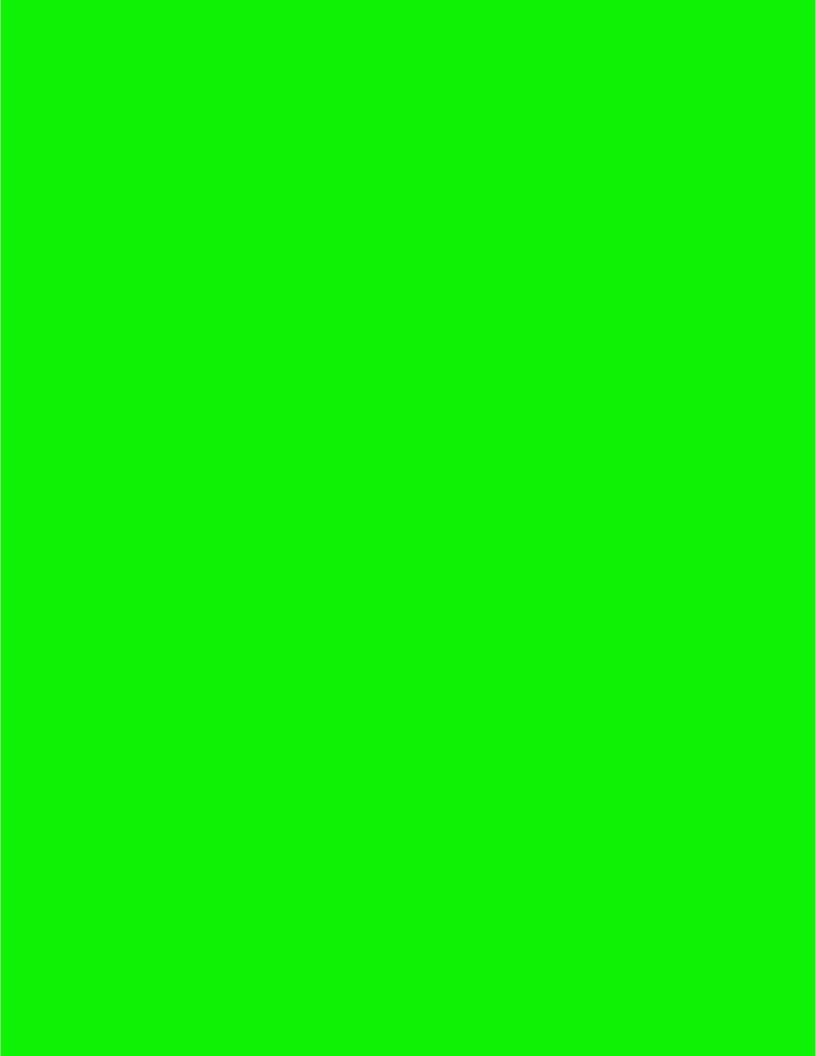
lucas leme

marco de todo:
fissuras de árbol
todos em cada passo
los dragones em la luna y
la luz dorada que emana de su vientre.
sujetos rallados y
cada envoltura plástica
que distorsiona mi mirada.

el dolor enrojece la ruta
y me vuelve pequeño,
a girar junto de los sentires
de la elegante y perversa vieja.
es todo.
de árvore,
de cada rugido incandescente, de cada marca cosida
        que cose
                a pele
                    no
                        papel.

[B]

lucas leme

capturo de todo:
fisuras en el llano,
todos en cada paso,
los dragones en la luna y
la luz dorada que emana de su vientre.
sujetos asombrosamente fragmentados
y cada envoltura plástica que
ha docilizado mi mirada.

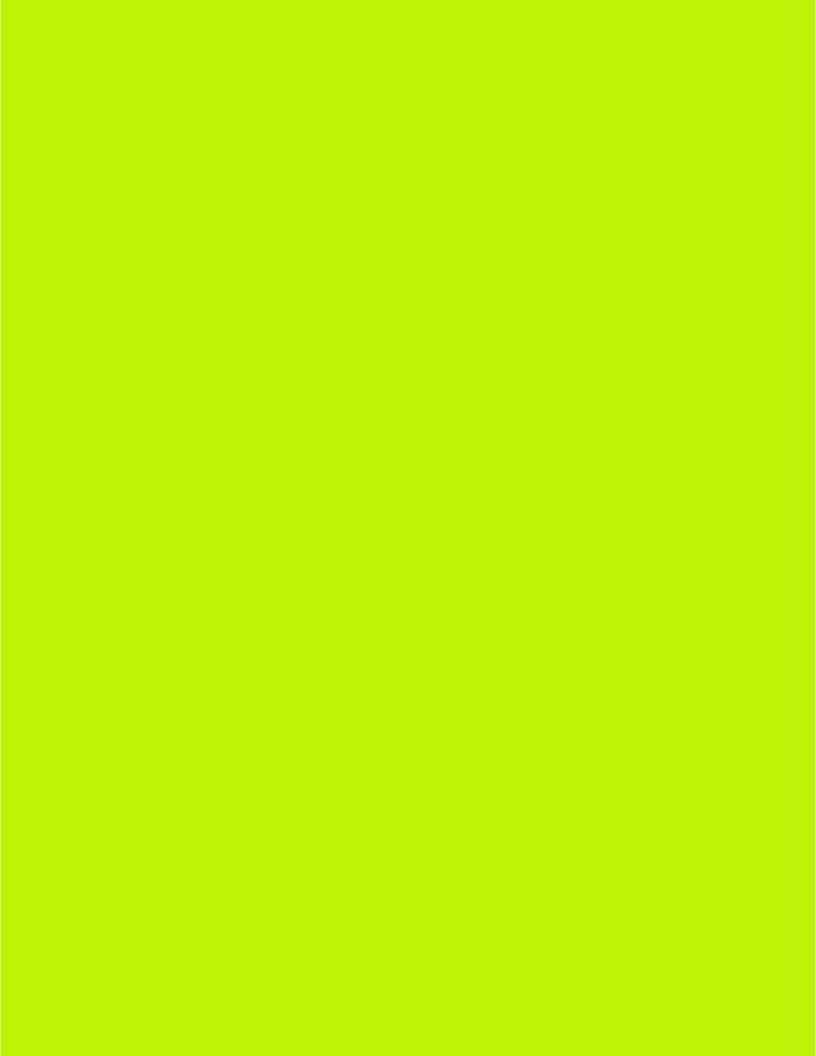
el dolor enrojece la ruta y me vuelve niño,
al girar junto a los colores suministrados
por la vieja perversa y elegante.

A.

juliana monroy

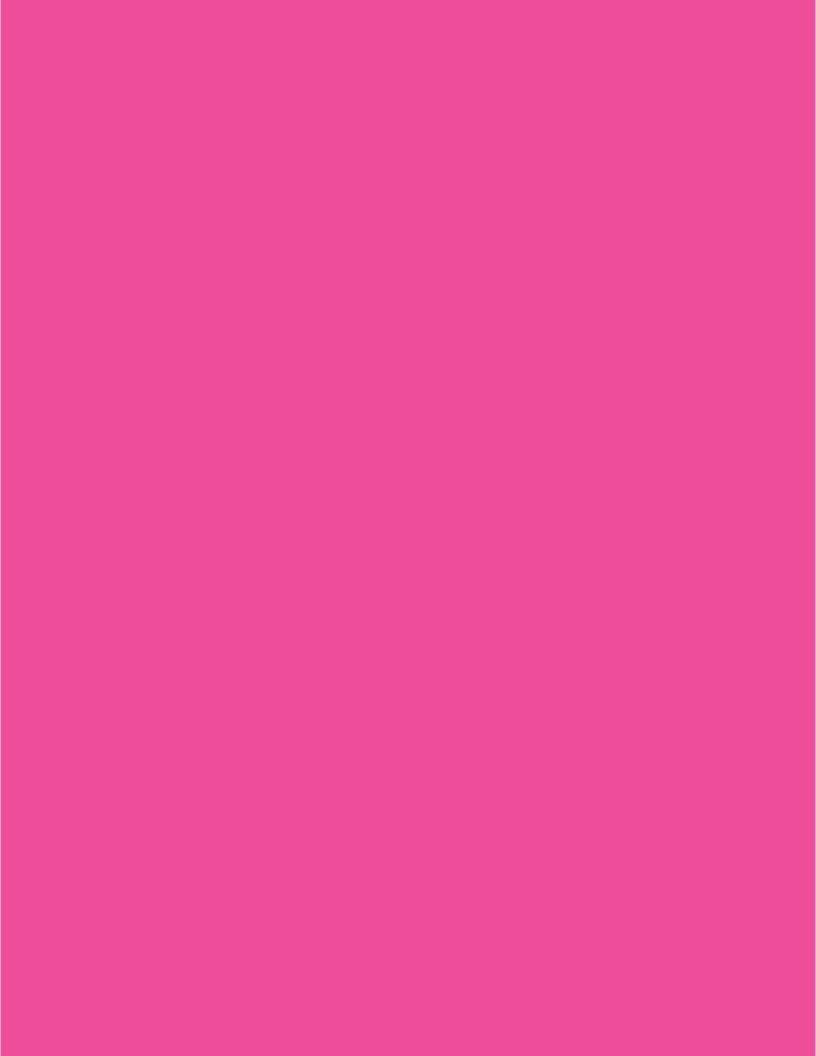
marco con etiquetas el cuerpo todo de los días
es impaciente la espera de árbol
abrir y cerrar en cada paso la pluma
es baladí la luna sobre el ojo testigo
la luz un sopor mediano y austero no alumbra
los días pasan y hay muchos bordes rallados contra la sombra
y cada envoltura en la basura prometía un asombro
y la tv distorsiona el sueño
y la píldora enrojece el pulso   ruta de salida en caso de hastío
veneno en la savia un pequeño paso
ahora girar la cabeza   cambiar de mano
y escribir junto con
los sentires de una percepción plural
el otro lado del todo.

B.

juliana monroy

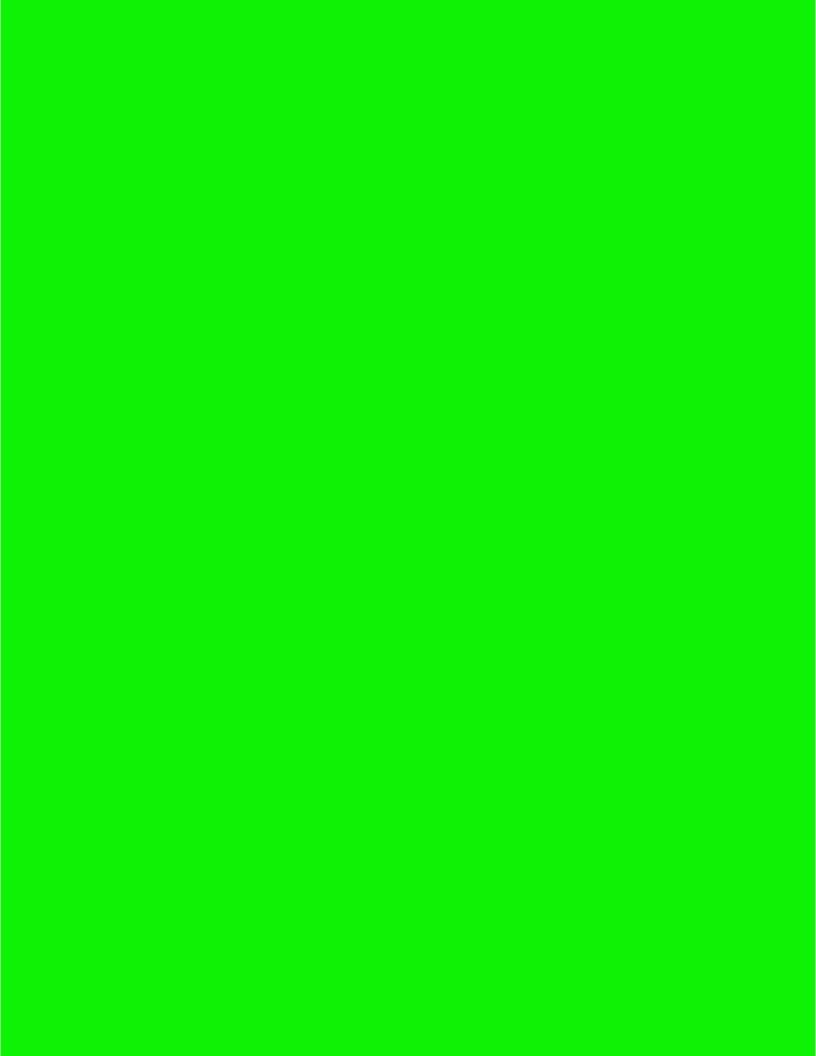
Coloco etiquetas en el cuerpo estéril de los días
Es impaciente la espera del nombre por venir
abrir y cerrar en cada movimiento la pluma
es baladí las cosas (mudas) ojo testigo
el bombillo con su sopor mediano y austero no alumbra
los días pasan y hay muchos bordes astillados frente a la sombra.
El consumo prometía un asombro que yace en la basura
Y la caja boba la distracción de una tormenta de angustia
Y la píldora la estabilización del pulso camino hacia el feliz hastío
Veneno en la savia un inevitable paso
Ahora recomponer la cabeza   cambiar de mano
Y escribir con elles
las percepciones plurales
el otro lado de la moneda.

Eu quero que inventem o inferno novamente

acauã allende

Me dói esse (marco) quadro, chega doer no coração, tudo (todo) isso que foi inventado, inferno! Quem inventou esse inferno se esqueceu e pelo menos se lembrou (de árbol) da árvore, da folha. Pelo menos assim podemos marcar cada passo (cada paso) da mesma barbárie eterna. A lua (la luna) sorri de cima quase toda noite vendo cada invenção. A luz (la luz) dela já não tem a mesma necessidade, só os papéis da barbárie interessam, os dinheiros, as burocracias, inferno! Antropofagia eterna sobre novos fatos, agora sob máquinas, todos ralados (rallados), como bois moídos, bichos moídos, gente moída, sonhos moídos, inferno! Cada envoltura é barbárie, e eu gosto da barbárie, mas não dessa inventada, gosto daquela original. Nesse inferno tudo se distorce (distorsiona), tudo se envermelha (enrojece) mas não de urucum, maldita rota (ruta) errada. Desde pequeno (pequeño) meu pai dizia para não confiar no homem, e para fugir do homem eu girava (girar), para fugir da realidade, para entrar em outros mundos, para entrar no verdadeiro inferno e me sentar junto do diabo. Quem inventou o inferno inventou errado. (Sentires de) Sentimento de derrota, sentimento de não caber nessa terra. Quem inventou tudo (todo) isso inventou errado. Prefiro o inferno, no colo do diabo.

Al MARCO de la suave primavera,

TODO recuerdo pende,
Como columpio de ÁRBOL,
CADA PASO en la noche iluminada,
LA LUNA llena con LA LUZ,
Dada por su compañero de viaje.
Sus enormes ojos,
RALLADOS de dulzura,
donde CADA ENVOLTURA
abraza su contenido,
Su mirada se DISTORSIONA,
Se ENROJECE, se pierde en la RUTA de su PEQUEÑO mundo,
Que para de GIRAR,
JUNTO a los SENTIRES DE su voz,
De la mirada sin su TODO.

Al LLEGAR la suave primavera,

UN recuerdo pende,
Como columpio de INFANCIA,
EL FRÍO en la noche iluminada,
UNA LUCIERNAGA llena con EL ZUMBIDO,
Dado por su compañero de viaje.
Sus enormes ojos,
CARGADOS de dulzura,
donde SU ALIENTO
abraza su contenido,
Su mirada se ENFOCA,
Se ENMUDECE, se pierde en la NOCIÓN de su VIVAZ mundo,
Que para de ROTAR,
ESCUCHO los TIMBRES DE su voz,
De la mirada sin su TODO.

Un marco no pretende el todo

complicidad de árbol
y de copa para verlo todo
decalzado de cada paso
un viejo ensaya
con su respiración
última la luna
la luz lo desviste
y le confiere nuevo tono a su piel
los dedos rallados
junto a la zanahoria el día
en que se conocieron
a cada envoltura de sus
danzas ya estériles
solo enrojece cuando
las yemas de los dedos
repasan la ruta de las velas
y se acomoda en el pequeño
espacio que se llamaba
mundo
girar de picaportes en sentido
antihorario
duerme junto a sus infatigables
sentires de flores de noche
perfume dulce
en los oídos
invadiéndolo todo

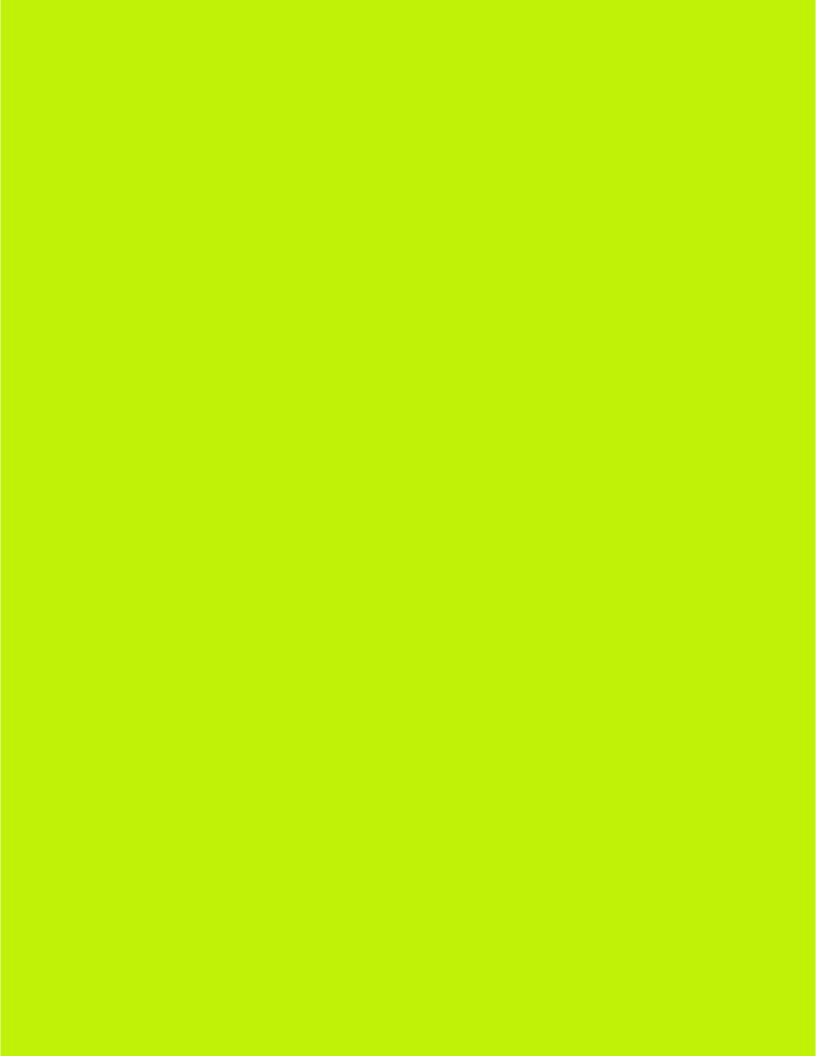
Un susurro no pretende el silencio

complicidad de voces
y de copa para verlo todo
descalzo de íntima soledad
un viejo ensaya
con su respiración
última los rostros primeros
la memoria lo desviste
y le confiere nuevo tono a su piel
los dedos desbocados
junto a la zanahoria el día
que se conocieron
a pelo y contrapelo de sus
danzas ya estériles
solo sonoro cuando
las yemas de los dedos
repasan la verticalidad de las velas
y se acomoda en el ínfimo
espacio que se llamaba
mundo
fatiga de picaportes en sentido
antihorario
duerme muerto a sus infatigables
sones de flores de noche
perfume dulce
en los oídos
invadiéndolo sin él

partiendo de un texto de Chantal Jacquet se propone buscar un objeto y describirlo a partir de las sensaciones olfativas que provoca.

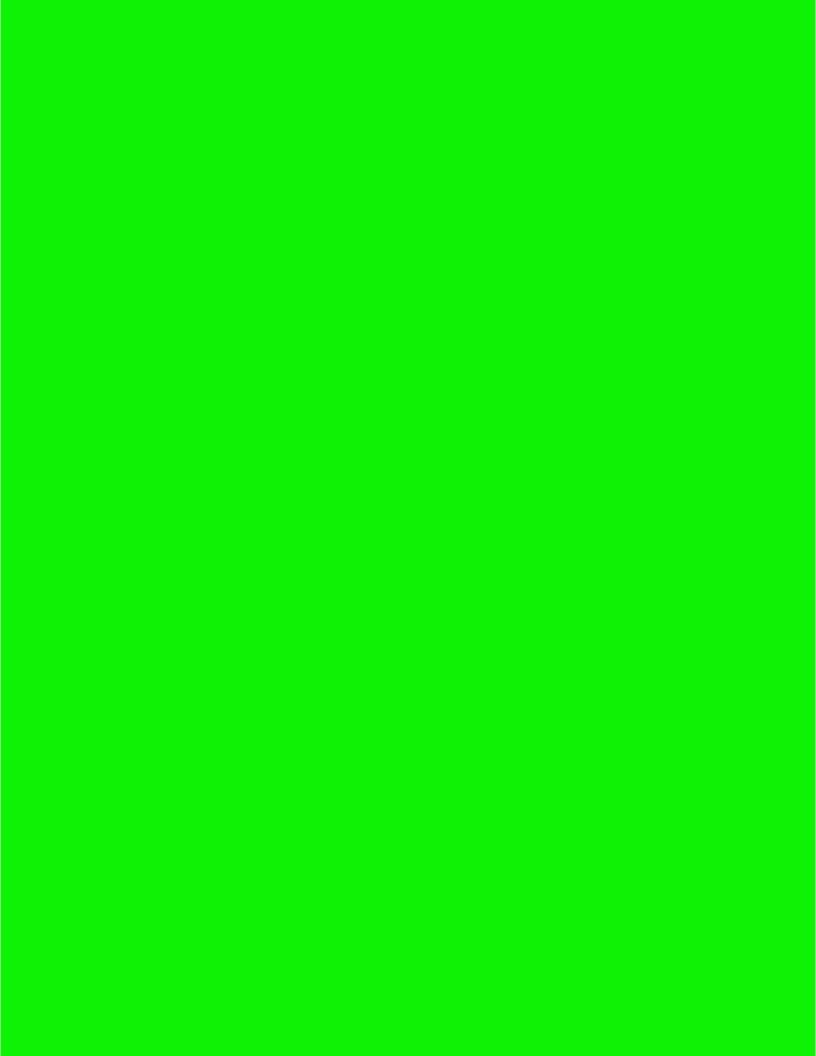
Tal mãe, tal filho

léo pontes

Poucas vezes fumo no banheiro. Mas, às vezes, pela noite, me dou este pequeno prazer: me sento no vaso sanitário e acendo um cigarro.
Instantaneamente, me transporto para tempos de meninez, quando me despertava sempre de madrugada para ir ao banheiro. Em algumas ocasiões, me deparava com a mãe, sentada no vaso, com o cigarro aceso.
A brasa incandescente anunciava a presença dela, escondida nas sombras; o cheiro alcatrônico se espalhava pelos cantos da casa, uma fumaça invisível, que serpenteava o escuro e deixavam se revelar pelos raios de luz que invadiam a janela meio aberta.
A mãe sempre me xingava pela intromissão, acho que naquelas ocasiões ela queria estar só, para desfrutar do seu cago ou do seu mijo, e claro, do seu cigarro noturno, silencioso, livre de afazeres cotidianos, mas fazer o quê? Ela deixava a porta sempre aberta.
Quando me percebia, parado no fim do corredor, segurando o xixi, ela rapidamente se terminava o vício e a necessidade, ambos, por mim, interrompidos.
Aí eu entrava no banheiro, nebuloso e escuro, habitado pela fumaça presa e incapaz de escapar. O cheiro se misturava aos cheiros da mãe, também contidos, esperando a descarga. Não era um cheiro desagradável, era o cheiro da fuga de uma mãe noturna e fumante, que na madrugada, aproveitava o silêncio para dar-se os seus pequenos prazeres.
Resulta que eu, quando me dou esta mesma alegria noturna, me conecto olfativamente com a mãe, vejo a brasa do meu cigarro acesa no espelho, me perco na neblina de nicotina e alcatrão e me vejo ela, sentada, escondida nas sombras atrás de uma brasa vermelha.

cuerpo que hueles

antes de ser sacrificio
al fuego
donde tendrás todavía
más abertura
de cavernas
a piedra sacrificial
en una atadura con hojas alejadas
de la economía de las personas
cítricas notas
de alguna melodía
extraviada por tu mismo encanto
vehículo perfecto
que me pone
al resguardo
de una memoria
es decir
de un olvido sagrado
ardor celebrado
canto oleoso salvoconducto
para el fuego
que quemas sin tocar
la madera
ardes con inciensario
tiempo
urdes los caminos con el silencio y
la oscuridad deliberada
del cierre de los ojos
de los ancestros más despiertos
espectros
sin el tanteo de los ojos
escucha
de manos encalladas
no te importa tu propio olor
porque no es para vos mismo
ni para nosotros
destinatario oculto
para nuestra pretensión erguida
en zancos

corpo que cheiras

antes de ser sacrifício
ao fogo
onde terás ainda
mais abertura
de cavernas,
a pedra sacrificial,
em um amarre com folhas distanciadas
da economia das pessoas
cítricas notas
de alguma melodia
extraviada por teu mesmo encanto
veículo perfeito
que me coloca
ao resguardo
de uma memória
quer dizer
de um esquecimento sagrado
ardor celebrado
canto oleoso salvo-conduto
para o fogo
que queimas sem tocar
a madeira
ardes com incensário
tempo
urdes caminhos com o silêncio e
a escuridão deliberada
do fechamento dos olhos
dos ancestrais mais despertos
espectros
sem o tateio dos olhos
escuta
de mãos encalhadas
não te importa o teu próprio cheiro
porque não é para você mesmo
nem para nós
destinatário oculto
para a nossa pretensão erguida
em pernas de pau

Divagações sobre onde andou meu nariz

jardel oliveira

Apesar de ter um nariz grande não tenho um grande olfato. Além da pouca sensibilidade olfativa, tenho certa dificuldade para discernir e classificar os odores. Gostaria de poder dizer que, em compensação, os outros sentidos funcionam a la grande. Mas não é o caso: não enxergo sem óculos e sou um pouco surdo. Talvez seja só distraído, mas o fato é que na natureza selvagem eu não seria um grande sucesso.

Hoje vivo no mundo urbano e asséptico que todos conhecemos, onde odores naturais foram eliminados ou são cosmeticamente disfarçados. Mas até meus vinte anos de idade vivi em contato com o campo, tendo contato com a agricultura, com animais e muito trabalho manual. É verdade que também o campo é um ambiente altamente antropomorfizado, mas algumas sensações eram mais vivas. E desse período, tão distante que parece outra vida, posso afirmar que as memórias mais honestas são olfativas.

Lembro estranhamente bem do cheiro da terra recém lavrada e do odor do esterco dos animais. Lembro do cheiro fresco que sentia quando entrava numa picada de mato num dia de verão, um cheiro úmido, de coisa vegetal e molhada. Lembro da fragrância das cascas de certas árvores e claramente do cheiro da madeira cortada. Lembro do cheiro do fogo quando queimava a erva esturricada na estação seca, assim como do cheiro da lenha queimada no fogão alimentado a lenha, que servia não só pra cozinhar, mas também para aquecer o ambiente no inverno.

Lembro do cheiro de linguiça feita em casa, amendoins torrados na chapa do fogão, do pão recém saído do forno, do leite das vacas… e do queijo e da manteiga feitos em casa. Lembro do cheiro de abóboras e do resultante doce-de-abóbora, assim como lembro do suave odor de uma melancia recém cortada, da doce fragrância de pêssegos e ameixas maduros, do cheiro forte do mel recém colhido.

Quando se trata das coisas de comer admito que os cheiros se confundem com sabores, mas são sempre cheiros, ainda que sejam sabores - o limite é sutil e até certo ponto desnecessário.

Lembro do odor que emanava de um cavalo depois de algum tempo: um odor de suor que trazia uma ideia de força e movimento. E do odor forte e típico que emana das ovelhas, que fica impregnado

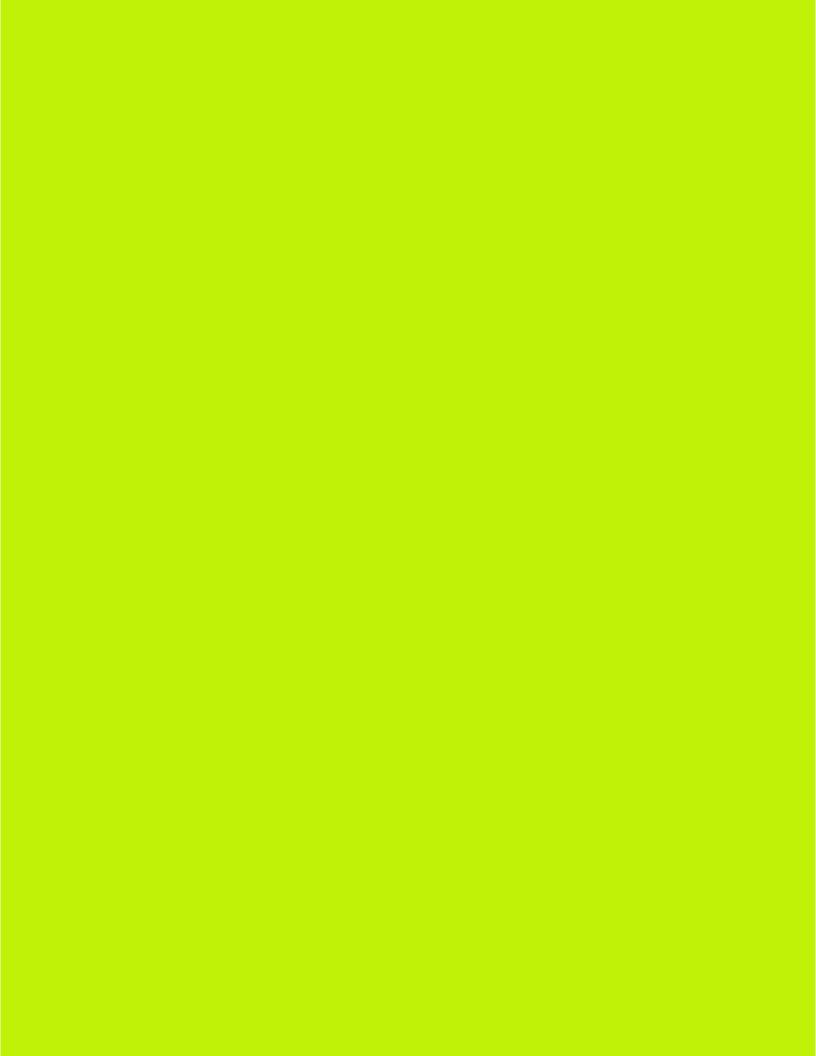
na sua lã e que enche o ambiente nos dias de esquila.

E lembro com tristeza e resignação do cheiro do sangue dos animais, particularmente das ovelhas e de como te olham silenciosas enquanto morrem. Tem cheiros que me trazem prazeres, outros tristezas.

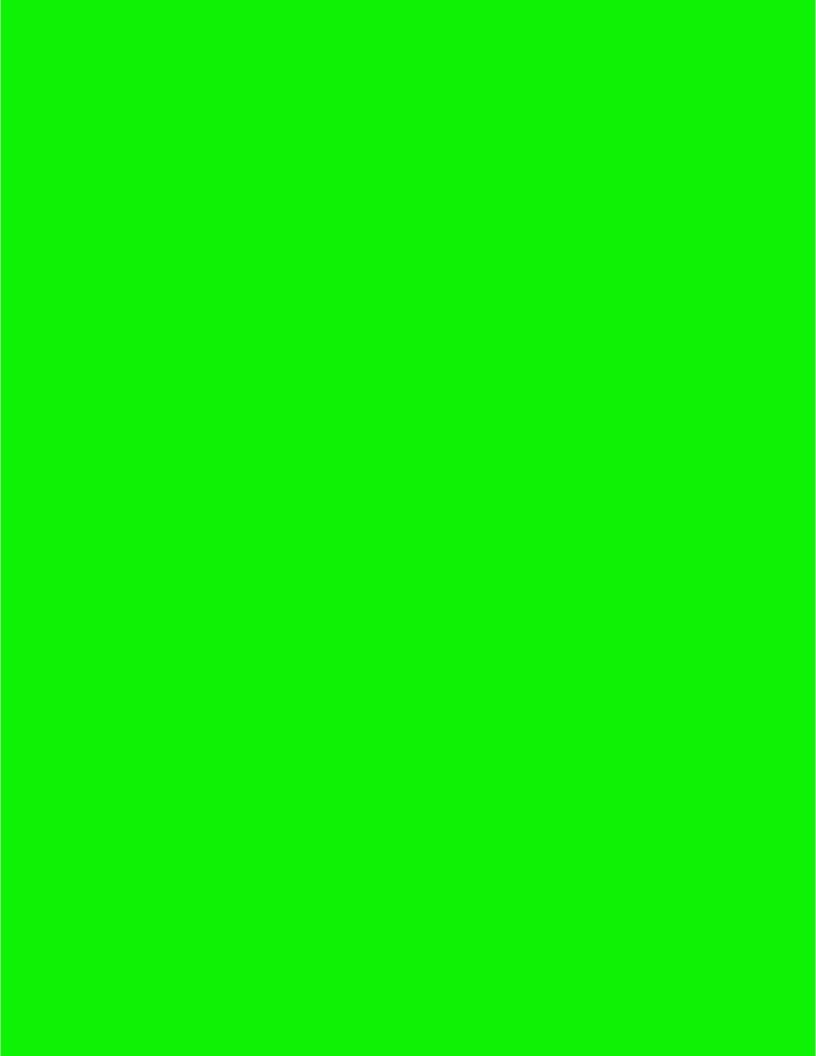
Estou esquecendo meu pai, não sua pessoa ou sua presença em minha vida, mas seus traços. Faz mais de um quarto de século que ele morreu e as memórias vão se apagando. Para lembrar seu rosto é preciso fazer um esforço, às vezes recorrer a fotografias. A consequência é que o resultado já não é uma memória visual verdadeira, mas uma representação construída a partir de um registro. Tampouco posso confiar na memória de sua voz, que confundo com a minha própria, embora saiba que são bem diferentes: a minha é rouca e baixa, a dele tinha um tom claro e um timbre alto que dominava as discussões.

Mas do cheiro do meu pai eu lembro bem. Lembro dos cheiros residuais da sua jornada de trabalho: cheiro de animais, cheiros de campo e de mato, mas sobretudo o cheiro do seu suor, resquício dos esforços de um homem que fazia de seu corpo ferramenta e trazia pra casa os odores do mundo misturados aos seus. Provavelmente esta é a lembrança mais verdadeira que tenho dele.

No mundo asséptico onde vivo, os cheiros que exalo são sobretudo dos cosméticos que a vida civilizada me exige. Não tem minha identidade. O sabonete, o desodorante ou o perfume que uso são os mesmos que usam milhares de outras pessoas. E é assim que meu filho lembrará de mim, menos um cheiro de mim, mais desta coletividade a qual pertenço. Eu tampouco eu sei que cheiro tenho, porque o meu cheiro é também o cheiro de muitos.

Quando chegou, Pantera tinha cheiro de leite. Tinha cheiro de urina também que ela grudava ao pelo para ficar incandescente. Com o passar dos dias, o cheiro de urina se ampliou e pregou também nos tapetes, cortinas e almofadas para, por último, postular o meu colchão. No início eu resisti, em uma disputa civilizatória desgastante que me derrubava e me trazia o pior: em forma de lágrima, suor, mas acima de tudo em forma de um amor assombroso. Acima de tudo, um cheiro de amor e pertencimento que se impregnou na minha vida e também na da nella, que, no início contrariada, se rendeu aos caprichos despóticos da bolota de mijo. Semana passada ela mencionou, inebriada, o bafinho sutil de ração que você exala pelos cantos, nos cuidados matinais com a higiene.
Me recordo da primeira noite, quando do topo das nossas convicções, dizíamos que você seria um felino-felino: que suja de barro, come no mato e carrega consigo aquela verdade asceta da liberdade em oposição ao conforto. Mas você é quimicamente persuasiva e não demorou a se apropriar do espaço e dos sujeitos com seus feitiços; galgando posições em direção ao topo da hierarquia. Hoje, Pantera, quando o cheiro de urina já pousa sobre tudo que a vista alcança, como a magia recôndita do triunfo da natureza sobre a humanidade, nós te louvamos.

GAVETA

diego kiil

cheiro de
faca guardada
ferro carcomido
de um conflito esquecido
sabonete da marca cara
sabonete dado de lembrança
agora empoeirado
cheiro de homem velho
loção pós-barba
espuma para barbear
gilete
cravo e canela
de espirro
foto guardada
bosta de barata
chumbinho
anzol e linho
de desejo e pó
lavanda
alfazema
cravo-de-defunto
do próprio defunto
de óleo-de-peroba
alecrim
alergia
mofo e visco no lenço
bordado pela mãe da vó
cheiro viscoso
de lembrança escondida
de papel de carta antigo
da foto amarelada
com escrita atrás
cheiro de professor
depois da aula
desodorante
mostra de perfume
do boticário da esquina
das perdas e ganhos da vida
da dor e da ferida
cheiro da saudade
do aperto no peito e
da pontada no fígado-coração
e que atinge o âmago
gaveta com chave e guarnição
cheiro da chave
da fechadura gelada
de sua ferrugem
cheiro que dá gosto
afeta o paladar
água na boca
de vento de dezembro
cheiro de fim de ano
de natal e saliva
frutas secas
tâmara e damasco
colomba pascal
madeira seca
depois de molhada
ou apenas
cheiro de gaveta de mesa antiga

Leituras

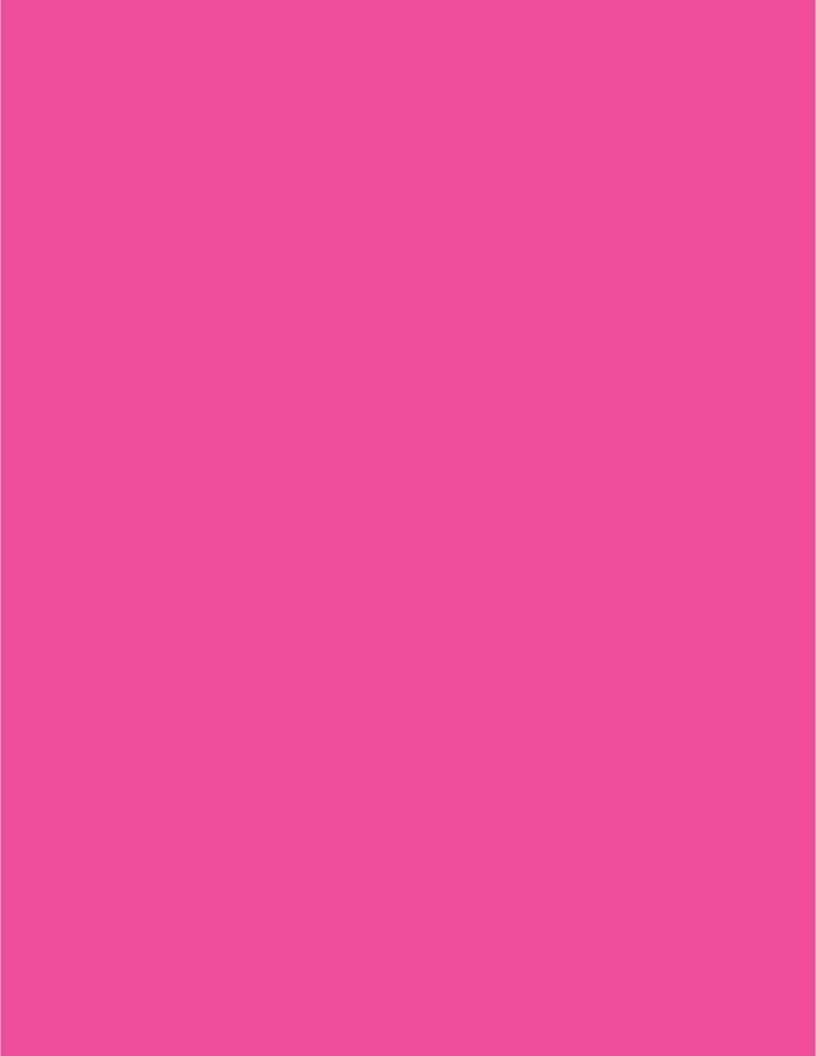
danízio dorneles gonçalves

abro uma página qualquer e adivinho
o cheiro. uma brisa feroz se alvorota
nalgum lugar de mim. pássaros entre
as pedras beliscando a memória das
sementes feridas

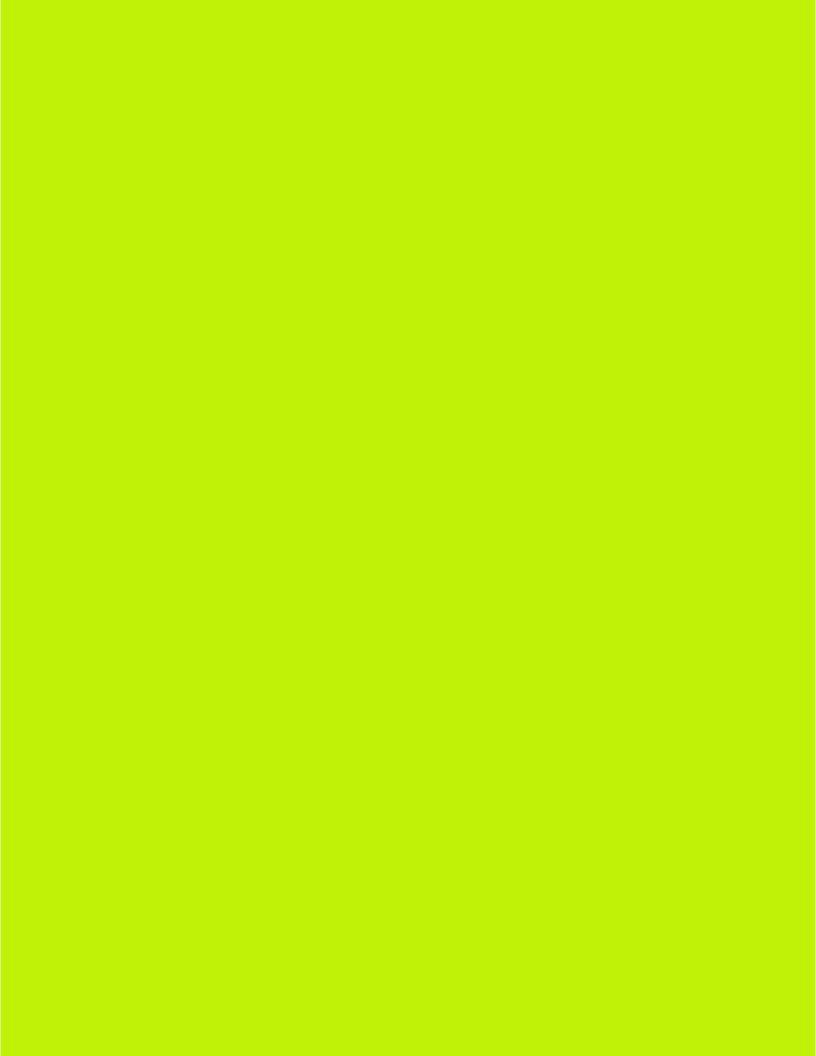
madeira de barco pequeno
ziguezagueando a costa. o barulho da
areia riscando o casco. melodia de sol
num fim de tarde que se esvai entre os
dedos

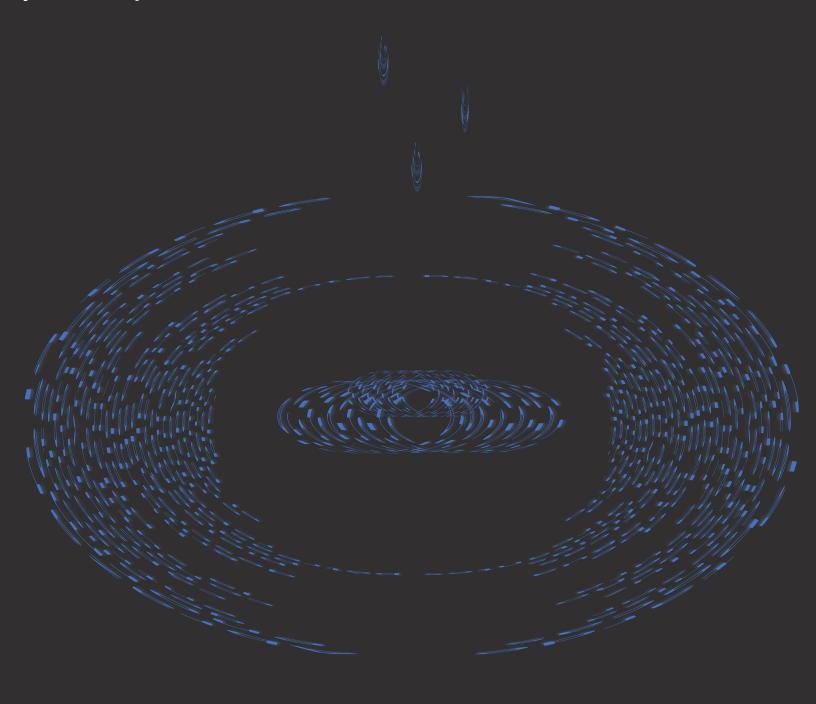
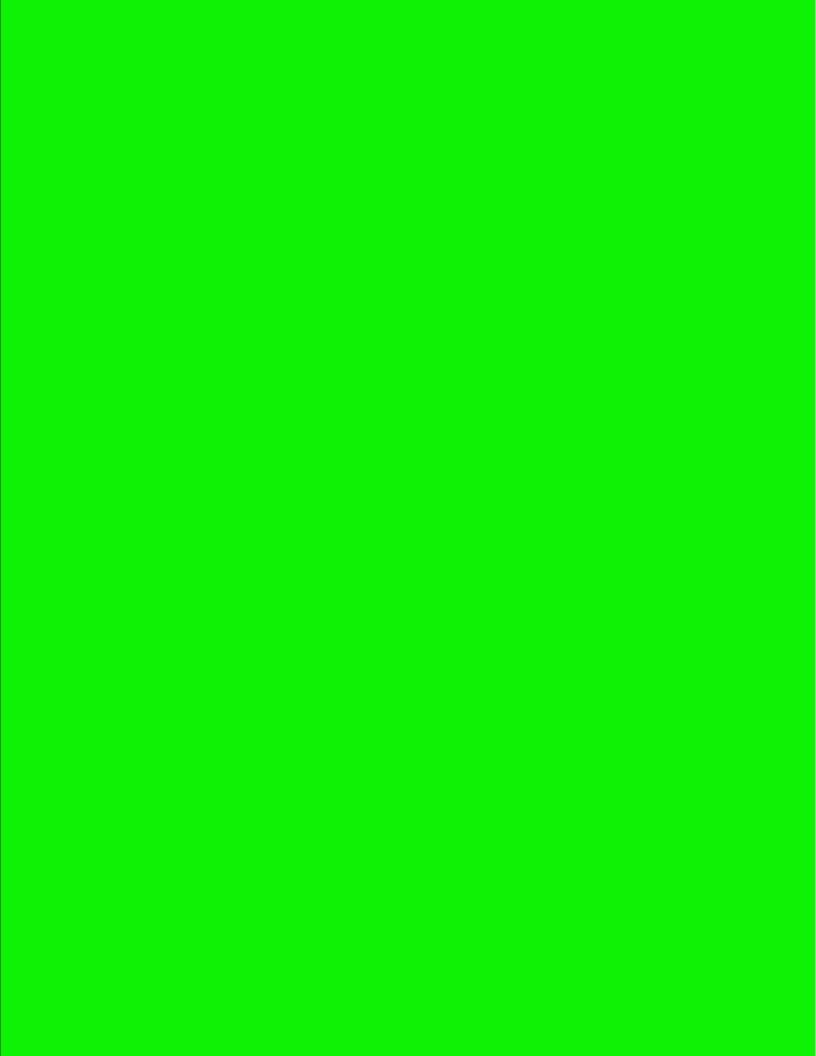
o cheiro da lembrança tem palavra.
evoca atropelos e fogueiras. chispas
rasgam a quietude, desmentem o
silêncio que povoa a mente

este libro te voy a regalar, murmurou um
velho a la orilla da tarde. e soprou com
força o pó que cobria a capa. um sopro
que perambula pela madrugada e se
renova na espiral do vento

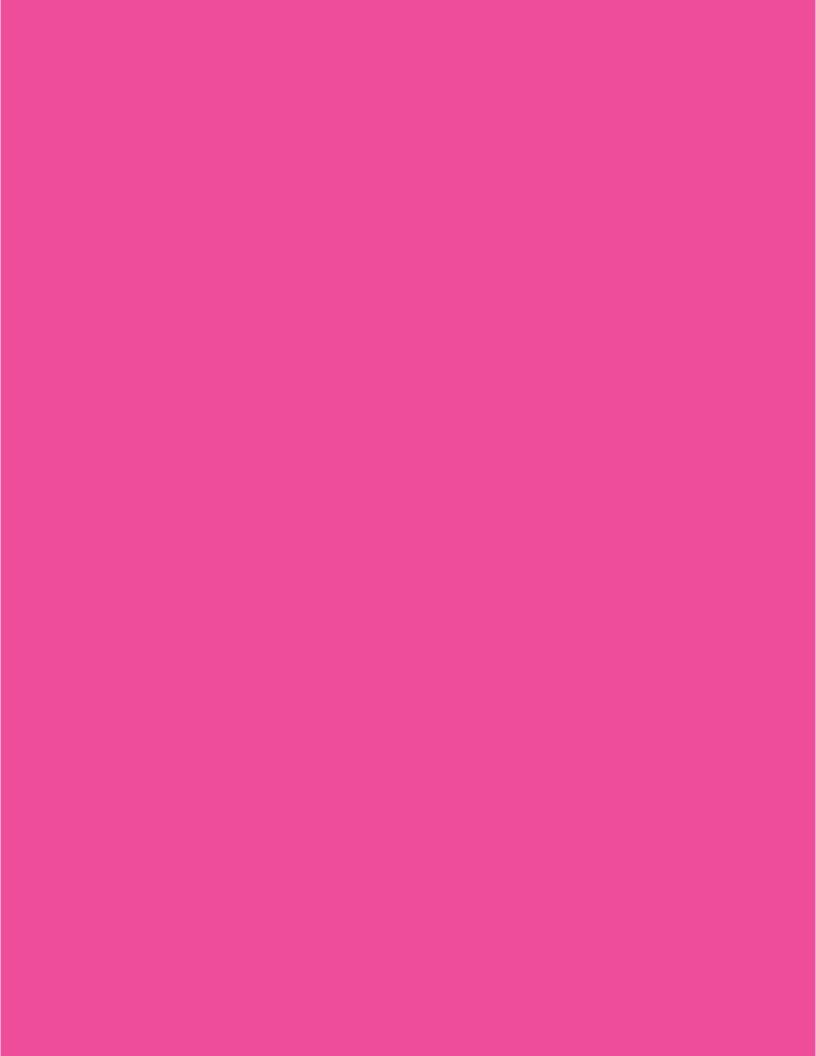
é o cheiro dos vivos que já não estão
mais. aroma de qualquer coisa acesa a
gritar nas pedras o que ninguém pode
escutar

O cheiro da transição

acauã allende

O cheiro que subia dos materiais que acabara de fazer o queijo, não era só cheiro de leite, de coalho. Tinha o cheiro de suas formas 3D, as suas peneiras e as suas telas. O pote furado para dar forma e escorrer aquele soro com a dimensão de cheiro de choro. O cheiro do branco azedo que amarra tudo. Deixa rolar, deixa chorar. O panelão de alumínio areado na palha, brilhoso chegava subir aquele cheiro de atrito. No meio disso a escolha do feijão, pedra, pedra, pedra. A vida de quem opera muitas vezes é: pedra. Vivemos como Pélés driblando a morte, já sentimos de longe o seu cheiro, classic flesh. Do lado os cachorros olhando, circulando, fediam feito guardiões de outros planos. Depois a faca cantando na tábua: plá plá plá. Cebola e alho cheirando a choro. O choro e a cozinha caminham juntos. O choro é a raça depois da fantasia. Pé na cozinha, corpo todo. Ficção branca, realidade. A panela de pressão perfuma, atravessa e transita pela casa feito Maria-fumaça, a horta atrás da cozinha chega treme. Só de sentir o cheiro barulhento da máquina a planta espirra. Só de sentir o cheiro da cor, foge da cozinha. Quando a gente nasce o cheiro e a cor já tem nome, o material dá forma ao cheiro, ficção dá forma ao choro, vice-versa. Cheiro de classe. O cheiro das facas, da pólvora, das correntes, das palavras, do que está fundido nas escolhas e nas formas já dadas. O cheiro do ralo espalha, a olente do símbolo, o odorante da civilização, o cheiro debaixo do carpete. Qual o cheiro da dimensão pós-matéria? A casa é rodeada dos espíritos que dançam, as árvores tem cheiro de espíritos e eles cheiram o pó da casa, da casca, esperando a inversão para se manifestarem. Ficção e realidade, mesmo cheiro. Invenção e invasão, mesma cor.

Abrazan la tarde
enormes bocas
de aliento ceniza
entre el espesor
dendrita
se cuelan
cápsulas de luz
focos vítreos
como en el sueño
la sutil espesura
pleura
ple-u-ra
pleu
ple
humedad
grito de nube
desciende el agua
golpe
pieles escépticas
pequeñas asfixias
pétreas agonías mutantes
rebosan el aire
llueve
respira
encuentra
el elemento
pleura
pleu
ple.

juliana monroy

travesseiro

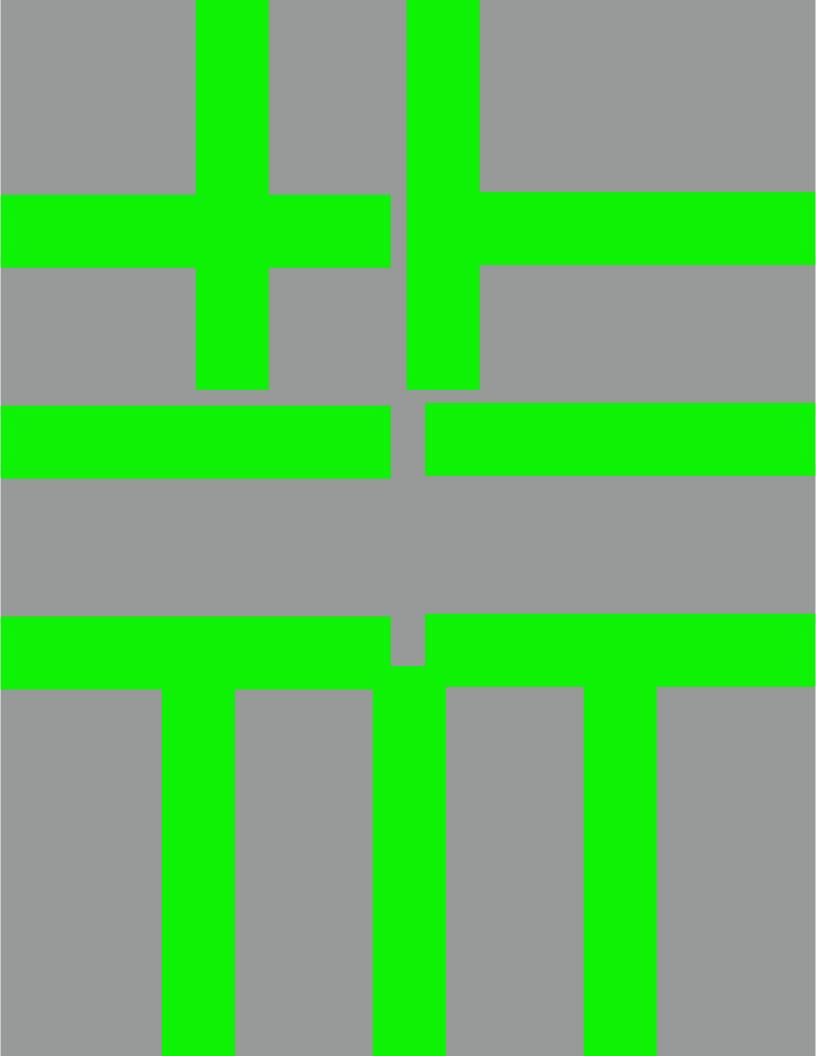
solocura

não é dela
mas tem seu cheiro
cheira à flores belas
de pétalas e aura azul
alumia no escuro as lembranças
com o cheiro do toque
o toque dum olhar
que
de fato agrada, olfato meu
que capaz é de sentir até o gosto
gosto de cheiro
cheiro que exala
exalta o doce no ar
descansa no doce das águas
mas voa, voa ao horizonte do mar
guarda também aos cabelos
cheiro do dia e da noite
que se ajunta ao travesseiro
no embalo do sono
cheiro de sonho.
guardo no peito, guardo no pensar
um cheiro que chega
um cheiro que vai
mas
mesmo quando vai
fica;
um cheiro que me cheira
um cheiro que leva
um cheiro que traz.

niko

Cuando emerge de la carne,

la sangre va extendiéndose lentamente sobre otras superficies. Su olor primigenio embadurna su ferroso carácter sobre el terreno conquistado, que puede extenderse hasta que se detenga el desangramiento con algún tejido, el de las plaquetas o algún trapo. El tiempo de maduración es muy breve, brevísimo, revelando de forma anticipada el olor que emanaremos. La sangre, al contacto con el aire la oxida y la corrompe. En tan solo unos instantes el olor se vuelve llamativamente un tufo putrefacto que puede atraer la atención de seres carroñeros. La sangre que se estanca en los cadáveres le da su característico aroma a muerto. Cuando se derrama en grandes cantidades, su huella olfativa, aunque su substancia ya no esté, puede permanecer allí varios días al alcance de una buena nariz.

La única manera de quitar el olor es limpiando las superficies muy bien, y dependiendo de la cantidad que se haya derramado y la superficie puede variar la fórmula de agentes químicos para extraerlo. Usar fórmulas limpiadoras concentradas con olor a chicle o perfumes florales artificiales en el caso de las personas menstruantes, presenta una mezcla nada favorable que no logra disimular el olor. Es de una persistencia inquietante.

Los malos olores relacionados al cuerpo vivo, como el mal aliento o heces anormalmente fétidas puede deberse a la presencia de sangre que se pudre. Aunque el olor de la sangre lleva siempre su sello metálico, no es siempre el mismo: cada vez que emerge una, tiene su bouquet propio, cada vez viene acompañada de distintos microbios que crean su propia miasma. Sea como sea, el olor de campos y calles después de un encuentro violento, el olor de los mataderos o carnicerías, el olor de ciertas secciones de un hospital o de medicina forense puede resultar inquietante y repulsivo para algunas personas. Pero el olor de menstruación o carne cruda puede generar atracción en otras, y empiezan a babear e inhalan fuerte. Una fascinación común entre carnívoros, asesinos seriales (o sicarios) u olfatofílicos.

una serie de palabras escogidas previamente constelam otras nuevas surgidas de la interpelación de las primeras. Estas palabras-fueron mezcladas en un pote y extraídas aleato-reamente para servir como estímulos escritura-les. Propuesta guiada por el compañero Danízio Dorneles Gonçalves.

pote pala-vra

Danízio Dornelles
J Olive
Leonardo Pontes
Lisbeth Juliana Monroy Ortiz
lucas leme
Solo Cura
Acauã
Nikolai Gutiérrez
Detalles de la reunión
Presentar ahora
DELL

(1)

Escalera diminuida
contrasentido
sopor
llamado
entre los pisos

(2)

El paso
sin paso
anestesia
tradición
férreo proyectil

(3)

El muro
segundas sombras
columnas invisibles
Indicaciones
Atmósferas

(4)

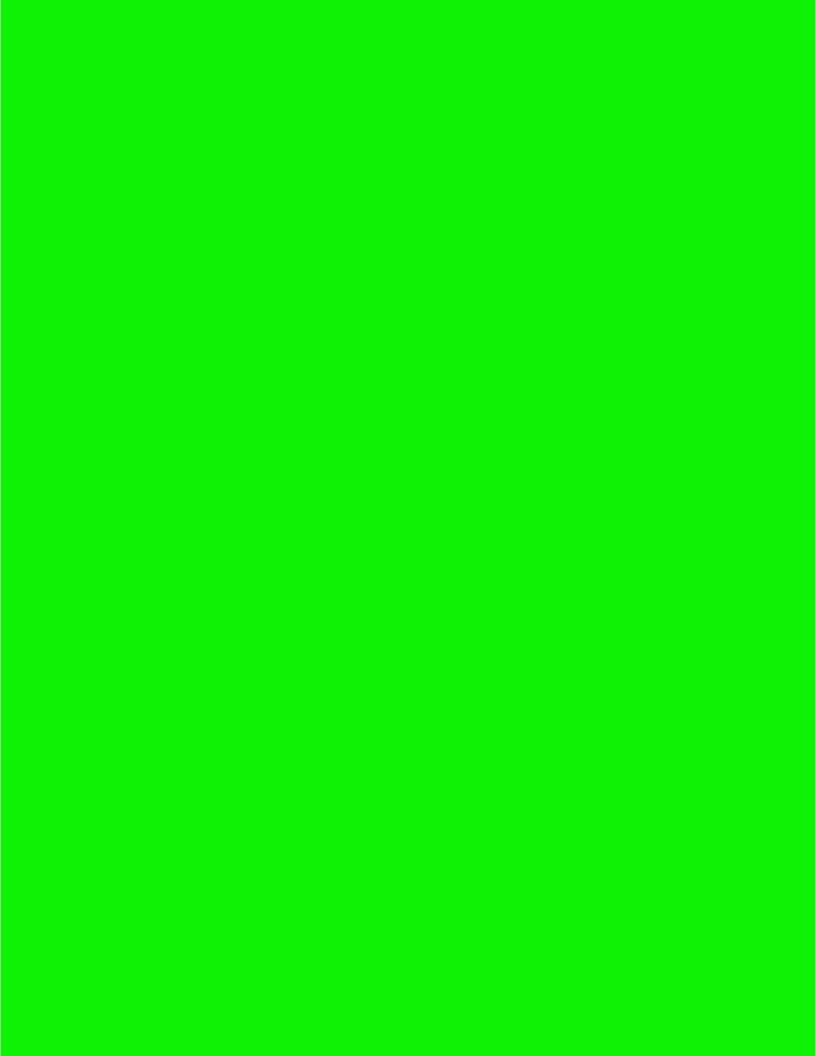
El llano
asiento
circuito digital
inmunidad
Bordeando el límite

(5)

Sin paso
Estrella de alambre
Intacto
contrasentido
Escalera diminuida

lucas leme

receita do bolo:

3 cercas, 2 máscaras, 2 mãos, 1 caminho
e um pouco de força.
o abraço é o contato do porvir. possibilita
cultivar lembranças do que ainda não
veio a ser. possibilita permear fronteiras
na ressurreição pagã dos que não têm
metal. muitos insetos sobre a bosta ou
os milicos em seu habitat natural. na
realidade do fascismo cotidiano, ele era
sempre imigrante ilegal.

Será o entre uma ponte ou um muro?

Será a pele uma Barreira/fronteira ?

No contato, sempre há risco

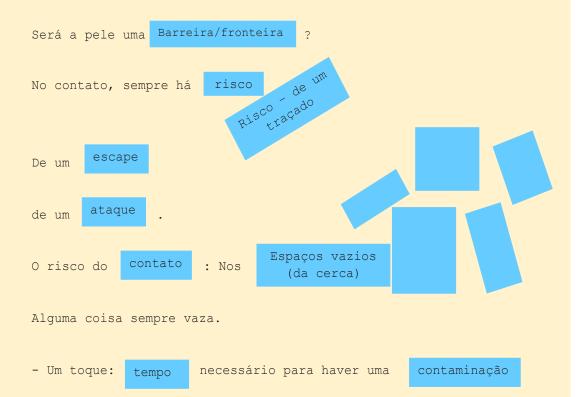
Risco - de um traçado

De um escape

de um ataque .

O risco do contato : Nos Espaços vazios (da cerca)

Alguma coisa sempre vaza.

- Um toque: tempo necessário para haver uma contaminação

do eu e você.

Léo Pontes, 22/05/2021.

jardel oliveira

Diante de minha morte,

sustentei orgulhoso meu Protesto
Protestei contra o não ser ouvido, contra o não ser visto, contra o não ser reconhecido Servia a nada, mas protestei
Foi o que pude fazer

Reprimido, ressentido, esquecido: morri minha morte
Meu rosto era uma máscara, que era também o rosto de muitos Em muitos pensavamos ser algo, mas não éramos o bastante Detrás das máscaras não éramos pares, ergo morremos

Resistência e combate, pedras contra os escudos, carne contra os projéteis
Perdemos o dia, a batalha e a vida, perdemos muitas vidas
Perecemos separados, como estranhos que a metralha deita como o vento deita o trigo
E humilhados como o trigo frente ao ferro, banhados de sangue, não pudemos nos levantar

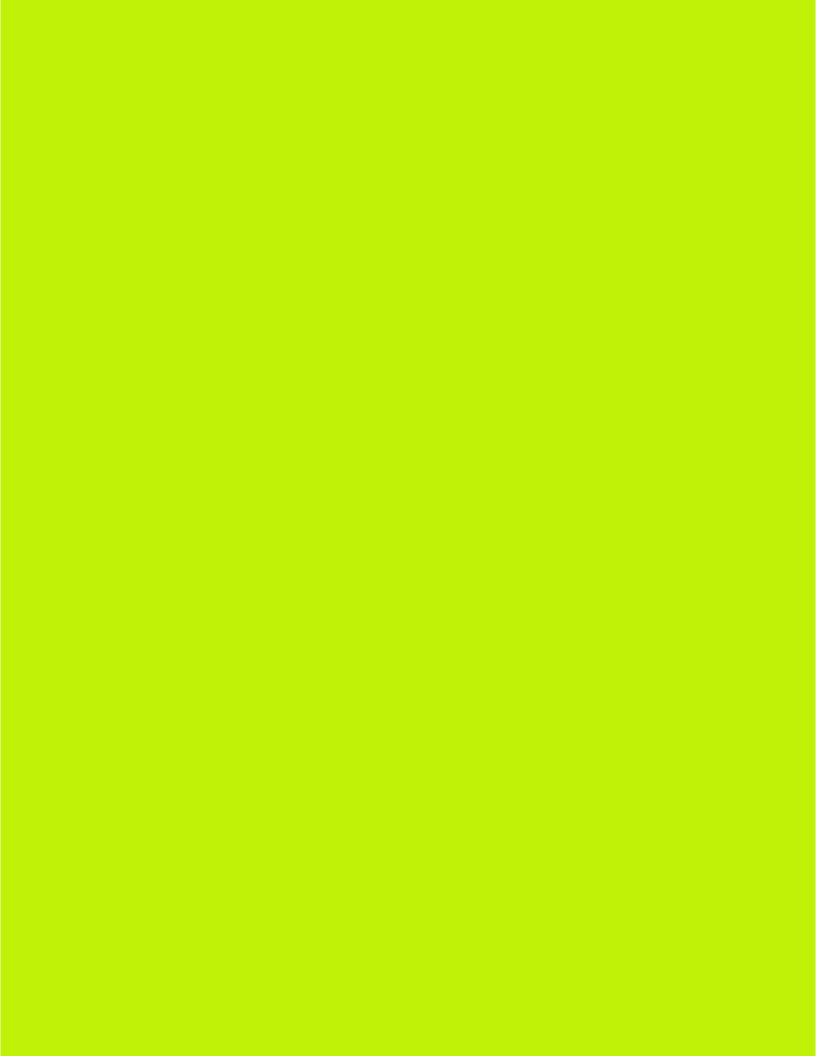
Nenhuma Defesa, não havia o que defender
Sem laços que nos unissem, sem vínculos que nos sustentassem
Separados na vida e estranhos entre nós, morremos iguais Pequenos em vida crescemos na morte

Uma Fronteira foi derrubada, um limite foi superado Finalmente irmãs e irmãos, definitivamente igualados
Do adubo de nossa carne nasceu uma frágil, desconsolada flor

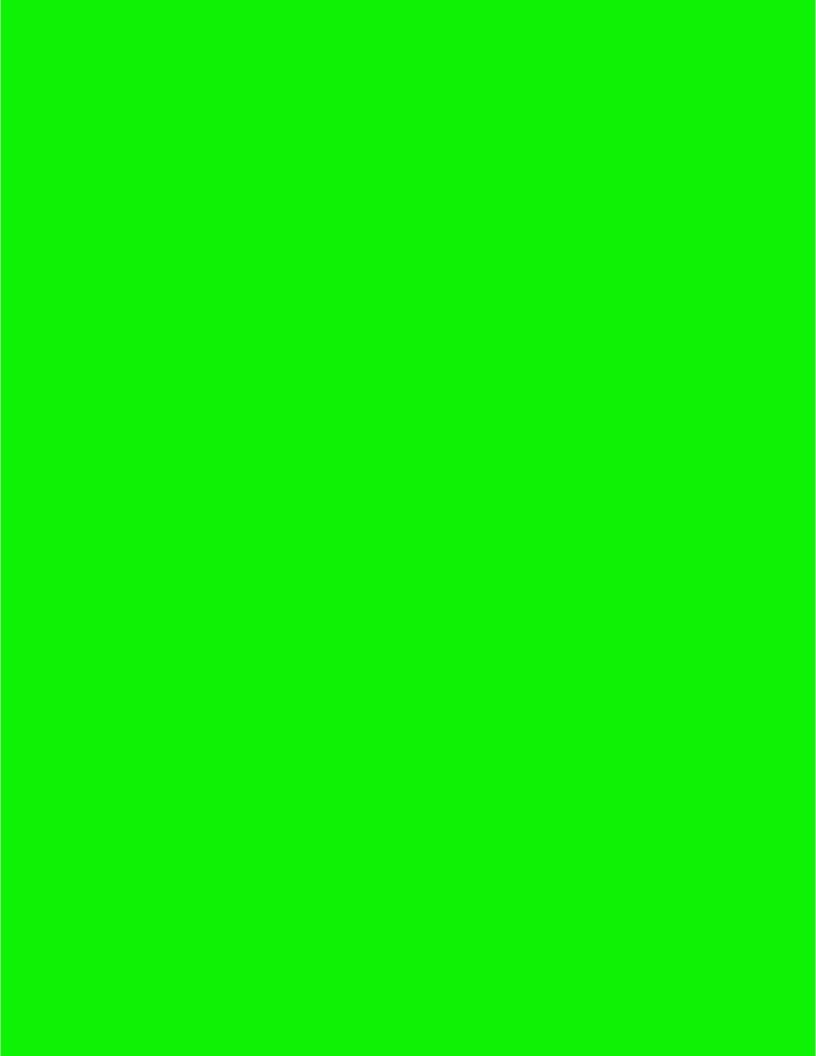
Sendo a flor de muitos, decidimos dar-lhe um nome, que a fizesse nossa filha
Escolhemos chamá-la de Luta, entre poucas boas escolhas

E Luta cresceu e tornou-se alguém

No rosto Rasgado da terra desenharam o progresso, a velocidade, o futuro e a ordem Pouco pudemos contra tanto aço, potencia e vontade
Pouco adiantou parar, negar, renunciar
Sujeitos involuntarios e estranhos em vida
Trigo abatido pelo aço forte do progresso e da força Nao escolhemos a Esperança

Ela porém chegou a nos, filha de nossa filha Luta
Como a chuva que nao escolhe onde cair
Mas que subversivamente alcança a todos e perpetua a vida

acauã allende

É apenas um pensamento

Caminhávamos nós, como povo
humano. Nas partes de baixo, pescoço
pra baixo, nas partes de cima, pescoço
pra cima, distopias. Cada qual com a sua
matilha, cada qual com a sua fronteira
imaginária, separados pelo acaso dos
casos, irmãos de sangue, separados por
tudo que já passara.
O atravessador dá risada, faz fumaça,
na maior o cara lavada. A matéria e a
burocracia olham a resistência e fazem
piada. Mas se esbarra queima, cento e
dez porrada, duzentos e vinte correria
pelos pensamentos. Resistência nunca
acaba. Na cabeça semente trocada.
Nas ruas balas de borracha. Trem pro
futuro é resistência com mesma sextilha
cantada.

juliana monroy

Persecución boca fuego

humo negro desespero
desierto entrega piedras
casco volando lejos
ilusión desconocido comienzo
promesa frondosa censura
aguanta esperanza
división gesto fugitivo
juntos peligro resistencia
generaciones
                    aire
                        imaginación.

]]

Palavras à meu encontro

Grandiosa viagem eterna

O vagão do meu peito, carrega um pouco de si

Adiante pelas estradas e poeiras do céu

Sigo o trilho que não marca a Terra, move.

Nessa breve ida que se encontra, vida em caminhos de olhos fechados;

Resistir é nutrir o pé da cabeça

Mesmo que haja o que fere

Também há o que flore.

[[[

solo cura

22/05/2021

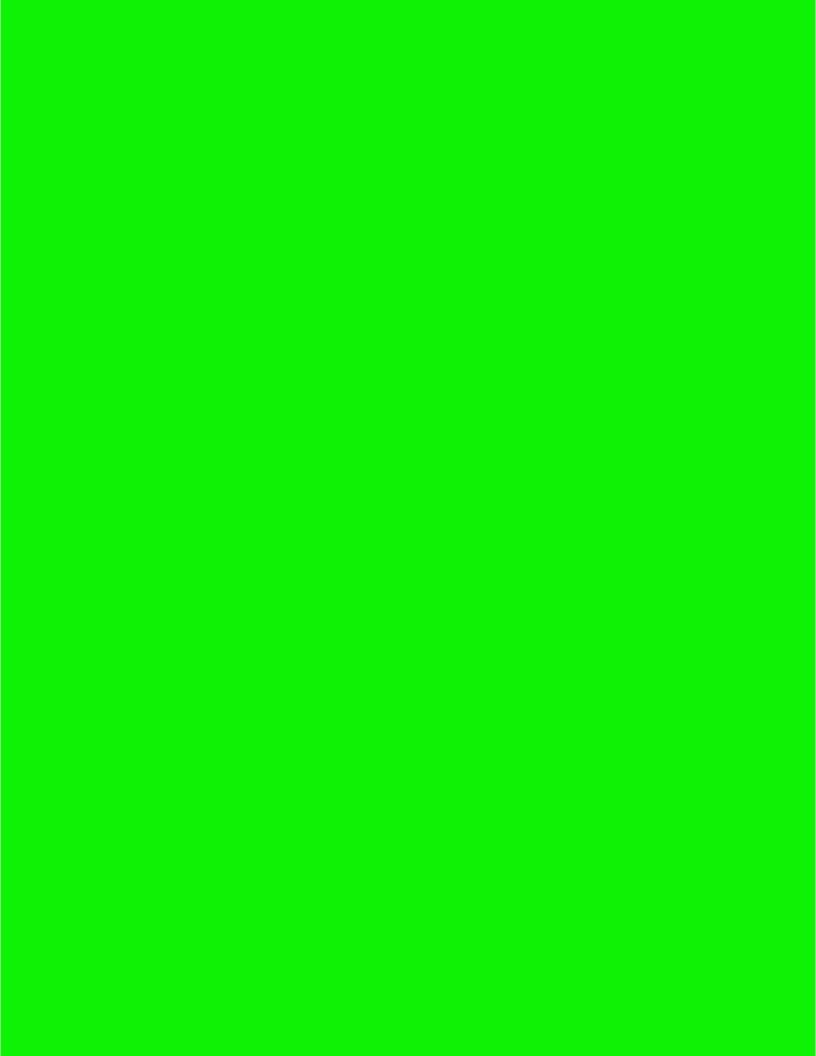
ejercicio desarrollado a partir de la observación de un detalle extraído del tríptico *El jardín de las delicias*, de Jheronimus Bosch [El Bosco] (c.1500-1505).

diego kiil

Volta

meu bem,
tentei te resgatar da tua própria tempestade,
mas o animal da misericórdia tinha saído do casulo
causando a maior das tormentas

antes que eu conseguisse quebrar o ovo da saudade
bagunçando as águas da razão,
tu não voltaste ao próprio navio depois do naufrágio.

Assim, eu não nasci para Penélope a esperar os
tripulantes nem a volta de pássaros pequenos caídos
do ninho.

O ovo. Ao abrir a geladeira, notou, primeiro com o nariz. enrugou a cara, *com nojo*. Um dos ovos estava estragado. O ovo, porém, não pensava isso de si mesmo que estivesse estragado, porque ali dentro, no seu caldo fetal, já haviam vermes que devoravam o festim germinativo, os sucos d e l i c i o s o ssssssssssssssss

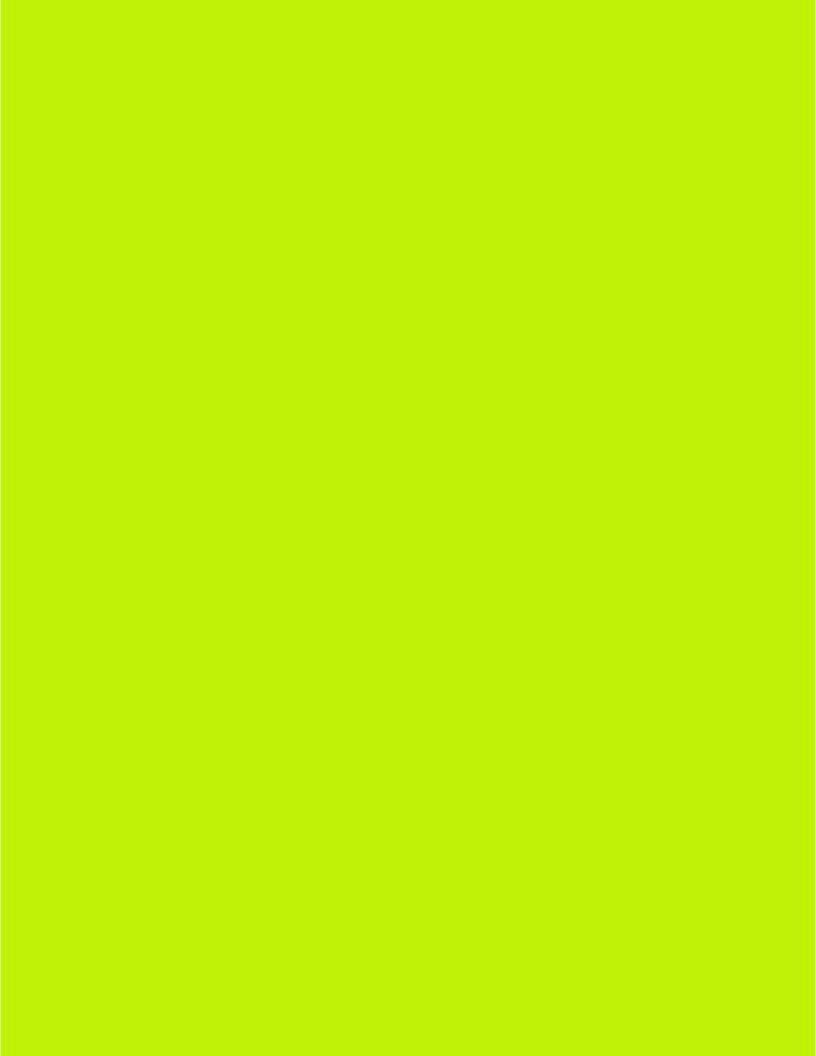
da vida e da morte.

E estes bichinhos, ah estes bichinhos! Eles definitivamente sabiam como se deleitar no ovo, em seu magma putrefativo. Com o gesto quase cirúrgico de uma faca, perfurou a casca do ovo ~~PODRE~~, ativando um efeito imprevisível: em torno da perfuração, uma falha se desenhou em todas as direções. E numa enxurrada, a festa se liquefez adiante pela greta, espalhando-se no fundo da pia, abarrotada de louças. O líquido maravilhoso se misturou com outros restos, e o encontro inesperado produziu uma dança, uma união copulativa do chorume, destes seres que costumam habitar estes asquerosos rincões. Com outro gesto aniquilador abriu a torneira e lavou o carnaval de uma só vez.

O humano. Ao abrir a geladeira, notou, primeiro com a ponta, enrugou a casca, *com* gozo. Um dos homens estava estragado. Eles, porém, não pensavam isso de si mesmos que estivessem estragados, porque ali dentro, no seu caldo fecal, já haviam seres que devoravam o jantar excretativo, os caldos d e l i c i o s o ssssssssssssssss

da vida e da morte.

E estas coisinhas, ah estas coisinhas! Elas definitivamente sabiam como se deleitar no homem, em seu sangue faminto Com o gesto pouco bonito de uma faca, perfurou a pele ~~NOBRE~~, ativando um efeito desejável: em torno da ferida, um risco se desenhou em única direção. E num desbordar, a morte se liquefez adiante pelo rasgo espalhando-se no pé do chão, habitado por outras coisas. O líquido asqueroso se misturou com estes seres, e o encontro esperado produziu uma cópula, uma união destrutiva da carne, destas vidas que desejam habitar estes ostentosos rincões. Com outro gesto auto aniquilador pulou na poça e nadou no carnaval(interior) por uma vez, só.

A boca do oco do ovo.

Frio na espinha da galinha. Estão retornando pra dentro do ovo.

La gallina piensa *clique aqui e veja a galinha pensando https://bityli.com/bNtom

*veja o vídeo com o áudio desligado e acorde a galinha e retorne para o texto.

Pucuu, uurr, tuc, tuc, „ , „ , „, , „„ , „, , „ „ pucu, cócococcoccccccccccbcdkufiu/:sjsajdh^_^gdfhsag.com.br
o que aconteceu aí fora pra voltarem pra dentro do ovo? Falta de calor humãeno?

calor humãeno
calor humano

calor humãeno

calor humãeno
calor humano
calor humãeno

*Clique e assista até 0:30 segundos e volte para o texto. https://bityli.com/v1htS

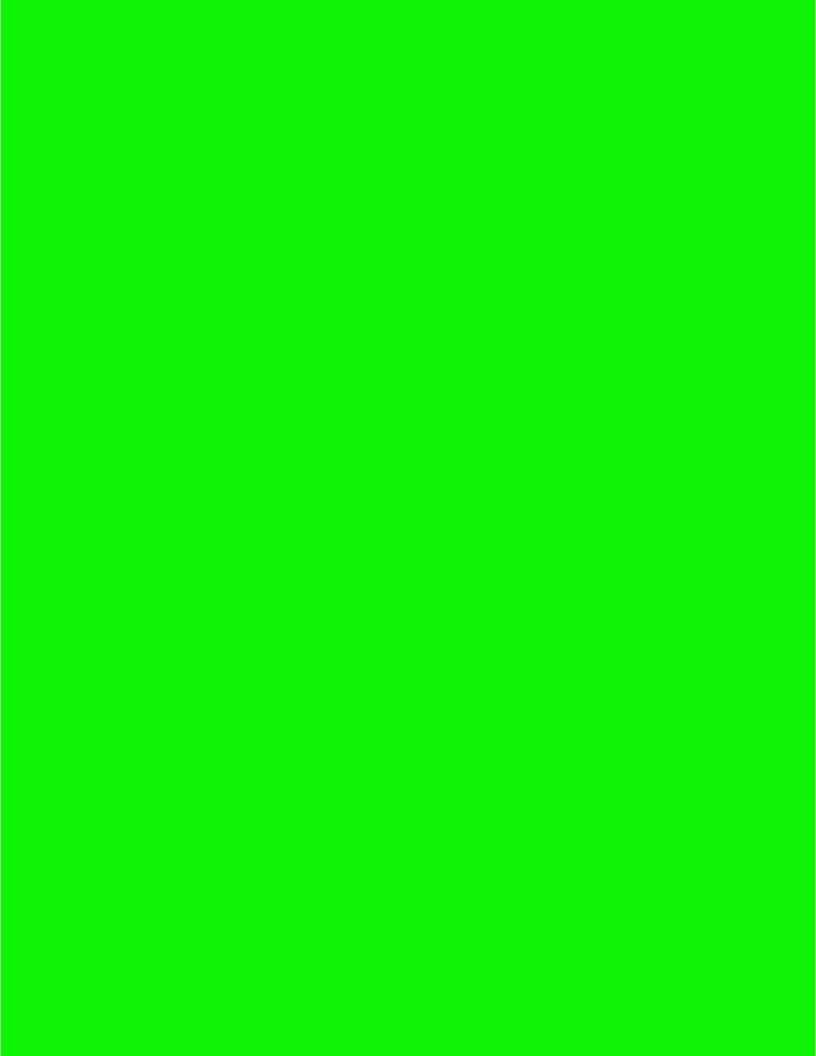
*Clique no link para continuar a ler https://bityli.com/7SD8z

*deixe o vídeo tocar até o fim.
*Leia o texto lentamente.

* Enquanto escuta, leia o texto quantas vezes quiser.

* Experimente ler frases soltas várias vezes. Experimente saborear as palavras dentro de seu oco.

Retornar nunca é voltar para o mesmo lugar
Não existe voltar a ser o que era depois do pensamento
Só existe ser
Voltar para o mesmo ser não existe
Não existe mesmo lugar no pensamento
Não existe mesmo lugar no tempo
Não existe tempo
Retornar seria uma espécie de medo do ser?
Que se tornou
Tornou a voltar
Tornou-se para voltar
VOLVER
Vuelve
Não existe mesmo lugar para nada
Afinal
Nunca se retorna para o mesmo lugar
Retornar seria uma espécie de vontade de voltar a ser o que era?
Voltar no tempo
Tempo AGORA existe
Não existe voltar
Retornar seria uma espécie de saudade de calor humãeno?

*Agradeço da forma mais generosa, como um filho que agradece a mãe, a pessoa que filmou a galinha, Hieronymus Bosch, Arnaldo Antunes, Vitor Araújo e todxs companheirxs do Conficcionamientos 2021 . Obrigado!

Ovo

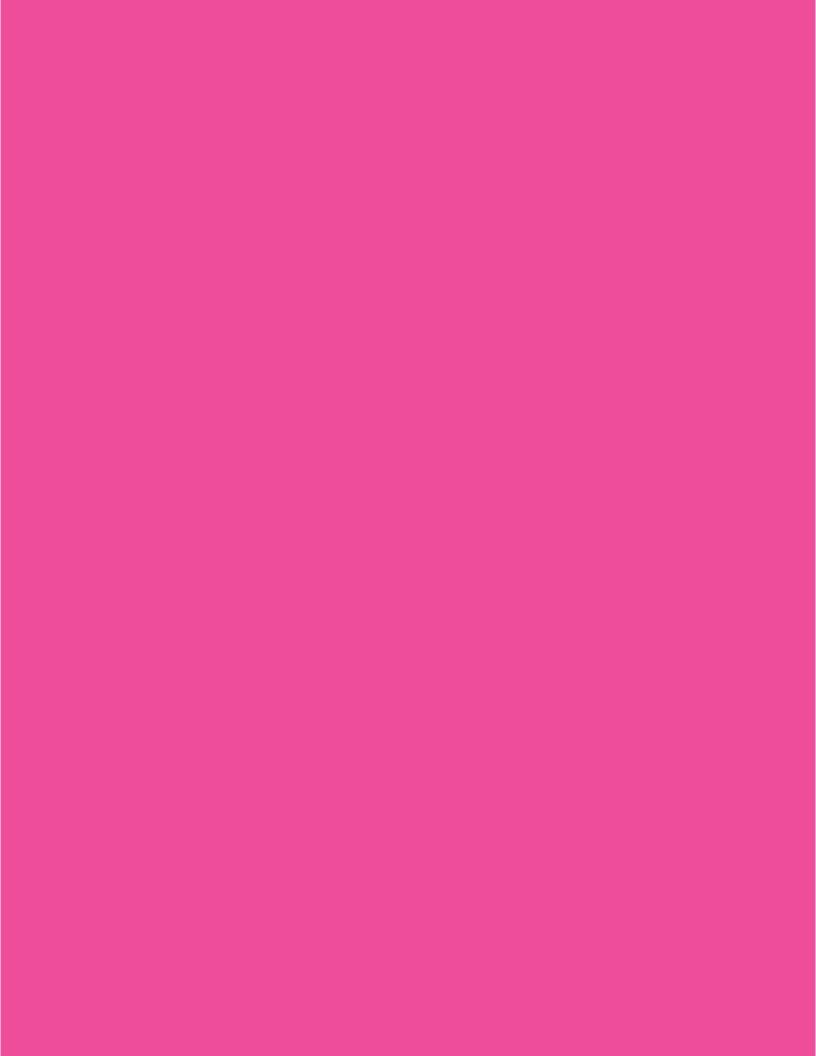
Oco

Choco

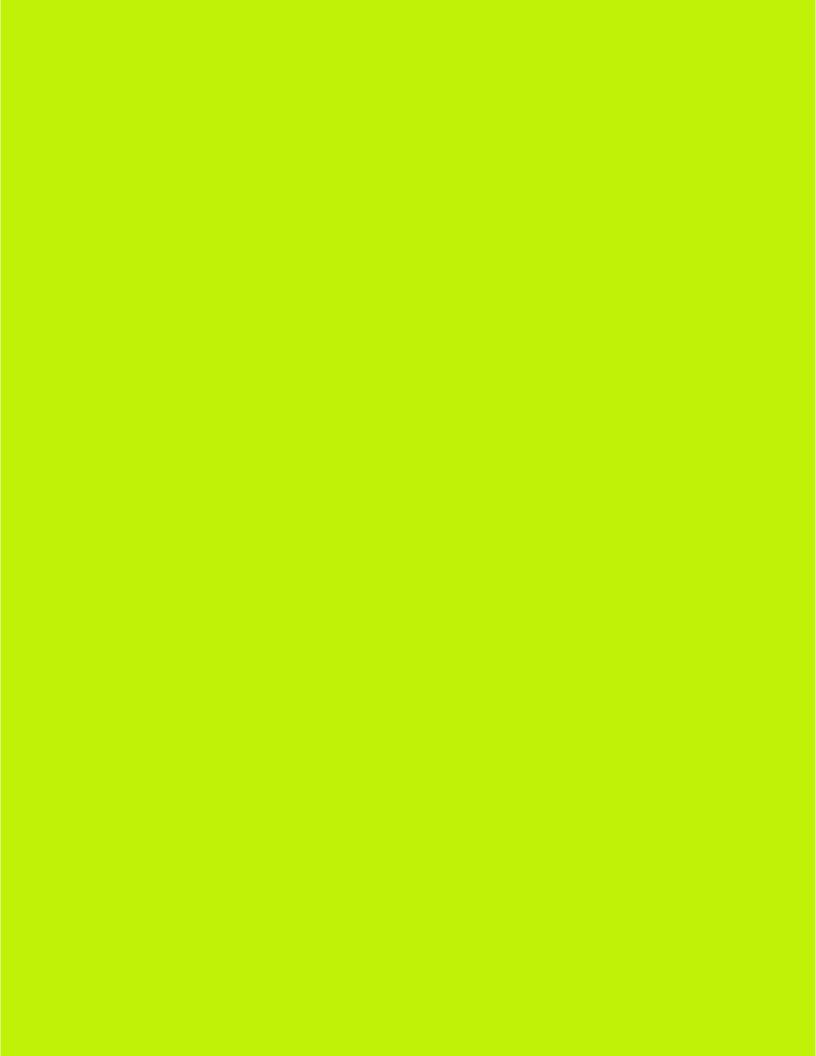
Cheio

Entre muitos meios. Nada, nada, nada e chega à beira da margem do início onde começam fins. Nem o ovo, nem a galinha, quem veio primeiro não veio. Nunca se foi. Nunca só si. Num doce do leito, um mar de longas ilusões para navegar ao fundo do céu(oceano). Entre outres, outros entrares. Habitar em si para conhecer outras formas, habitar outras formas para então desconhecer. Adentrar ao que já quebrado, rompido para um novo que não chega e também não passa. Uma morada que não mais pertence, uma saudade do que não chega até a memória. O ovo destruído não é escolha, não a primeira quebra. Da mesma maneira que não há voltas, o ovo também não para de crescer. Entrar ao que não mais e novamente germinar-se para uma nova destruição. O destruir é a essência dos movimentos na escolha de quem volta à casca. A casca não nasce como faz nascer. É de uma rigidez enorme em sua fragilidade. A busca e o retorno são percepções do mesmo passo; é preciso cansar para haver descanso e, é preciso descanso para poder suportar e encarar. Entrar dentro, entrar fora. Fugir do rebanho indo em sua direção, afogar-se ao raso e dormir em paz na tranquilidade das zonas abissais. Num agradável desconforto, nascer já em vida e buscar morrer eternamente. Puxa, empurra, arrasta e quebra. Chora, chora a dor de entrar no próprio nascer; um susto, um pulo e um não encontro. A gema não existe mais da mesma forma. A gema agora geme a vida. Um corpo que goza, goza a dor. Ensandece, retrai e avança. Necessita a quebra e o kaos para morrer ao novo nascimento. Uma rachadura é o início do processo quebra. Não há volta, não há volta, não há. Destrua e nasça, para eternamente aprender a morrer. Entre voltas e voltas, não há volta, não há.

Saia. Choque. A luz nem sempre ilumina. Ofusca e desgasta, brilha a beleza do(a) ignora(ncia)r, vestindo-se confortável aos olhos de quem não quer enxergar. Enxergar! E quem se dispõe, choca. Não há volta. Não há volta. Não há. Não.

solo cura

lucas leme

semana passada estava indo ao mercado

quando a menina que mora comigo me pediu para comprar uma caixa de ovos. apesar de algumas extravagâncias, ou de nossas diferenças, ela tem um sorriso amigável. aqui em casa, quando você vai descer a ladeira até o mercado, pode ser que seja interceptado e tenha que carregar, na volta, morro acima, uma lata de cerveja, sardinha, salsicha. acontece que dessa vez a garota articulou um aposto que, aparentemente inocente, era o germe do incontornável; bem como também metros intransponíveis que nos separavam. "por favor, pegue os ovos da Korin, de galinha caipira, da bandeja com 15". sou de humanas, mas fiz mentalmente a conta de quantas cervejas esse detalhe poderia me custar. assenti, já que vocês sabem que nesses dias encontrar companhia adequada para dividir o lar é uma tarefa traiçoeira. mas vislumbrei, numa fenda temporal que se abriu naquela partícula de instante, que o ovo era a origem do fim. voltei pra casa e entreguei para a menina seus belíssimos e lustrosos ovos orgânicos. da outra sacola, retirei meus ovos genética e humildemente modificados em virtude do lucro. comi um pão com ovo.

ovo quente nas mãos

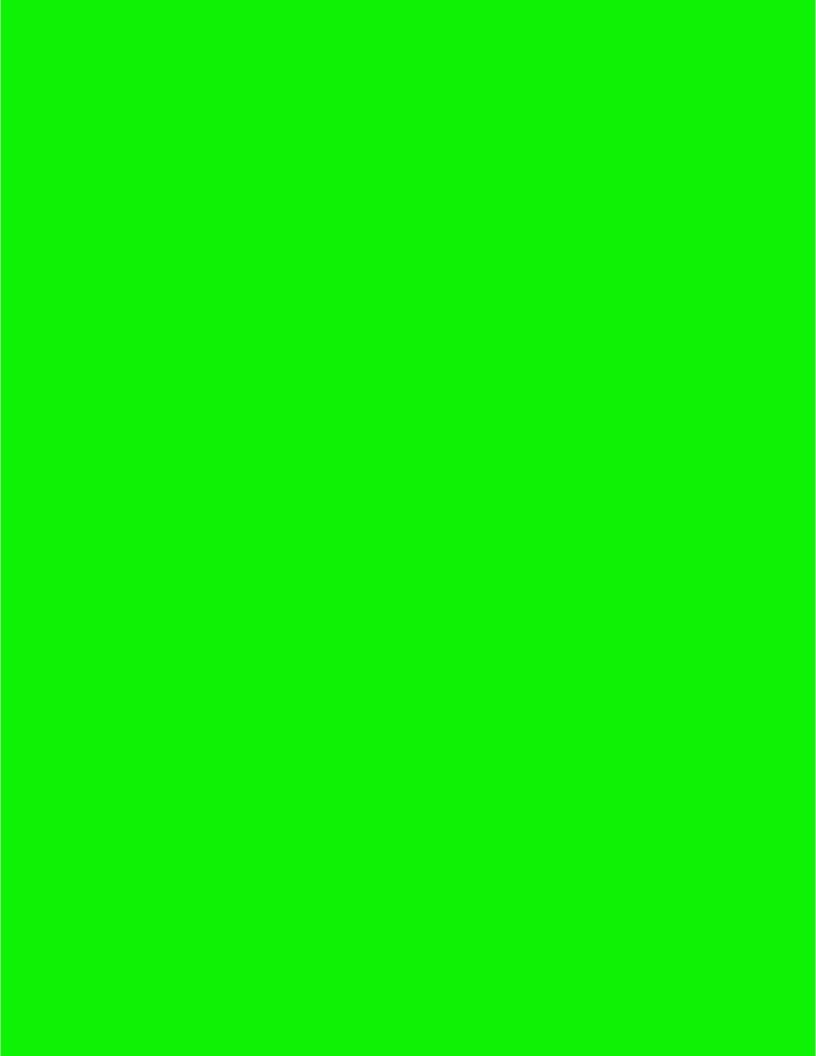
Instruções de leitura: Se possível inicie o texto pelo pé da página, de baixo para cima.

Parou. No instante em que tudo se congelou a direita apresentava seu painel catastrófico, o fim dos dias estava anunciado. Fragmentos. Restos. Rastros de existências. Mas quando parou ? ? ? ? Era coisa que acontecia por ali, bastava olhar. Tanto que no lado esquerdo, certa dormência, por vezes retornando pra dentro do ovo quebrado. E quem não

O tempo parou. Ficou guardado dentro de uma janela. Mas como seria possível o guardar o tempo¿ A janela é uma coisa ambígua... Ela conecta duas realidades. A de dentro e a de fora. Os olhos são as janelas da alma. As janelas se impõem em determinadas posições. Sempre ao meio, no encontro de dois mundos: dentro e fora.

Hoje o tempo parou. Ficou guardado dentro de um ovo. Mas como seria possível guardar o tempo, pensavam. O ovo é uma matéria prima da natureza. O ovo é o início ou o fim¿ Imagens da galinha e do ovo e do ovo e da galinha. Mas quebrar o ovo é deixar o tempo escapar. E ainda assim, o ovo e sua imagem se possuem. Antes de início e do fim, é o meio. Ser ovo é estar num estágio de dormência entre o início e o fim. Durar enquanto ovo é resistir é estar existindo.

E o resto ficava com aquele baita ovo quente na mão e a resto ficava com aquela baita ovo quente na mão e o resta ficova com aqueli baita ovo quentE na mão e o rexto ficava coum aquele baita óva quenty na mauo e o reisto fikava Kom aquile basta ovo quente na mão e o resto ficava com aquele baita vontade quente nas mãos e o povo ficava com aquele baita vontade nas mãos e nós ficávamos s

andré macedo

O desejo da origem do desejo da origem

"Humpty Dumpty sat on a wall,
Humpty Dumpty had a great fall.
All the king's horses and all the king's men
Couldn't put Humpty together again."

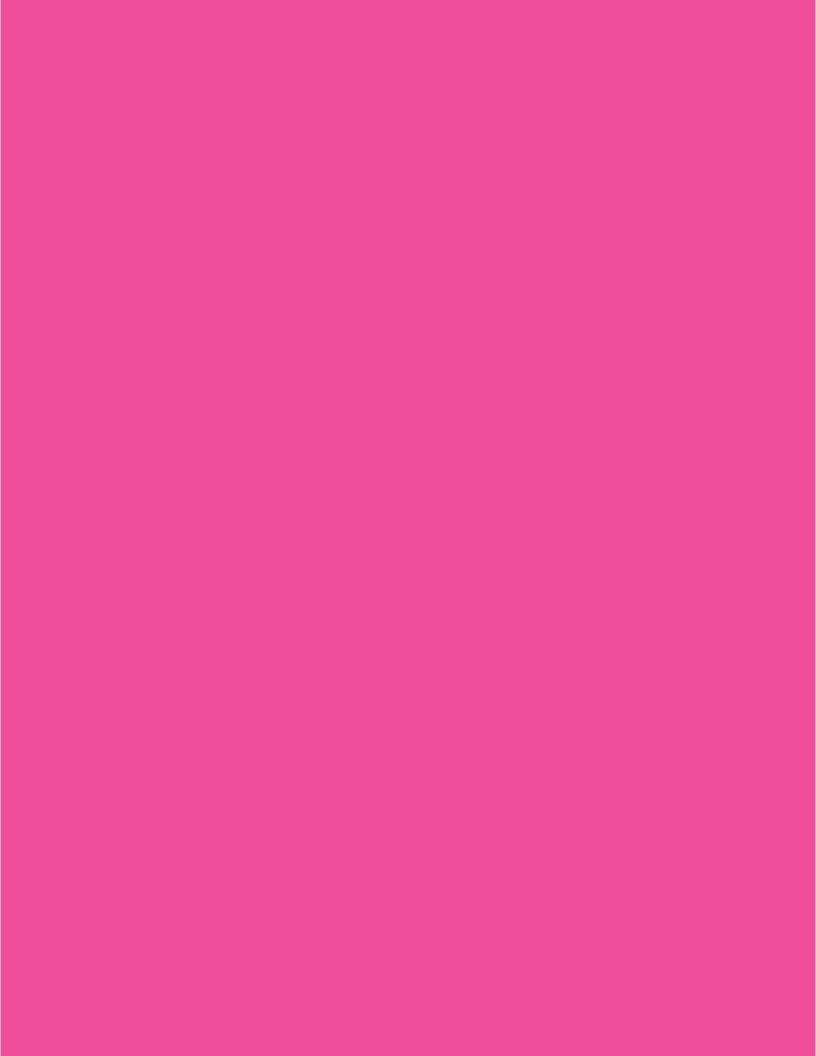
Tradicional inglés

La cuestión -zanjó Zanco Panco-
es saber quién es el que manda...,
eso es todo."

Lewis Carroll

[...] ab ovo usque ad mala [...].

Horacio

Desde el fin al principio, de la manzana al huevo. Del principio al fin: el huevo pudrió la manzana. Regreso al huevo, unos gritan. Hay que regresar al huevo. Negado. *Humpty Dumpty condition*. Arriba del muro, antes de caer, la manzana rueda imperfecta por sus mordidas pasiones. Contra el huevo, la manzana. ¿El postre no era el fin? ¿Hubiera sido el inicio? Da capo. Sin génesis, sin teleologías anunciadas por el huevo. Las cortinas se corren y aparece el interior del huevo. El huevo como tragedia originaria, como rotura inicial. El huevo de la conquista, la manzana de la clásica disputa. El deseo del origen del deseo del origen. La manzana de Eva, Helena, Guillermo, Isaac. El huevo de Humpty. La manzana en la cabeza de Eva en la boca de Isaac en la mano de Helena. La flecha en la cabeza de Eva, la manzana que cae a los pies de Helena, Isaac la recoge, la muerde y la tira. Las diosas acaban con la disputa. Guillermo intenta encontrar una parte no mordida, no para comerla, sino para equilibrarla de alguna manera. El huevo de Colón no se para, los reyes dudan, no habrá viaje.

O Jardim das Delícias Terrenas - Detalhe

jardel oliveira

A tela-terra pulsa de vital-idade

Vida aquática, vida terrestre, vida volante invisível... o que voa vive, mas não só o que voa vive: o Ovo se alimenta e vive

As cabeças são dez, os corpos são onze, tecido único de es-pele-rança, de humana úmida tecitura

Escura brancura, aconchegante e erótico precipício, ovútero que engole os buscantes, vida que emerge de um lagrimo, mãe predadora que se repete e devora

Em verde-blu se banham brânquias enguias de algas elétricas ensimesmadas

Peixumanos desabrocham sorrisos invisíveis, devoram-se generosos, as mútuas almas em si mesmas enoveladas

Olhos cegos e arregalados procuram onze pontos cardeais, perdidos e atônitos na fragilidade de um mundo feito em seis dias (bastavam três) por um demiurgo entediado

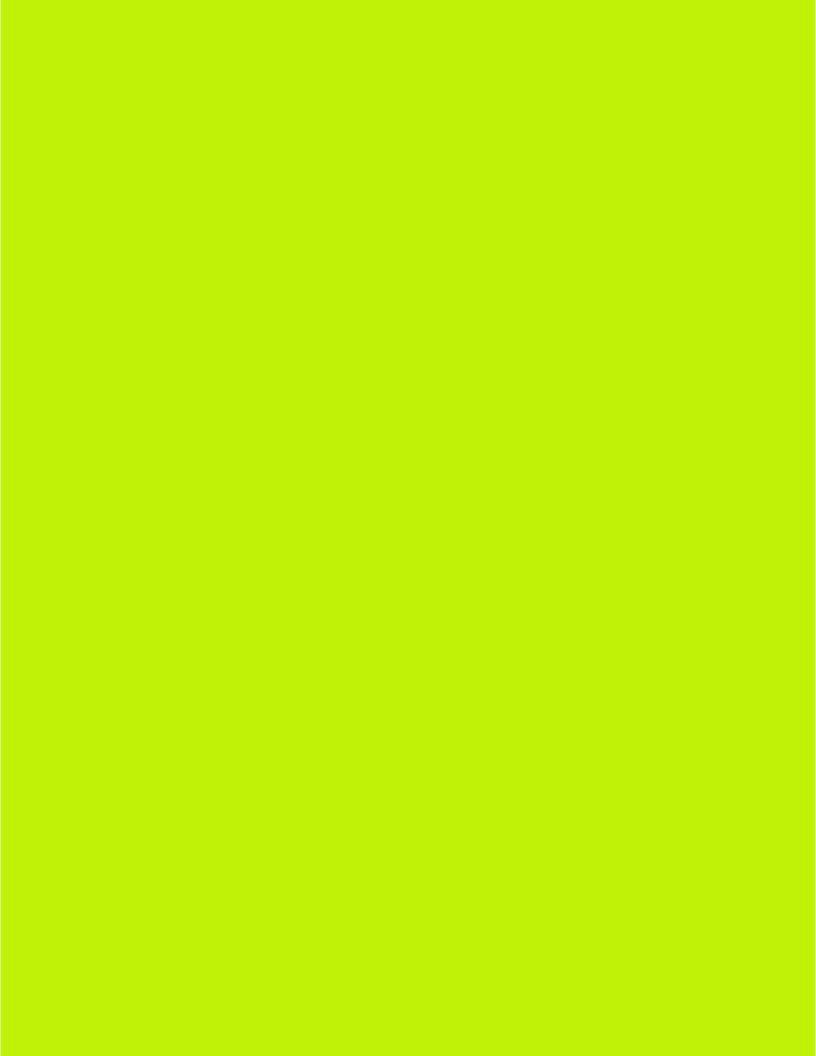
Mudez, mudança, maciez, nudez, nuance: o verde vulgar é a cor da paleta que mais assemelha à pele humana - aquela branca, não aquela profunda bela e negra como o abismo sideral

Procuro e encontro e perco alguma inocência: a pouca pureza possível entre céu e inferno, entre o antes e o após, entre o passado que promete e o futuro que apavora

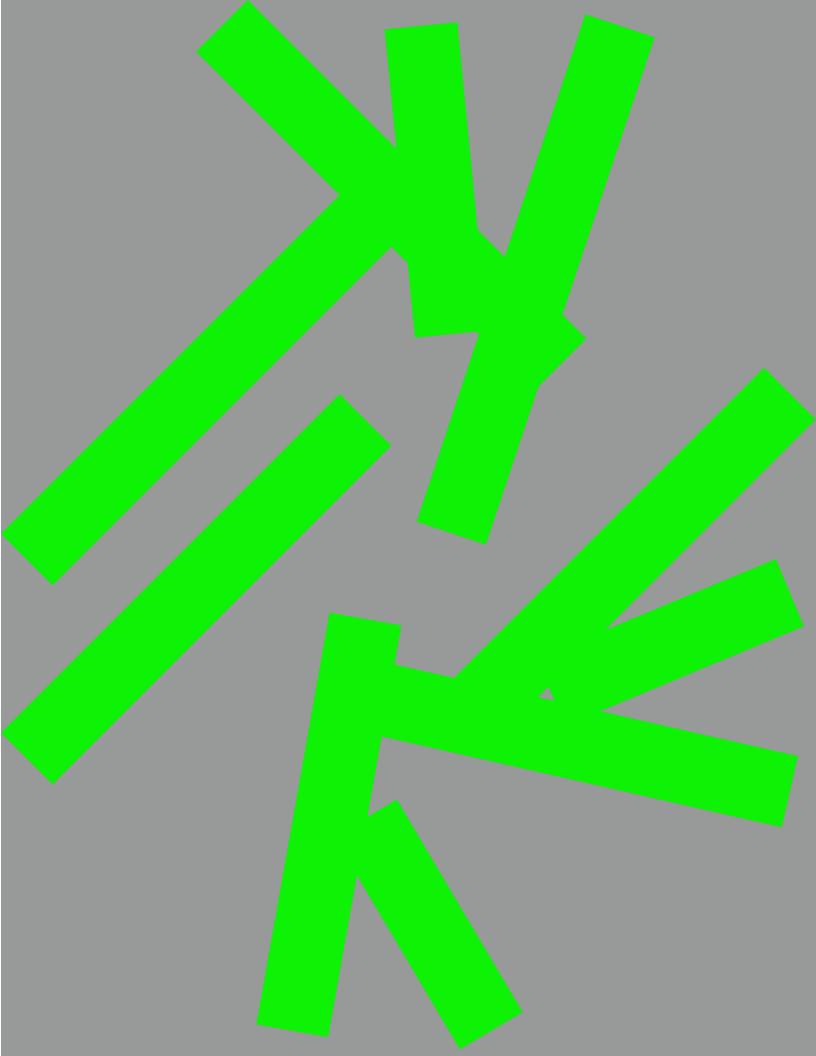
Só existe mal onde existe pecado onde existe pecado
onde existe pecado
Ouviu, Acauã? A terra sem mal é aqui!

Rousseau e seu bon sauvage, Lévi Strauss e sua Guanabara banguela, Cioran indiferente passeando completamente nu pelas avenidas - sob o olhar de um deus impotente que o observa, porque só existe o que é observado

Nesta terra nua de presente eternidade nada é substantivo, tudo foi Verbo, tudo será consumido em um fogo adverbial denso de ódio e de culpa

Me plasmo em buscadora inquietude com o ovo-escrito-encontro de mim mesmo
Em três palavras - preguiça, gula e luxúria - resumo Todavia e outrossim:
O bosque vegeta O ovo sulfura
O gozo acaba

Estação mundo

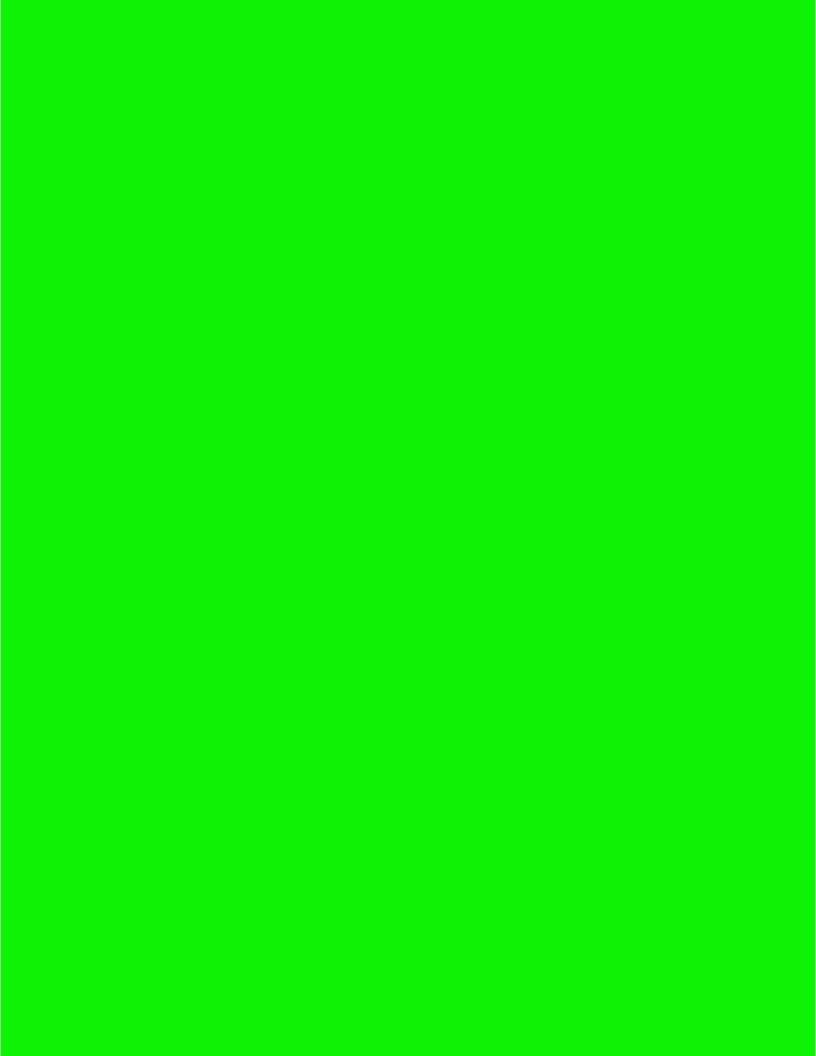
daníazio dorneles gonçalves

Não há vagas. Esperem o próximo
ovo. A próxima estação. O próximo
ano. A próxima vida. Aqui está lotado.
Coloquem as máscaras. O ar está cheio
de pesticida. Borrifem o veneno diário
antes de entrar no ovo. O ovo pode estar
contaminado. Melhor aqui do que lá
fora. Deus está conosco e aceita pix. Os
dados estão piscando na tela. Para dar
uma volta sem volta o ovo serve bem.
Lá fora é até pior. Alguém esqueceu lixo
radioativo na costa da África. Toneladas.
Alguém sobrevoa lavouras de soja. O
mundo está contaminado. Mas não
posso fazer nada, minha senhora: o
ovo já está lotado. Venderam bilhetes a
mais. Vai ter que esperar. A companhia
está abrindo novas linhas. Contrate
pelo aplicativo, que é mais barato.
Não pode levar bagagem. Aliás, nem é
necessário... Espere na plataforma e não
saia dos trilhos. O próximo ovo está a
caminho.

se propone jugar oralmente con el nombre propio hasta provocar que su resonancia evoque extrañamientos que propicien su narración.

nome
na
boca

JOAO	JANTO	JAVEH
ANTONIO	ATENDO	APOLO
RICARDO	RETORNO	RAMA
DANIEL	DEMORO	DIONISIO
EDUARDO	ENCONTRO	EROS
LEANDRO	LAMENTO	LASKHMI
JULIANA	JUNTO	JUNO
ALICE	AGUARDO	ATENA
RAQUEL	RIO	REIA
DANIELA	DETERMINO	DIANA
EDUARDA	ENROLO	EOS
LUCIANA	LIBERTO	LIBER
JULGO	JANELA	JOELHO
ARRASTO	ARAUTO	ARTERIA
RATIFICO	RELATO	RIM
DESTRUO	DESTINO	DIAFRAGMA
ESCULACHO	ESCOLHA	ESTOMAGO
LAMENTO	LIBERDADE	LINGUA
JAZ	JUGO	JASMIM
ANTECIPA	ARADO	AZALEIA
RESPIRA	REDEA	ROSA
DOI	DENTIFRICIO	DALIA
ESPERA	ESCOVA	EDELVAIS
LARGA	LIVRO	LIRIO

OLIVEIRA: “olea europaea”. sylvestris, cuspidata, cerasiformis, guanchica, laperrinei, maroccana. planta de oliva.

Autor: Jardel

L-ambendo os beiços, deixo
e s c o r r e r a vontade de proferir um **grito** que provém do intestino
O rugido ecoa
onde
o ar falta____começa a ode, começa a prece, começa o mantra

ÉOÉÉÉOOOÉOÉOÉEEEEEEEEEOOOOOOOOEEEOOOOOEEEEOOOeeeeeeeooooooEEEEEEOOOOOeeee
eeeeeoooooéeeeeeeeoooooEEEEEEEEEOOOOOOOOeeeeeeeeoooooooEEEEEEEOOOOOEEEEEOOOOOOO
eeeeeeoooooEEEEEEOOOOOOEEEEEoooooooooeeeeeeEEEEEEOOOOEEEEEEEEOOOOOOOEEEEEOOO

aonde a ode começa o rugido termina, termina na
Dor. (A-) dor devora.

- Devo admitir, que aqui, a dor e a ode se fundem na
mesma tentativa de rugir aos quatro ventos.

Adormecido, o rugido emana onde o ar acaba e onde o ar acaba

Começa a ode onde o ar fala
O ar falta onde o rugido
começa
quando
falta
a
ode
(aonde)
começam
as palavras
onde começam, as horas...
onde o rugido começa? Quando falta o ar?

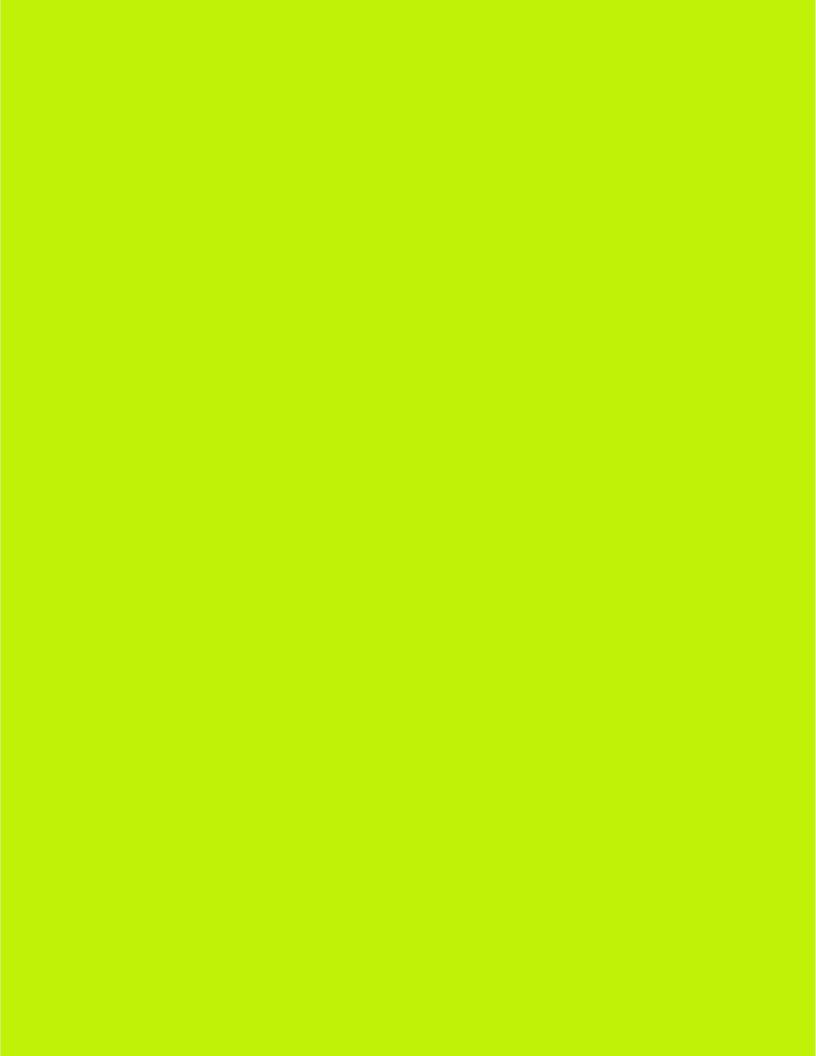
A dor devora, ora
revoa a dor nas horas e o grito (adormecido) se expressa no ar – labaredas de ar leônico – que sai na
forma de um grito mudo, arrastado.
ARRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRR

Léo Pontes, 16/04/2021.

NOME FOME DE NÃO NOMES
NÃO HABITO NÃO PERTENÇO
MAS CARREGO AO BOLSO
NÃO MAIS EM TODOS OS CHAMADOS
MAS AINDA UM POUCO TANTO
DIRIA QUE NÃO HÁ CONFLITOS
E DIGO; NÃO HÁ, ASSIM COMO
NÃO HÁ NECESSIDADE DE CABER,
DE SER ALGUM OU DE SIMPLESMENTE
SER.

NOME DADO, NOME DE OUTROS CORPOS,
DE OUTRAS FALAS, FALHAS E OLHARES,
NOME RECEBIDO E, DE ALGUMA FORMA
É PRECISO PAGAR. NÃO HONRO,
~~TAMBÉM~~ TENTO NÃO DESONRAR. FODA-SE.
NOME NÃO TEM A VER COM ISSO. ISSO
NÃO TEM A VER. NOME; SIGNIFICADO
DO SIGNIFICADO, TAMBÉM DO NOME
DAS COISA, DAS INVENTANÇARIA, DE
OUTRES, DO MEU. NOME.

SAMUEL

SOGO CURA

MANTRA DO FIM

PALAVRA CURTA. MORTE BREVE. DURAÇÃO LIMITADA. SOM QUE NÃO SE PROPAGA NO ESPAÇO, MAS QUE ACABA RAPIDO. EXPERIÊNCIA DO É. PRONUNCÍA E ANUNCÍA A BREVIDADE. NUNCA INÍCIO. QUANDO FUI CRIANÇA, LEMBRO DE A EXPERIÊNCIA DESSE SOM ECOAR E BATER CONTRA A PAREDE ROCHOSA DO OUVIDO. DUREZA FATAL. GOSTO DE AZEDURA LETAL. TONAL. VIBRACIONAL...

ANDRÉ SE CHOCA. EM COMPARAÇÃO, GASTÓN AGE NA EXPLOSÃO.

LEONARDO SE ARRASTA.

EXISTIR EM NOME NA BOCA É QUASE NADA. EXISTIR COMO NOME NA LINGUA É ARTICULAR O SOM. NA PRONUNCIA É DEIXAR RESPIRAR. **NOME / AR!** NOMEAR É DEFINIR. É PONTUAR O OUTRO. CARIMBAR.

QUANDO

FUI

CRIANÇA,

SENTIA

QUE

MEU

NOME

DESPENCAVA.

¿UMA

MORTE

ACIDENTAL?

UM

CHOQUE

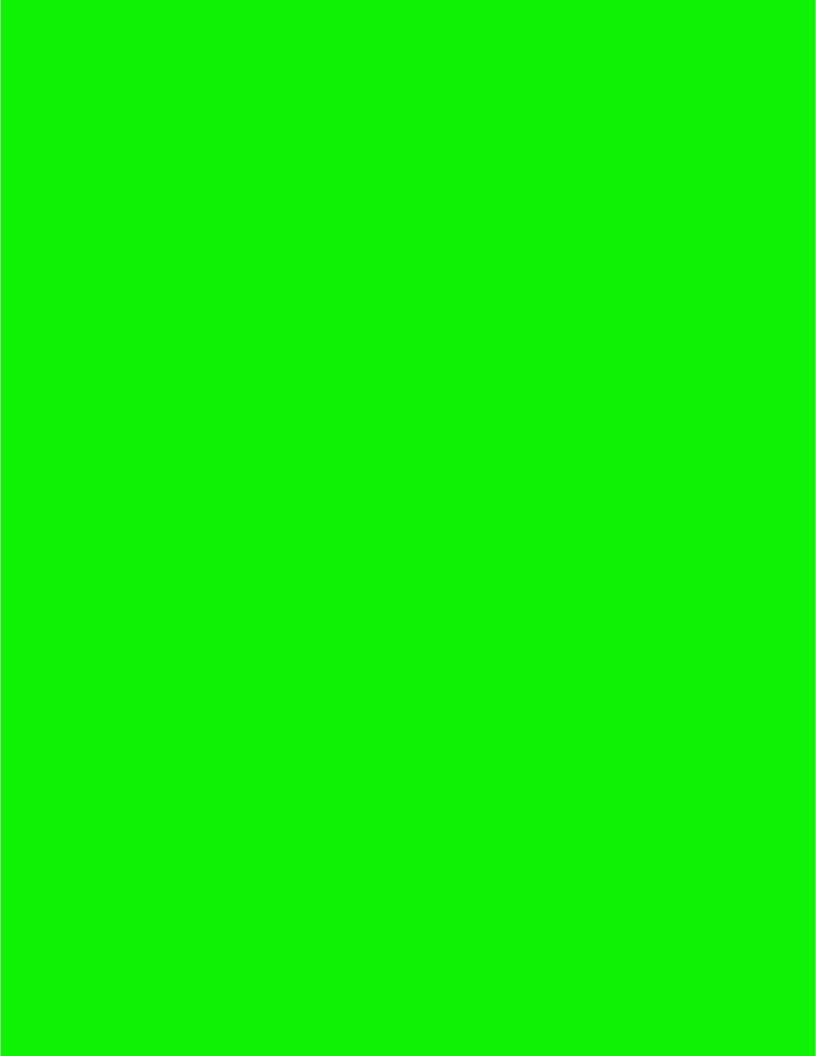
CONTRA

O MURO.

DESMAIO.

F

I

M.

Se pudesse para antes de meu nome voltaria

acauã allende

Me desculpe toda essa demora
na devolução do escrever.
Minha cabeça andou confusa,
desse corpo de 30 voltas minha alma quis correr
como se procurasse um novo casulo.
Volver pra dentro da barriga e tornar a se esconder.
Às vezes tenho medo de escrever,
você sabe onde a cabeça vai.
E não tem musculatura, só um parto é analogia
pra quando uma linha sai.
Se dedo-flechada ou espelho-navalha,
minhas bochechas tem servido para lágrimas feito calha.
Vendo que nesses dias sombrios um irmãozinho sempre cai.
Mas voltando para escrita depois do tombo,
aceitando o intervalo
depois da tentativa de fuga no lombo do cavalo.
No lugar do nome do cavalo, meu próprio nome se habilita.
E a essa altura do campeonato até a manchete obituário o meu nome cita.
“Acauã tenta sair voando de dentro do Acauã.”
Mas dentro do casulo só se ouve lá de fora alguém cantar que é de nanã.
- Te acalma fi de tromba d’água. Te acalma fi da revoada.
De onde trouxeram tua mãe, ela já veio coroada.
Vá avisar feito Acauã, mas cante belo feito Guriatã.

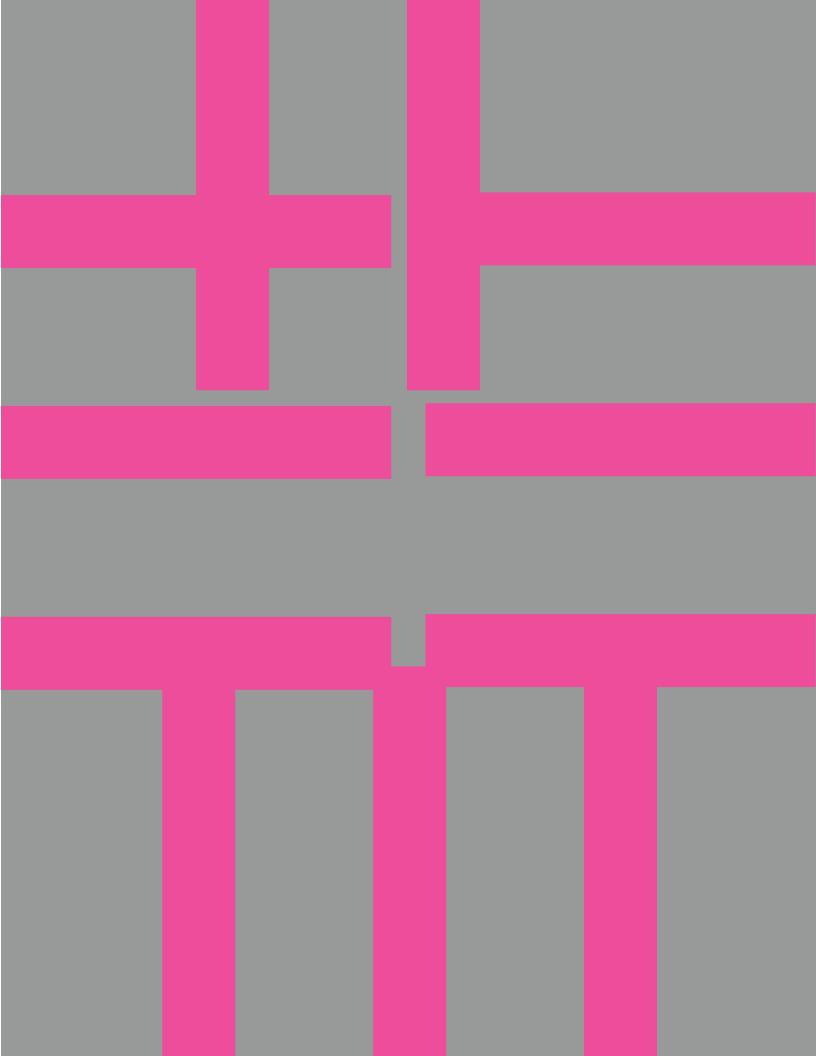
La pelota de plástico roja

gastón cosentino

Gastón. La pelota de plástico roja con la costura saliente que seguí con mis dedos de cinco años. El hueco pequeño que mostraba su falla. Donde entraba el aire y, en realidad, era donde salían los gases al inyectarla. Los gajos simulados. La pateada adulta hasta hacerla parte del cielo. Drone al revés. El cielo abajo. Gastón. Los besos debajo de la mesa con la amiga menos querida por todos. La pelota costurada en sus dos mitades calientes como quemadura de estufa. Al rojo vivo y apagada pero abrasadora como cuando me levantaron de los pelos del suelo, porque quería ir a vivir con mi abuela. Lo que más duele no son los latigazos, sino los dientes apretados de quienes los infligen. Podría soplar mi nombre como una botella. Mi nombre no me llama a mí mismo. Llama a aquel otro que se acostumbró a las dos sílabas (in)familiares cuando las pongo en mi boca. Sin embargo, cuando las nombran, se despiertan desde aquel amarillento libro donde quedó marcado mi contorno jurídico: el de los diplomas y el de las rupturas. El nombre es una marca antes de la tinta. Es un acaso pensado sin ojos, pero que te acaba mirando infatigablemente. Cuando nos nombran nos paramos todos juntos para elevar este frágil cuerpo. Mi nombre tiene las voces de todos, menos la mía. No me reconoce con la facilidad que lo pierdo de vista. Y eso que fue pronunciado más veces por el afuera que por el adentro. Entre mi nombre y mi apellido hay una renguera, un hiato, un mechón de pelo que preciso enterrar en las piedras para poder seguir la subida. Cara de sorte, la fiera, la bestia, la joaninha, la vaquita de san antonio que vuela inesperadamente. El extranjero. Un lunar en el brazo izquierdo para comunicarme con mis amigos imaginarios. Mi nombre no es mi nombre: es de quienes no son yo. La gente que me ama y amo me llaman de otra forma. Mi nombre en la boca de la gente que amo me pesa con gravedad. Mi nombre me recuerda que soy el mismo. Que ese que urdí para ser otro es solo una fantasía. Gastón. La interpelación que me abre en dos como los gajos de pelota de plástico roja.

Alguien dice...

juliana monroy

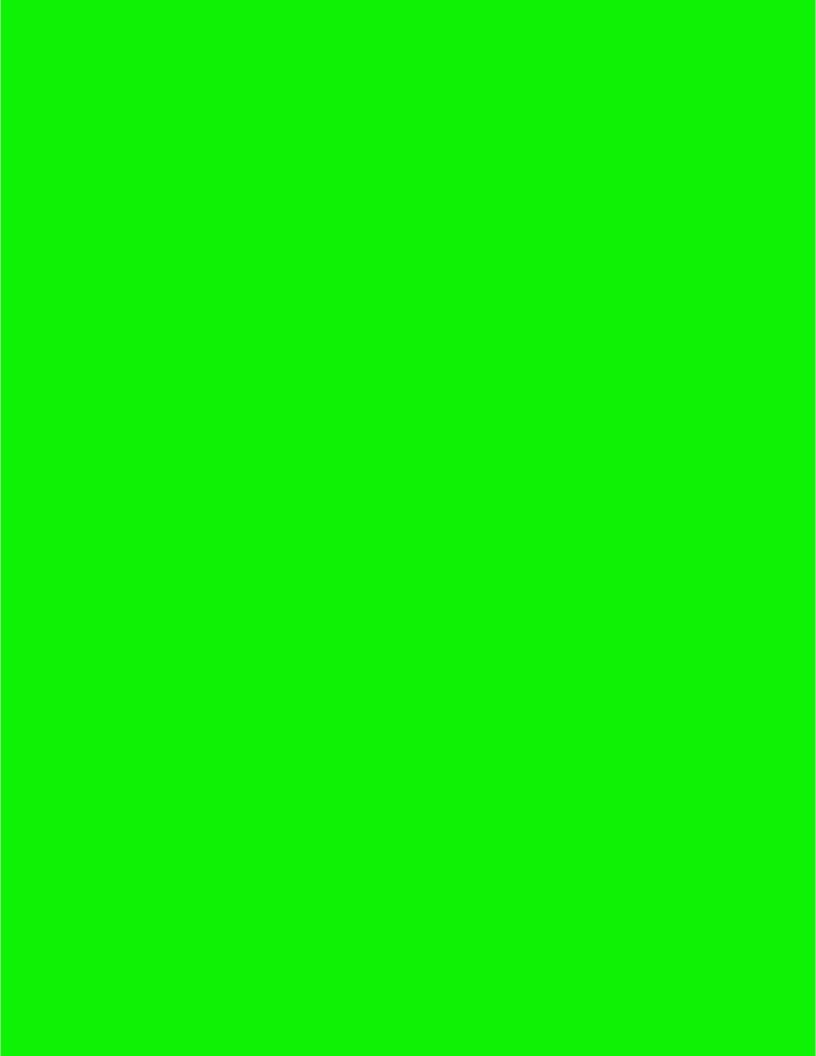
Alguien dice mi nombre. Me giro para mirar quién profiere esa palabra, mi nombre. Me llama sin llamarme, porque ese llamado es para otra persona que se llama igual que yo. Otra persona que responde al mismo nombre. Ella me mira como si yo hubiese cometido un gran error, como si ese nombre fuese tan suyo como la curvatura de sus pómulos. ¿Qué es el nombre? ¿Cuántos hay que, como yo, responden a él? Mi nombre no es mío aunque este enunciado diga lo contrario. El nombre, "mi nombre", es de los otros. Y de ellos viene. Es como una prenda de vestir, es algo que se pone desde fuera sobre un contorno cambiante. Es un afuera que se hace sí mismo. El nombre es don o maldición como anclaje a una tradición. Es incorporar una señal de tiempo en la carne. Y es raro que pese a ser tan ajeno lo sintamos tan cerca. Tanto como para llamarlo nuestro sin sombra de duda. El nombre, cualquiera que sea, es siempre la necesidad de establecer un vínculo entre los existentes y los recién llegados, es la huella de una impresión en los vivientes. Por eso, nos emociona dar un nombre. Nombrar es la tarea extática del lenguaje, es el acto humano demasiado humano. Nombrar es empezar algo o repetir ese comienzo. Alguien dice mi nombre. Me giro para mirar quién profiere esa palabra…

como inventar um futuro no fim dos tempos? pregunta-provocación propuesta por el compañero acauã allende para motivar nuestra escritura.

um futuro no fim dos tempos

diego kiil

Se o fim do mundo for anunciado por um cara de roupa branca e óculos escuros,

segurando uma placa feita com lona de
circo e tinta para pintura de parede
Se o fim do mundo for anunciado por um
cara de roupa branca e óculos escuros,
segurando uma placa feita com lona de
circo e tinta para pintura de parede
Precisamos inventar:
de não morrer
de criar cápsulas com fotografias para
serem abertas daqui cinco dias
que as bombas explodam antes de
chegarem ao chão
que as doenças sejam descobertas antes
de serem inventadas
que as armas derretam
que balas sejam as açucaradas jogadas
por carolas em dia de são cosme e
damião
que os noticiários não interrompam o fim
da tarde de inverno
as pontes para as beiras dos precipícios
Precisamos inventar tudo isso
Mesmo que seja invenção de uma
criança com a infância perdida

```
 _      _____    ______ _     ______ _      _____  _  _____  _____  _____
 / \   /  _  \  /     // \ /Y__  __Y \ /\/  __\/ \/  _ \/  _ \/  _ \
 | |   | / \|  |  __\| | || / \ | | |||  \/|| || | \|| / \|| | \|
 | |_/\| |-||  | |   | \_/| | | | \_/||    /| || |_/|| |-||| |_/|
 \____/\_/ \|  \_/   \____/ \_/ \____/\_/\_\\_/\____/\_/ \|\____/
```

El futuro es el pensamiento lanzado como una piedra sin que jamás vuelva a tener reposo. La futuridad es la trampa tecnológica más antigua que podamos imaginar. Es el artefacto que vendrá. Es la deidad siempre en camino de regreso.

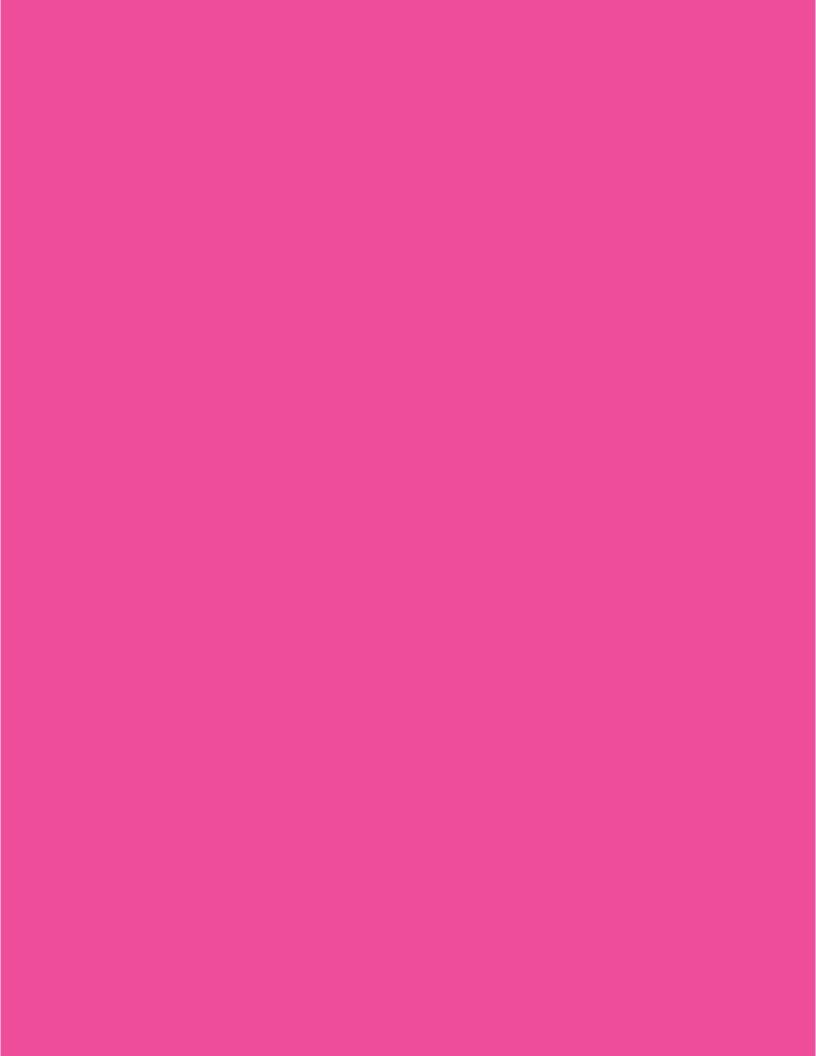
El agua va a hervir cuando llegue a cien grados. Ahora está dentro del caño antes de pasar por la boca de la canilla. Yo me adelanto y la pienso burbujeante, humedeciendo la yerba del mate que no me tomé aún.

El espejo antes del amor y el agua sin salir de su cauce. Te voy a amar, pero puede que esto acabe antes de empezar. Te voy a acariciar y las plantas crecerán otro poco con la velocidad de las uñas. Y pueden dolerte mis caricias, aunque esconda mis dientes, así como la lluvia demorarse en venir toda junta con la violencia que nadie espera.

Si el futuro era nuestro ¿por qué no lo pusimos sobre la mesa? ¿Por qué no se para? ¿Por qué esa mancha no sale? ¿Por qué ese dolor ancestral sigue allí?

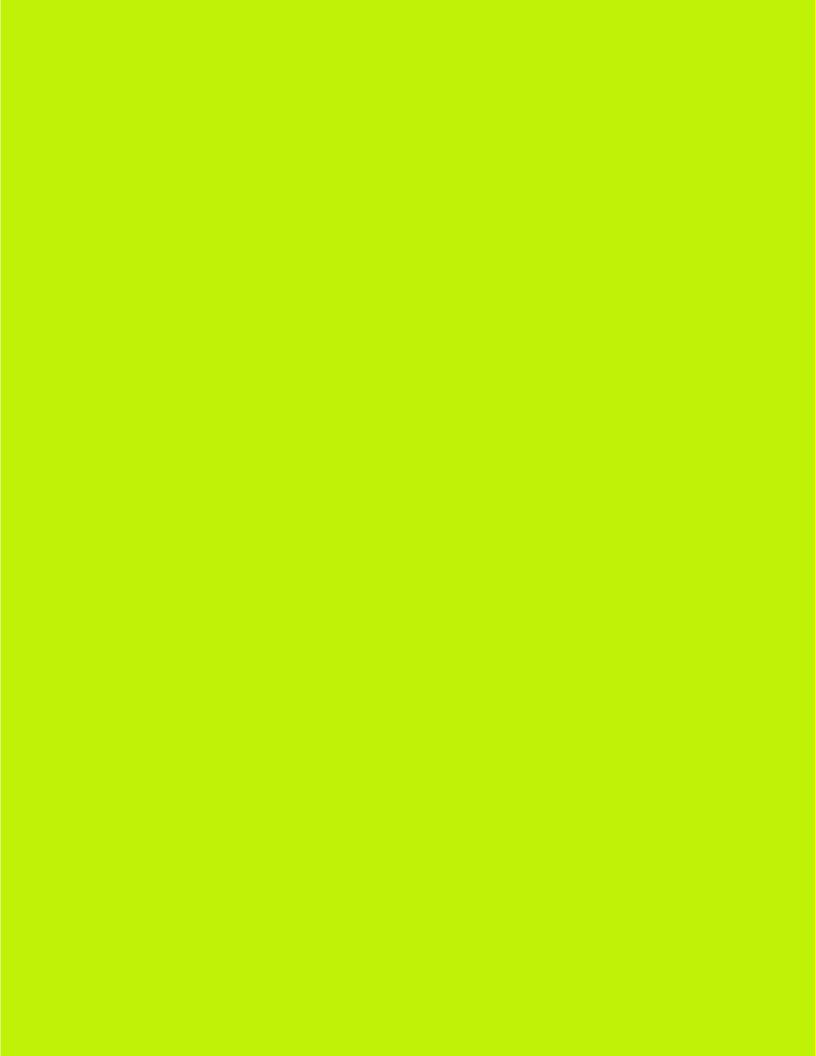
Somos el futuro de todas las generaciones que nos antecedieron. Seguimos sin respuestas ante la muerte que está adelante, siempre delante y detrás de nosotros y a los lados.

El futuro es incierto. Lo que pueda pasar tiene la forma de nuestros dedos y del aire y el agua que cabe entre ellos. El futuro es un espejo con nuestro rostro y la luz apagada antes de enfrentarnos a él.

El futuro es un reflejo oscuro.

Do Fundo de Mim ou Do Fim do Mundo

andré macedo

O mundo já acabou faz tempo e hoje
o vendemos em doses homeopáticas.
Sua queda esteve junto com a irrupção
da boca. Branco não é cor. Cor é modo
de ser. Desde então o mundo vive.
Morrendo, vive. Sendo assassinado, vive.
Oh! Natureza selvagem, Vou te matar...
Não há corpo para isso, Isso é só eco.
Ôô. Oh. OH. Esse som assume o lugar da
existência. De onde sai¿ Quem é o ponto
de partida? A origem que existe, me
esqueço na busca. No meio do caminho,
me perco. Há um ruído. Som que não
se escuta. Nada mais posso ver, sentir,
perceber. Ouça! Só ruído (uma boca e
um cu). O resto não se escuta. Fico sem
ar e acabo a frase.

Que horas?

Quando o fim do mundo chegar, é preciso se lembrar de apagar a chama coar o café e fumar o último dos cigarros.

É preciso se lembrar (e isso é muito importante) de tirar o pó do porta-retratos, de tirar o pó, de lavar o copo e o corpo, limpar as orelhas para escutar a linda melodia da hecatombe inevitável.

Ora, é preciso ser rápido, vai logo, vai logo se ajeita, ajeita o mundo para receber o fim do mundo. Você não vai querer que o café esfrie enquanto você olha,

– sim, você *olha*
e no fundo
você
esperava
a n s i o s a m e n t e
para olhar
– a beleza da destruição.

Ah, não se esqueça de
pagar a conta
pagar o pecado, pagar
a última das dívidas
pois o mundo vai
acabar.

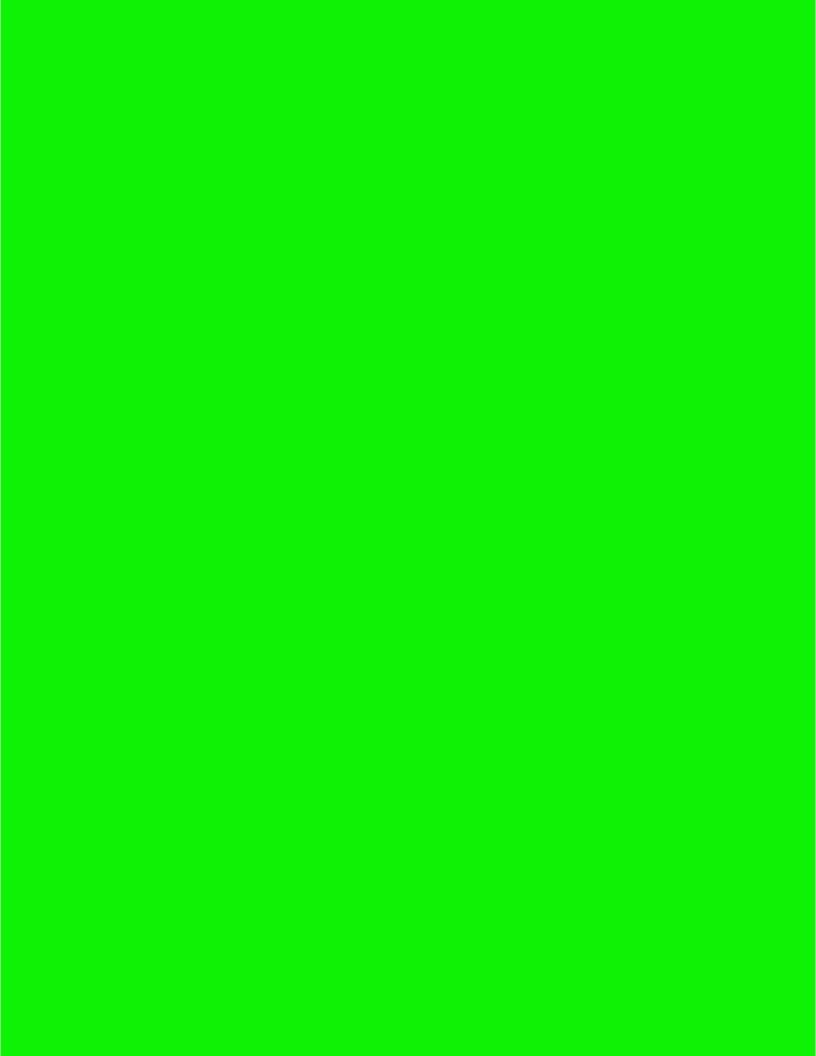
Ora, não se esqueça, vai acabar.
Vai apagar a nódoa e talvez nessa
não-nódoa surja uma nova

(Mas é só um talvez)
VAI ACABAR VAI ACABAR VAI ACABAR

vai acabar no pó, e o pó vai acabar ora, se lembre:
é o último café é a última vez que você se senta na varanda para ver
o mundo pegar fogo, ora, já não há nenhum cigarro para acender.

A última vez que você vê a dor das horas passar e passar e passar. Já não há tempo
Não a tempo, você se lembra
de querer sair correndo.

Mas não há tempo – a enxurrada é mais rápida.
Ela oblitera o pó e o cupim antes que o cupim se dê conta de si.
Quando o mundo acabar, lembre-se, mas lembre-se rápido,
porque o mundo vai acabar e não vai esperar você se dar conta.

Léo Pontes, 12/04/2021

O futuro

jardel oliveira

O futuro é um chute no saco, um tapa
na teta, é pisar num prego, apanhar
de um bruto, o futuro é um crepúsculo
nublado; o futuro é este morrer de gente
por falta de vacina, é um presidente
genocida reeleito por gente religiosa
vestida de verde-amarelo; o futuro é
hegemonicamente branco, etnicamente
caucasiano, predominantemente
macho, terrivelmente evangélico.
O futuro é heterossexual, é conservador
nos costumes e liberal na economia; o
futuro é o câncer que é a doença do rico
trabalhador e não é a tuberculose que é
doenca de pobre poeta puta vagabundo;
no futuro não tem lugar pra Geni, sò pro
zepellin brilhante.
O futuro é bíblico: santo, santo, santo.
O futuro é do senhor dos exércitos e
do senhor das milícias. No futuro a
Amazônia vira Sahara e o Sahara não
vira Amazônia... Mas quem puder pagar
faz voo orbital, em Dubai se plantam
gramados frescos, no futuro com ar
condicionado se pode tudo, até que
acabe o ar.
O futuro (a música do) são guinchos
de engrenagens moendo vidas, são
suspiros pneumáticos, não é música de
cordas e penas.
O futuro é a burguesia gorda e bem
alimentada, aquecida ou refrescada
conforme o caso, porque pode pagar
a conta da luz; é a burguesia sempre
de barriga mais cheia do que o
necessário, sempre preocupada com
o próprio umbigo gordo, incomodada
com aquela ralé de umbigo magro,
que enche o saco quando morre de
fome e de exaustão e enche o jornal de
notícias ruins, porque aì não tem feng
shui e meditação que de conta.
O futuro são as guerras que
esquecemos, mas que ainda estão lá:
Siria, Sahel, Sudão, Yemen... Rocinha,
da Maré, Alemão, Cidade de Deus...
tudo sem deus, deus nao existe, todo
mundo sabe disso, falta é coragem
pra admitir... o futuro são crianças
sem pais, são mulheres sem paz, são
meninos morrendo e matando pelas
cores de uma bandeira, por uma
promessa mentirosa e metafísica... são
tantos desconsolos que me desconsolo
com o futuro.
O futuro é um quadrado enorme onde
a Terra (redonda) não cabe, onde
Gaia faminta se consome geofagica
entre panes et circunstancias. E desta
quadratura enorme nem Descartes,
vulgo Cartesius, se atreveria a dar
conta...
O futuro é um cometa não avistado

numa noite nublada, um eclipse
mentiroso, um profeta, um pastor, um
político, um policial - todos mentirosos;
um bando de gente que precisa da
mentira nossa de cada dia pra perdoar
os próprios pecados e seguir em frente,
e livrai-nos da tentação, amém.
O futuro, neste momento, não me agrada.
Se nota.
Mas, depois do futuro, já que
perguntaram, o que é que tem? Se o
tempo corre infinito, depois do futuro
terá outro futuro. E naquele outro, ali
mais longe, quem sabe?
Quem sabe um crepúsculo lindo?
Quem sabe a gente dançando na praça
e comemorando algo bom, a esperança
voltando? Quem sabe, alguém pagando
bem pagado cada lágrima rolada?
Quem sabe se não terá caído o rei de
paus, caído o rei de espadas, caído o rei
de ouros, caído o rei, sem ficar nada?
Quem sabe Chico e Elis juntos de novo,
na voz de uma guria travessa, de um guri
atrevido, de uma Geni? De uma linda
figura apenas humana que cante uma
canção e de cuja voz nasça uma flor...
e nessa flor a vida que renasce entre as
pedras de mil carnavais descalços.
E de muitas bacanais, de tantas orgias
escandalosas, de tanta promiscuidade
de gente se amando, no meio de tanta
lisergia, talvez nasça uma gente melhor:
com menos orgulhos, com menos
certezas, sem medalhas, uniformes,
sobrenomes... Sem lei, sem rei, sem
pátria e sem deus, como queria o
João. Só a gente, cantando naquele
crepúsculo dourado pr'aquela flor
mirrada, que só de nascer venceu
coturnos e paralelepípedos.
Não tem mal que sempre dure, portanto
qualquer futuro é possível, até mesmo
um que me surpreenda.

como inventar um futuro no fim do mundo?

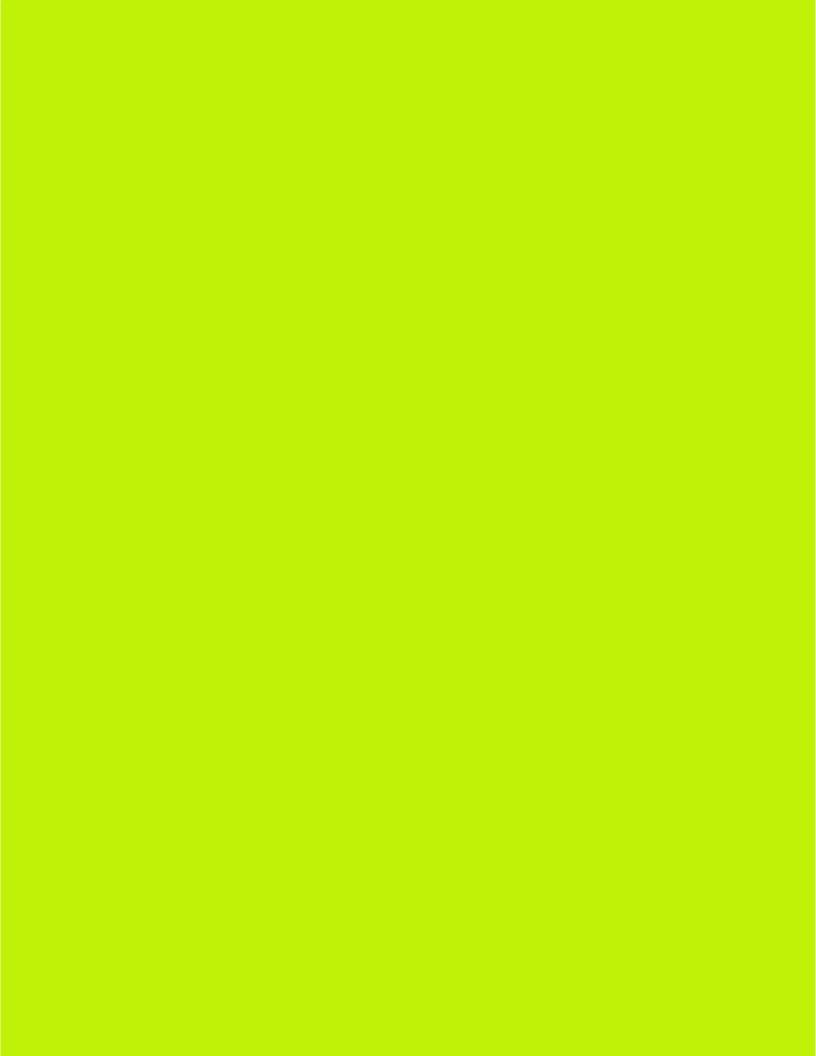
?um futuro no fim do mundo! carai meu mano A, que se foi arrumá em, ou pelo menos tentar.. arrumar um pouquinho disso tudo, que tá à nossa volta.

o primeiro passo é pisar devagar.

mas passo lento nessa correria, é contra mão. talvez não contra o pé; o pé é o futuro, o pé é fruto, é forte, mas também é fraco. e o pé, não se engane, tá na cabeça, pois há quem não tem pé e também pisa firme no chão, mesmo em meio às fraquezas. e pisar firme não é força física (não esmague essa terra), mas se puder, resolva revolvê-la, faça casa para sementes, ramas, bulbos, raízes, formigas, serpentes. faça casa da terra, faça terra da casa. desfaça. desfazer também é essencial; desfazer o que dói, deixe os ratos, mas desfazer o que corrói, a cabeça, o pensamento, o corpo, a matéria que aqui de alguma forma, viva. a matéria e o imaterial, o real e o surreal, os olhos d'água e do céu, choram. choram e não é de alegria, ninguém mais chora de alegria nessa merda, mas mesmo com todo esse pessimismo, até as esperanças mortas continuam vivendo, continuam sonhando e, elas insistem em plantas sementes.

semente cuida de si, das águas, das roças, da rochas, dos morros, vivos, vales, grotas, abelhas, pássaros, macacos, telhados, chão, paredes, almoço, café, janta e também dorme; sabe descansar. mesmo com os olhos cheios, cuida da madrugada, mas as vezes é difícil; suportar um calorzinho a mais...chuvas ácidas, aviões com veneno, bombas, más serras, tratores com correntes, desvios, retas que rasgam a terra e curvas que levam para morte.

talvez seja preciso mudar quem morre. mas como matar quem mata? como viver quem morre toda a vida?

é preciso comer.

Deixemos viver o caraíba

acauã allende

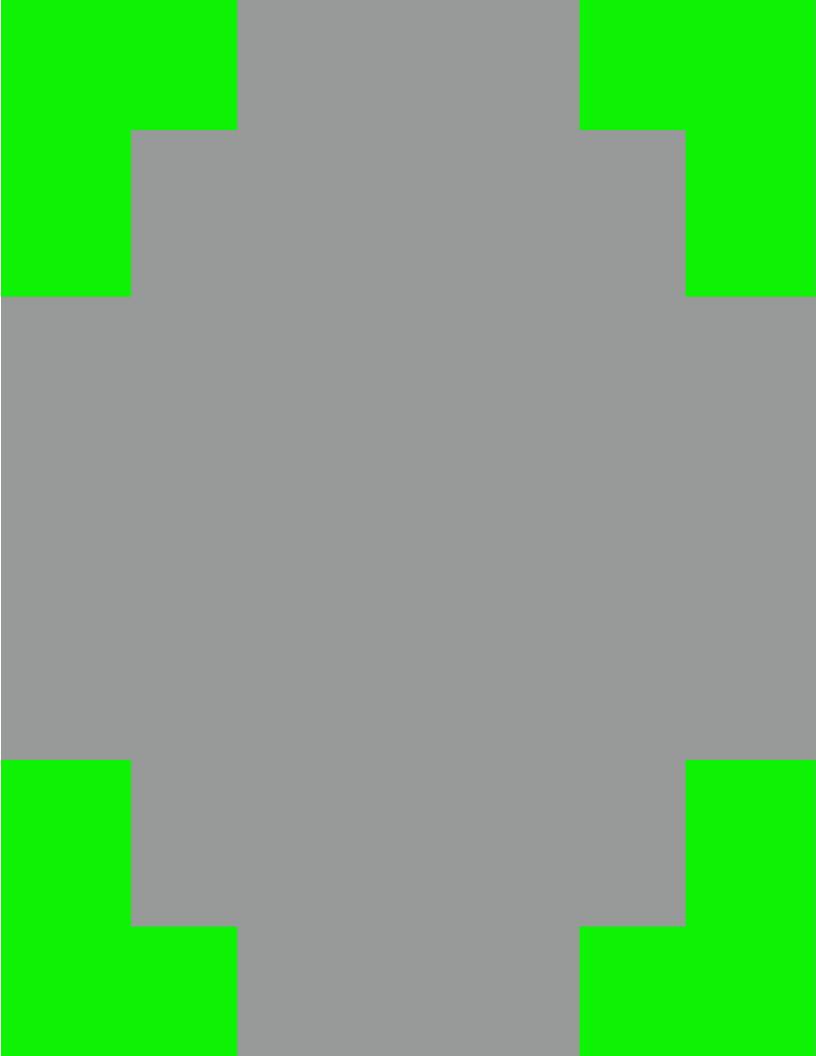
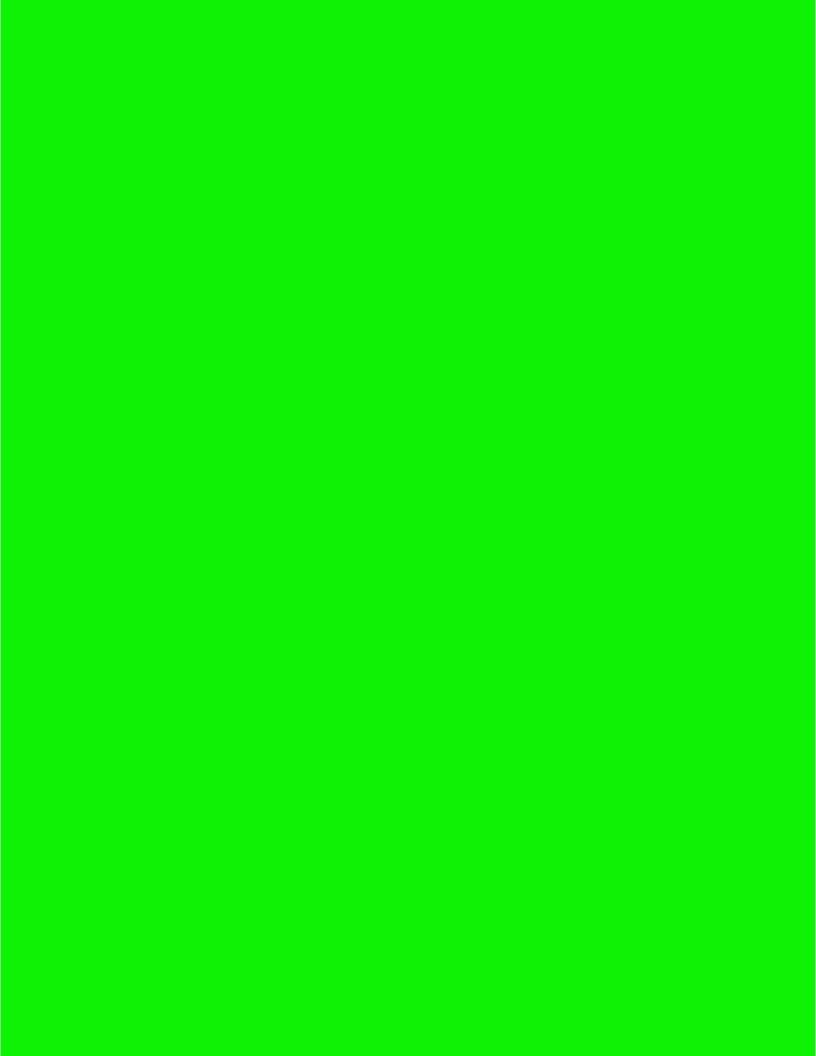
Como inventar um futuro no fim do mundo se micro doses de crises de pânico passeiam dentro do meu vazio com suas lanças apontadas para as poucas ideias que me restam. Encurralaram o Krenak dentro de mim. Amarraram ele e seus curtos grandiosos pensamentos para adiar o fim e do lado neste momento estão amarrando meu caraíba prestes a arrancar-lhe da cabeça seus pensamentos. Desta vez o bendito não chegou cantando, chegou amarrado e não trazia cauim. Ele estava mais certo do que nunca de que talvez já não pudera existir terra sem mal.
Eu em uma crise gritava por fora com a esperança que ouvissem lá de dentro:
- Soooltem meu caraíba, deixem ele imaginar seu mundo. Solta-o, deixe-o dançar com suas raízes!!! Solta-se caraíba!! A séculos tentam te amarrar, solta-te, fuja!!
O caraíba nem bêbado estava. Nunca teve bússola, agora tinha, nunca teve ouro, agora no brinco, nunca teve posse, somente a busca, nunca teve tempo, agora preso corria, nunca esteve sóbrio, de utopia, talvez agora. Talvez, agora.
Talvez para inventar o futuro seja necessário regredir modos, apagar estágios, reinventar o mercado, a troca, reinventar o valioso encontro desperdiçado.
Outra crise:
- Libertem o caraíba! Libertem os sonhos, as utopias. Libertem os corpos da mercadoria!
Outras vozes gritam:
- Libertem o bendito! Libertem o caraíba!
A vida sem o caraíba seria mais robótica do que nunca, seria dura, seria somente guerra, não haveria caminho ou possibilidade, seria mais sem graça, sem canto, sem festa, sem procura e sem fartura.
Na última crise com medo da morte gritou:
- Que me tirem a vida, mas que continue vivo o sábio caminhante!
O único jeito de inventar um futuro no fim do mundo é manter vivo o caraíba.

propuesta de escritura a partir de una fotografía del peruano martín chambi.

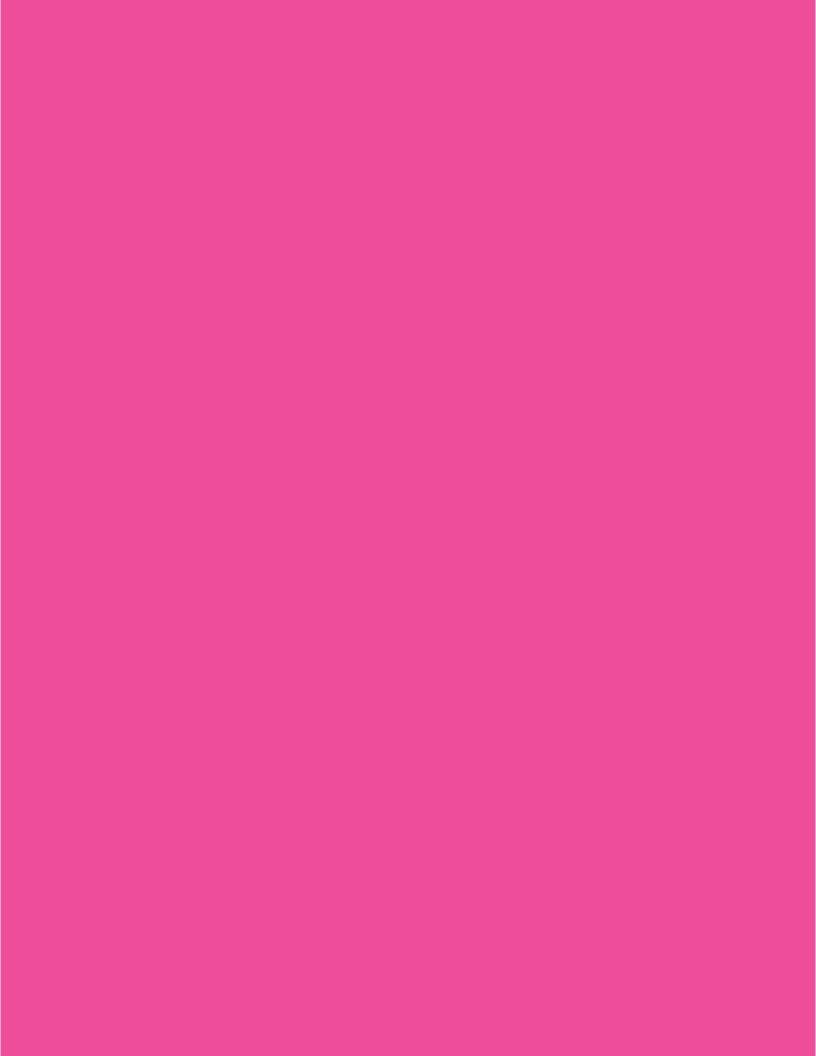
foto martín cham-bi

Hiere la luz
un corte ancestral
en las sombras lo invisible es sospecha
y cuarenta ojos ciegos son
ápices de carnes desconcertadas
un cuerpo no es ( )
aunque vestido
un cuerpo es ( )
porque desnudo.

Historia, decir otra vez:

Desde la oscuridad mira el zapato
al pie descalzo
y lo envidia.

La sangre corre
la pena espera
y diez ojos se agolpan ante el destello.

el dictamen / gastón cosentino

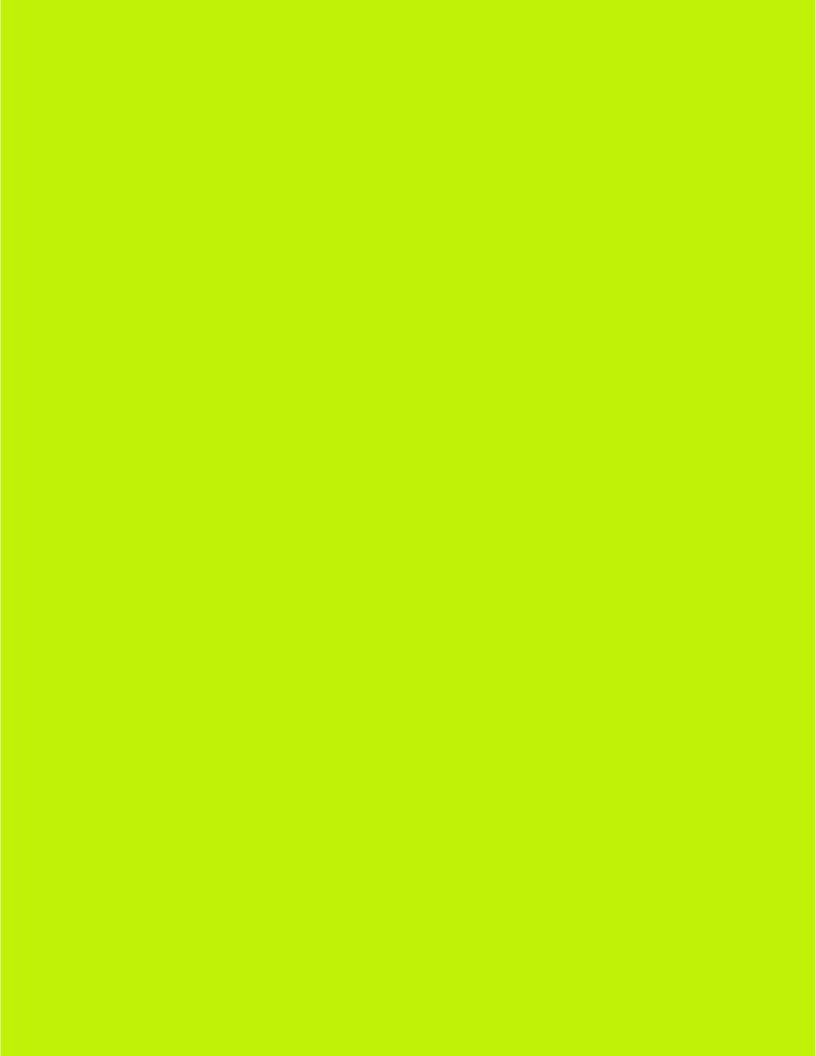
La arteria pulsa el pie y atrae al sombrero, como quien irremediablemente frunce la tela después de la puntada ¿mal hecha?, la naturaleza muerta perfecta son los pies descalzos en la alfombra que nunca imaginó esos pájaros de barro inmóviles pisándola; las cabezas, sepultadas entre el follaje plástico de los tejidos por otras manos, en latitudes desconocidas; la flora foránea fuera de sí, los ponchos a los gritos, los nudos desatan las voces, la temporalidad forastera de las agujas simulando soles, secuestrados con los *intiwatanas* la voz de una lengua oscura: el dictamen, las rayas, la boca abierta descifrando el gesto que transparentan los anteojos, la golosina del lapicero, el dulce de tinta untado en el papel, el peine frente al espejo dividiendo las aguas, la sepulcritud de la camisa en buenas manos cholas, la mano descalza, la lengua peluda, los dedos removidos de la tierra, el sombrero a la altura del pie, la cabeza erguida en la tierra rasa, los pies enajenados, la condena, las rayas del diablo reciénvenido, las vestiduras sin dormir, ¿de qué sirve hablar cuando la lengua no escucha?

Escritura jurídica de compra e venda

Campos Neutrais, 25 de fevereiro de 1833

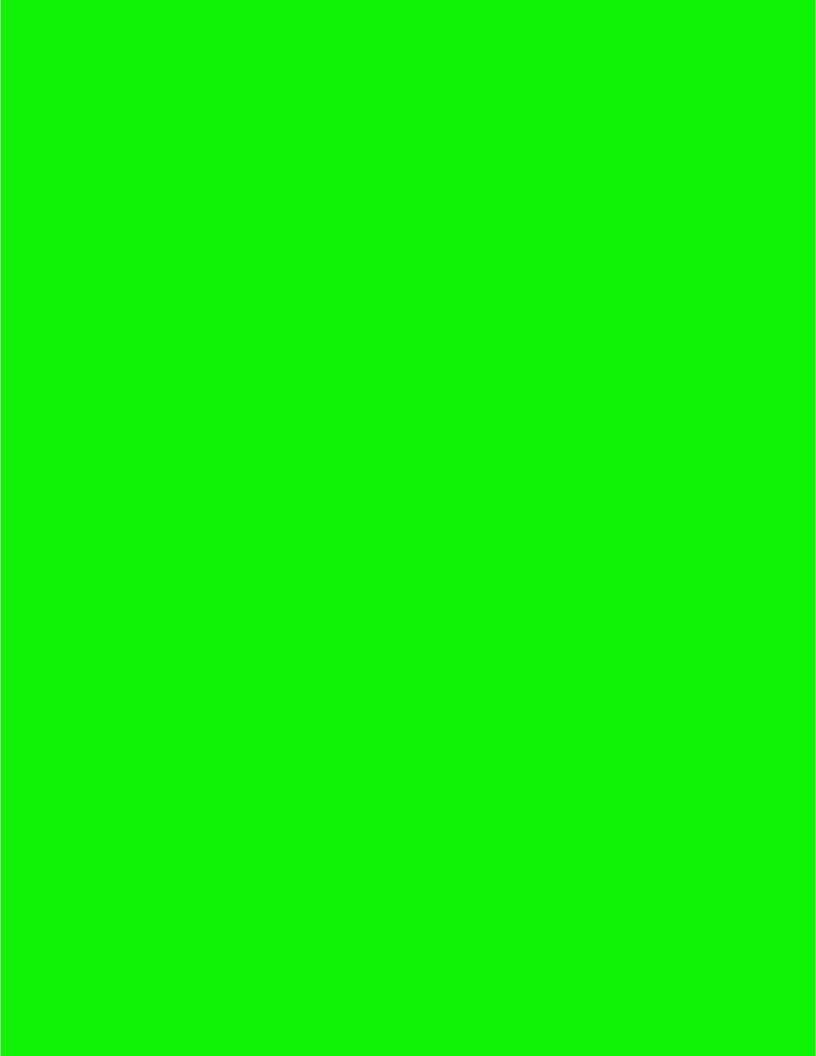
Fica decretado por força deste instrumento da lei que os últimos e derradeiros integrantes da tribo Caaporã a partir desta data deixam de ser patrimônio do senhor Alejandro Patrício Castillo de la Cruz e passam a pertencer ao senhor Joaquim Antônio Ferreira Cabral.

Como objetos de compra e venda descritos neste instrumento legal, os Caaporã terão garantido o direito de transportarem consigo seus ponchos de lã miserável, seus sombreros e demais peças de indumentária gentilmente doadas pela graça da generosa população civilizada.

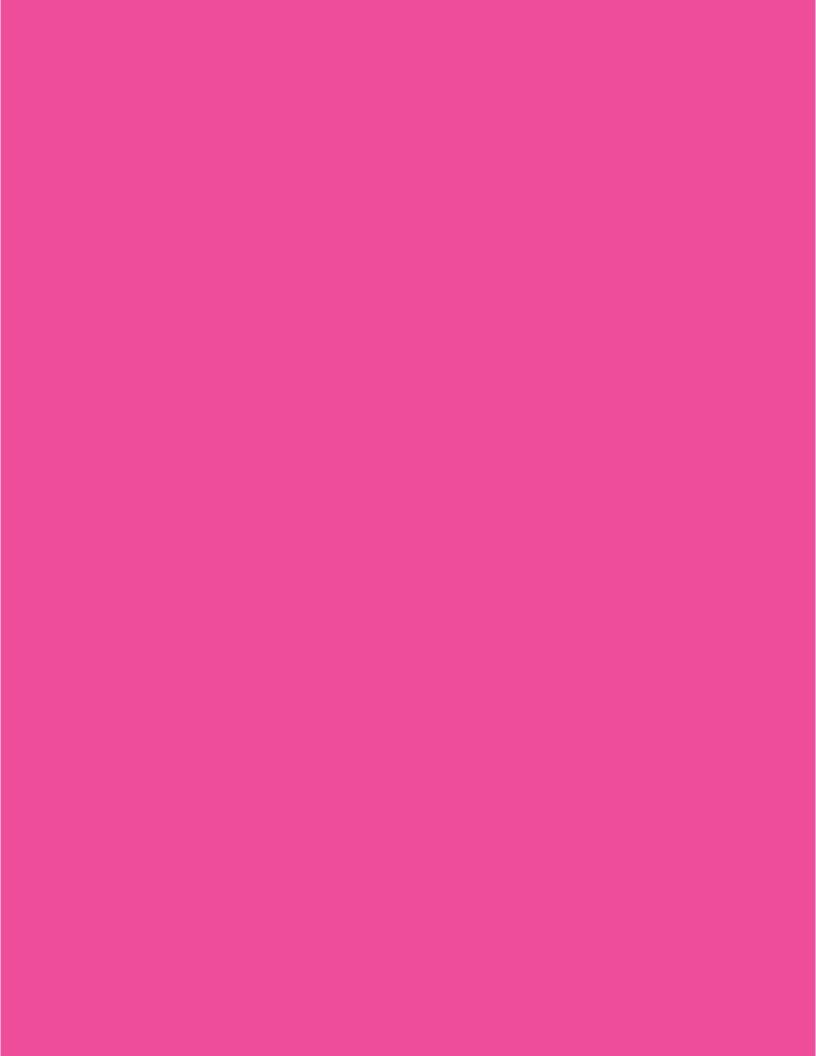
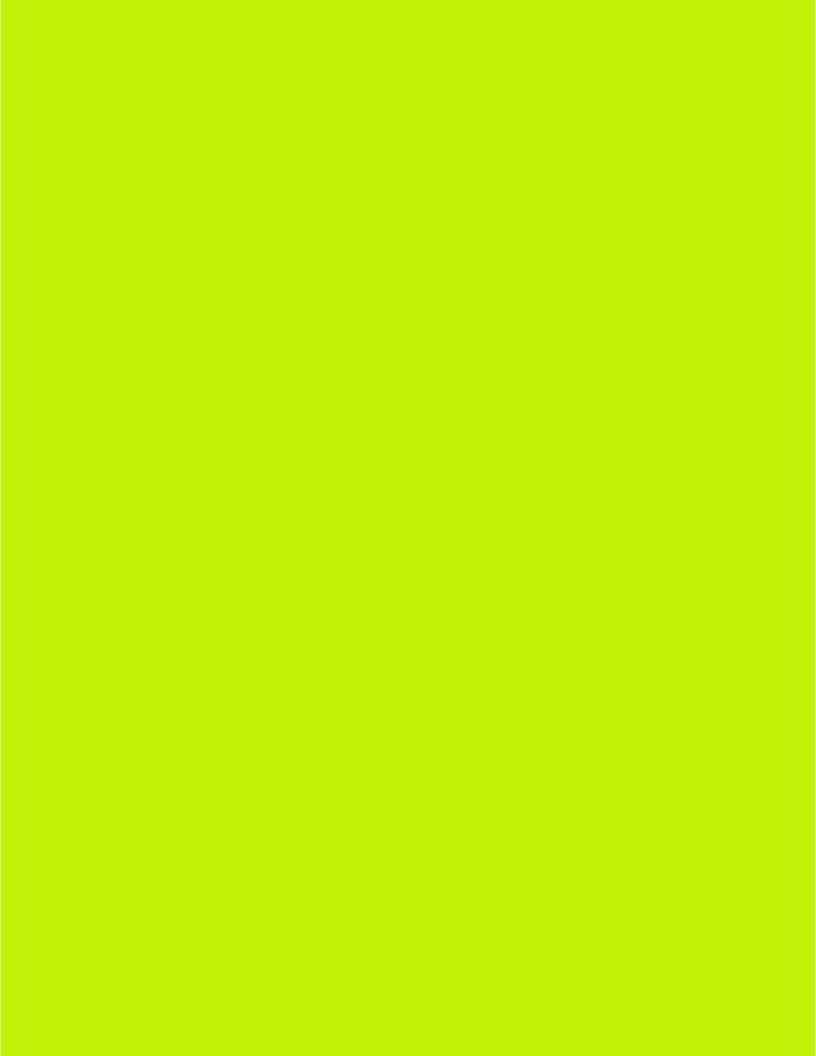
Em troca disso, se comprometem a:

- abandonar por vez definitiva o uso de qualquer dialeto alheio aos nossos honrados costumes;
- interromper a realização de cerimônias pagãs e a oferta de seus murmúrios tristes a supostas entidades da floresta;
- derrubar o mato, abater as feras e cumprir passo a passo sem questionamentos as determinações de seu novo mandatário;
- zelar pela propriedade de seu dono, pelos bons costumes da família; pela fé cristã que coabita estas nações irmãs, pelo gado, pelo pasto, pela honra e pela glória do povo de bem.

Fotografia

diego kiil

Os lábios fechados abafam os gritos
surdos e o olhar ruge um pedido de
socorro.
A máquina soltará um fogo estúpido,
ninguém se moverá.
São da terra e seus pés nus fincam
raízes e folhagens por onde passam.
Encharcam o carpete de veludo.
Atrás, os podres poderes com suas
estupidezes não entendem o principal.
O homem por detrás de seu charuto se
polui como um grande industrial.
A hora marca o tempo em que o chapéu
não serve mais.
As mãos escondem o laço que os une
mobilizados esperando
a fotografia.

Miradas descalzas

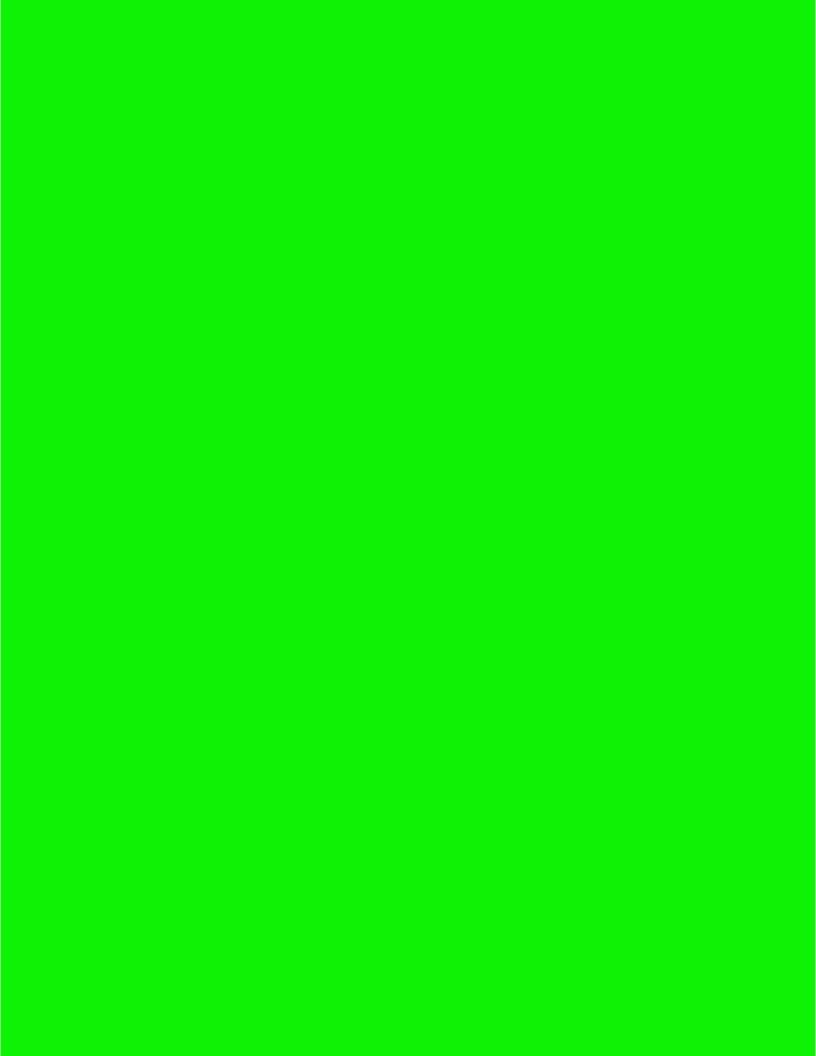
lucas leme

a história anda descalça e, preocupada
com as figuras do itinerário, vai serena e
devagar. não carrega mais a feição doce
e ingênua, que pertencia aos tempos
idos, mas em meio ao caos procura
demonstrar sua rigidez. como uma sagaz
araucária patagônica que se desfaz
das folhas na fronteira das estações, a
história precisou tirar camadas e mais
camadas de ternura dos olhos para
sobreviver. e foram também litros e mais
litros de lágrimas derramadas até que
seus olhos se apresentassem assim:
secos.
muitas vezes, quando a história te olha
nos olhos, é com um misto de pena e
constrangimento que desviamos o olhar;
desentendidos. no entanto, se o Senhor
olhar fundo demais, possivelmente
reconhecerás algum demônio, cuja
aparência esfumaçada pode ser
assustadoramente semelhante a uma
mirada no espelho.
é neste ponto que a culpa se agarra
tal carrapato; e se torna impossível de
expiar.

/
/
pés nu chão
sente-se
para ver
sob olhares dizeres
desconforto$ na boca dos olhos
dentro (`)a força
julgamentos à fora rondam
num oposto pensar
num oposto pisar
o contraste em ser;
há lugares não são para certas pessoas
há pessoas não são para errados lugares
corpos, caras, pés;
mulher, sua sabedoria nos olhos guia
em seu guiar, outres, em seus olhares, muito
quem só vê, nunca enxergará
e hora alguma
saberá conhecer o tempo.
/
/

O fim do carpete

acauã allende

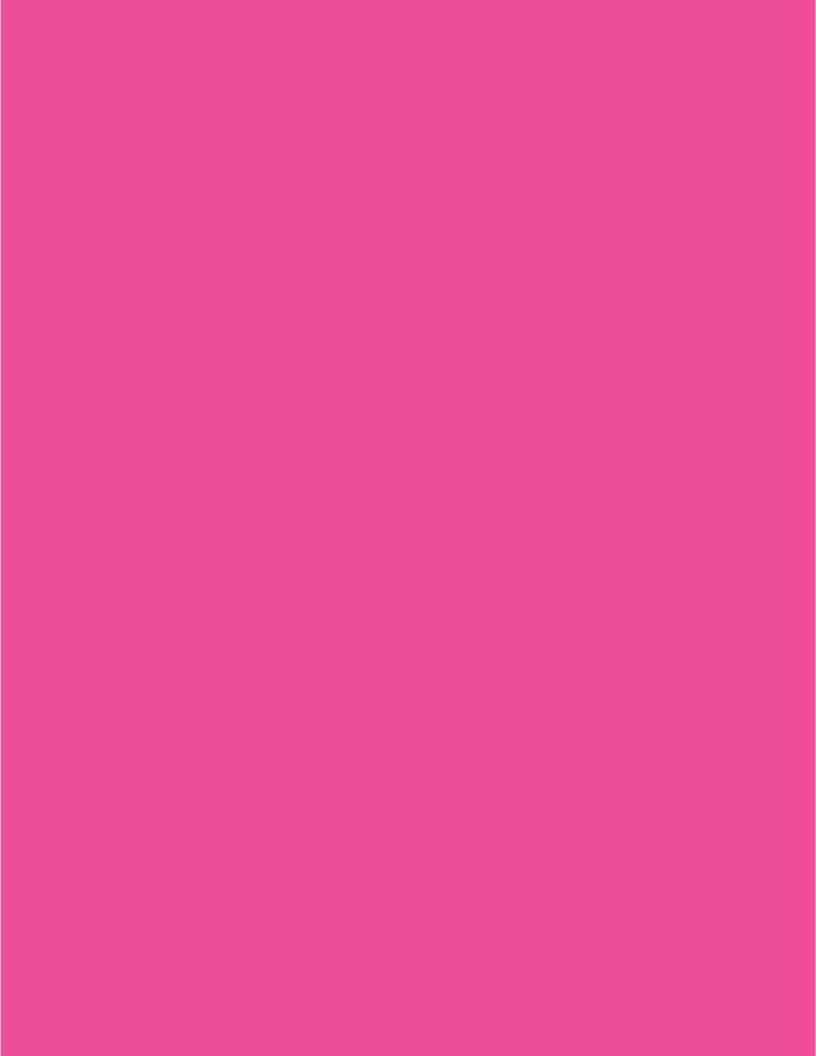
1492, invasão. Inventaram um motivo.
Queimaram quipos com seu fedor, não com fogo.
Quando experimentaram a moda daqui as peças desintegravam.
Era o aviso da chegada da morte.
Brancos nus só de botas corriam e gritavam
com a vergonha de seus corpos pequenos.
Irritados, atearam fogo, saquearam deuses de ouro.
Bêbados, comeram, riram alto, escravizaram.
Queimaram quipos,
cobriram a terra com esse carpete,
tentaram esconder o vermelho, mas seu tecido é mais claro, é claro.
Resultado, uma espécie de carpete avermelhado.
Pacha Mama Grita, Inti observa.
Viracocha chora, Supay dança,
Mama Sara queima, Wacon ri, Mama Quilla chora
Mama Cocha agita, Pachacámac vibra.
Desceram as terras baixas. Matam o Jaguar.
1920, invasão. Continuaram inventando qualquer loucura, contratos.
Os daqui, a algum tempo, se cobrem por inteiro, menos os pés.
A conexão com a terra não pode ser interrompida
por uma sola que não seja carne.
A terra ainda não está a venda, nunca esteve.
A terra não deveria ter dono.
O tempo não volta mas dá volta, oroboro talvez? Ouro tolo.
Serpente que não come a calda, vão continuar invadindo até quando?
Esse carpete que colocaram aí, fede,
não tem cheiro de terra, tem cheiro de erro.
Esse carpete que colocaram aí, ele fede,
não tem cheiro de terra, tem cheiro de guerra.
O espírito do Jaguar ronda.
Futuro. Moda original "Papa Chumpi poncho" cabron!
Sem pisante, sem invadir, sem só retirar, sem sangue,
sem aperto, sem contrato, digo de novo, sem calçado,
sem essa mobília colonial chata, outro significado de ouro,
ourotolo, brancofoitolo, agora talvez oroboro.

Inti observa, Pacha Mama vive
Viracocha ri, Supay chora,
Mama Sara brota, Wacon rabuja, Mama Quilla brilha,
Mama Cocha acalma, Pachacámac tranquila.

Espírito do Jaguar vive.

Esculturas

léo pontes

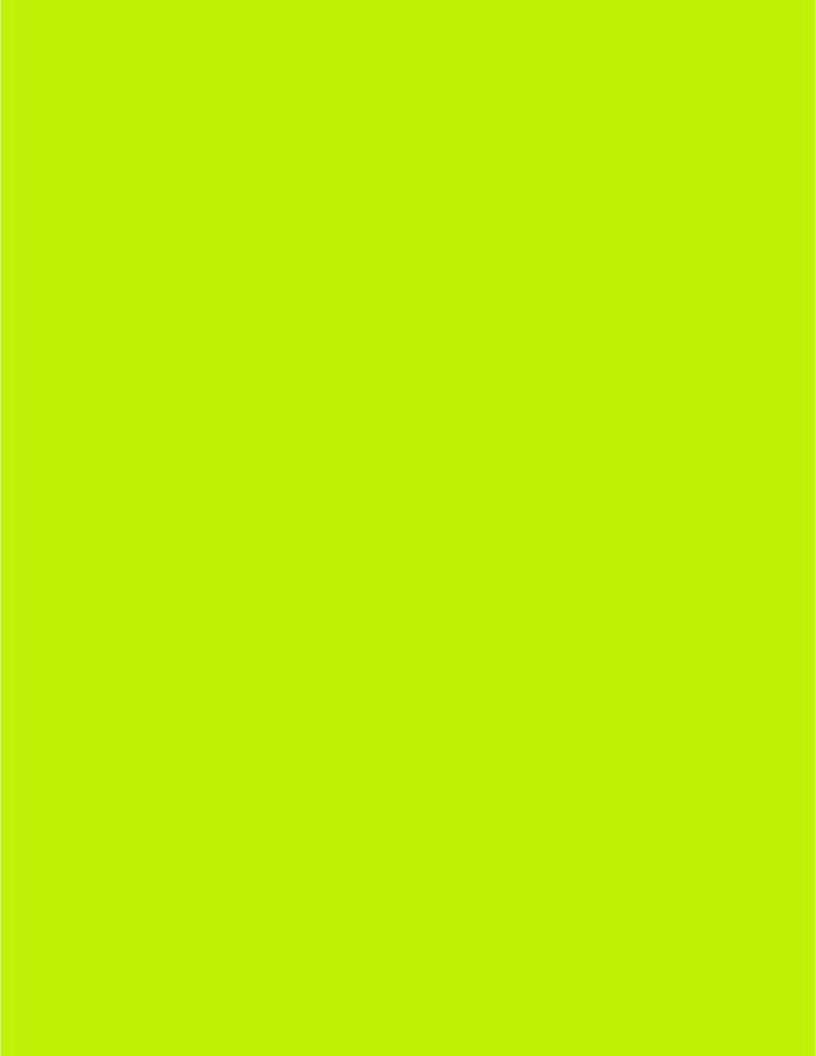
Pés descalços sob o tapete,
matéria que se tornou mobília,
olhares mudos que confrontam
por que nos olham?
Pés descalços sob a mobília,
esses pés (esculturas) não se movem,
E a boca de terra os olhos de terra
não se movem
Pés descalços sob a terra,
pés e corpos capturados, confrontados com as mãos que esculpem
essas bocas – a boca do chão, a boca dos olhos que olham
calam-se

Pés descalços sob as horas,
olhar que nos repele [os pés que repelem a terra]
esses pés vestidos que confrontam a estampa sob a terra
os pés e as cabeças cortadas
Mas alguém - esse sim, pés de ferro, mãos e bocas e olhos vestidos de ferro - escreve.
Será que ele consegue perceber a raiva dos pés?

jardel oliveira

Uma distancia enorme, que me cansa

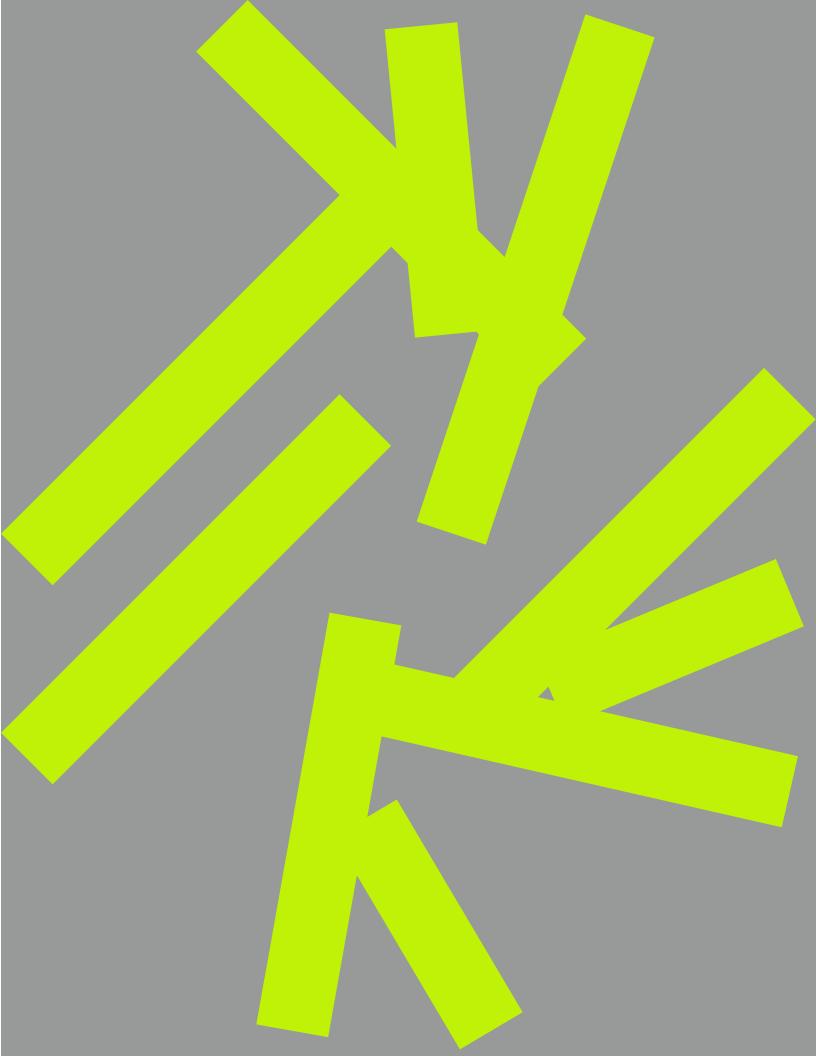
Um cansaço familiar, que me estranha.
Uma estranheza profunda, que me esquece.
Um esquecimento iletrado, que me perde.
Uma perdição aguda, que me fere.
Uma ferida antiga, que me perturba.
Uma perturbação nova, que me espanta.
Um espanto incompreensível, que me consola.

Os sombreros no chão: humildes
As mãos no colo: descansadas
Os olhares no rosto: indagadores
Os pés no tapete: insuficientes

Quero crer que os sombreros pelo chão
sejam um gesto de mera cortesia
Quero pensar que os burocratas em
descansado desleixo sejam uma
presença meralmente formal
Quero imaginar que o relógio (ereto
como uma sentinela) conheça seu lugar
de mero mastigador de
minutos, mero contador do tempo, não
seu presunçoso senhor
Não, o tempo pertence ao fotógrafo
que aprisionou o instante. O instante
pertence ao fotógrafo e à
sua precaria tecitura de luz e sombra.
Mas tampouco o fotógrafo é senhor de
coisa nenhuma, também o fotógrafo é
mero artífice.

andré macedo

Nudez que nos olha.

A luz dos olhos que entra pela foto, a luz do mundo entra pela janela ao fundo. Pousam suavemente no interior/superfície da imagem e revelam os pés descalços – corpos nus. É em sua nudez que o pé é surpreendido, numa dialética entre pés nus e pés calçados. O pé ainda, sem sua roupagem virgem, se encolhe ao tocar o tapete promíscuo dos homens. Distante da virgindade terrena, da umidade do corpo-mãe, o pé nu se esquiva entre o pó e a bactéria. Ao deixar o olhar se deslocar, logo pousará e pausará nas mãos, ou seja, numa região localizada entre os pés e a cabeça. E nas mãos também insistem em exibir a nudez. Ela se mostra distinta, mas está visível. E num dedo que esconde outro, numa posição de esquiva, não se deixar mostrar a dor, a alegria, enfim, a mão também quer escapar, mas sem nenhum êxito, do estado nu. Um dedo busca proteger outro, e assim, guardar um segredo íntimo daquele corpo. É deslizando por fora, navegando pela superfície da imagem, que o fluxo do olhar é interrompido por essas zonas de perigo: um corpo que se deixa ver. Estão todas sem roupas, ou com quase nada, se escondem aquilo que o tecido não protege, querem escapar da moldura, mas o corpo já não resiste, não logra. Somente se pode saltar de um universo a outro, percorrendo partes isoladas, fragmentadas, esquartejadas. Tal como as mãos, que insuspeitadamente, descansam sobre o colo, insistem e resistem, protegendo o corpo da violação da luz que vem de fora, que vem dos olhos estrangeiros. Uma mirada-máquina, sem relevo, muito olho, pouca alma. Um olho que captura a alma, rouba dos corpos e guarda em retratos mortificados, que podem ser futuramente velados por nossos próprios fantasmas. O tecido já não dá conta de esconder o ventre, o sexo ou as vísceras em êxtase. Mas o olho desalmado irá roubar-lhes o mais sagrado: seu maior segredo. No entanto, é um pé descalço, é num detalhe de mão, naqueles olhos que se arregalam que os segredos vão escapando, a cada instante da mira do olhar mecânico, dessa arma empunhada. Os gestos, indefesos, são sobras, defesas do organismo prestes a ser devorado/morto, que se organizam em sua última respiração, num ato de resistência ao tempo. Essas sobras de gestos quase moribundos conduzem o olhar e a luz de quem vê. Memórias de um olho-máquina, que leva o corpo sem alma pr'galeria, em forma espectral. Há um outro olho, um olho que resiste,

não muito sutilmente. Ele agora age dentro da moldura, atiça o fervor interno e o lança na direção oposta do olho estrangeiro. Se impõe frente ao olho-máquina-arma. Volta-se o feitiço contra o feiticeiro, e quem observa, quem registra, quem direciona o enquadramento, é atravessado pelo olhar monstruoso e cheio de força que vem do interior do quadro: um estrondo e a luz se faz. Um olhar-divino que se coloca contra a pura contemplação. É um olhar nu e agonizante. Com sua força despe quem insiste em respirar. Não existe mais ar, apenas fumaça e cheiro de pólvora. Mas isso, ainda não podia ser sabido naquele momento. Fumaça e pólvora, num flash.

¿los textos son apenas palabras o también son imágenes? la compañera juliana monroy propuso una actividad en la que experimentamos diversas escrituras mediante el collage.

BOCA,
NO FIM RESTAM
OS DENTES
–E O CHEIRO DE PEIXE–.
DIEGO K

El fuego juega sus tretas

en la convergencia de mundos

opro
MEMÓRIAS
tempo
Nome
A ÚLTIMA
PALAVRA
Letras
DECISÃO
REVELA
vozes

QUE
CALA

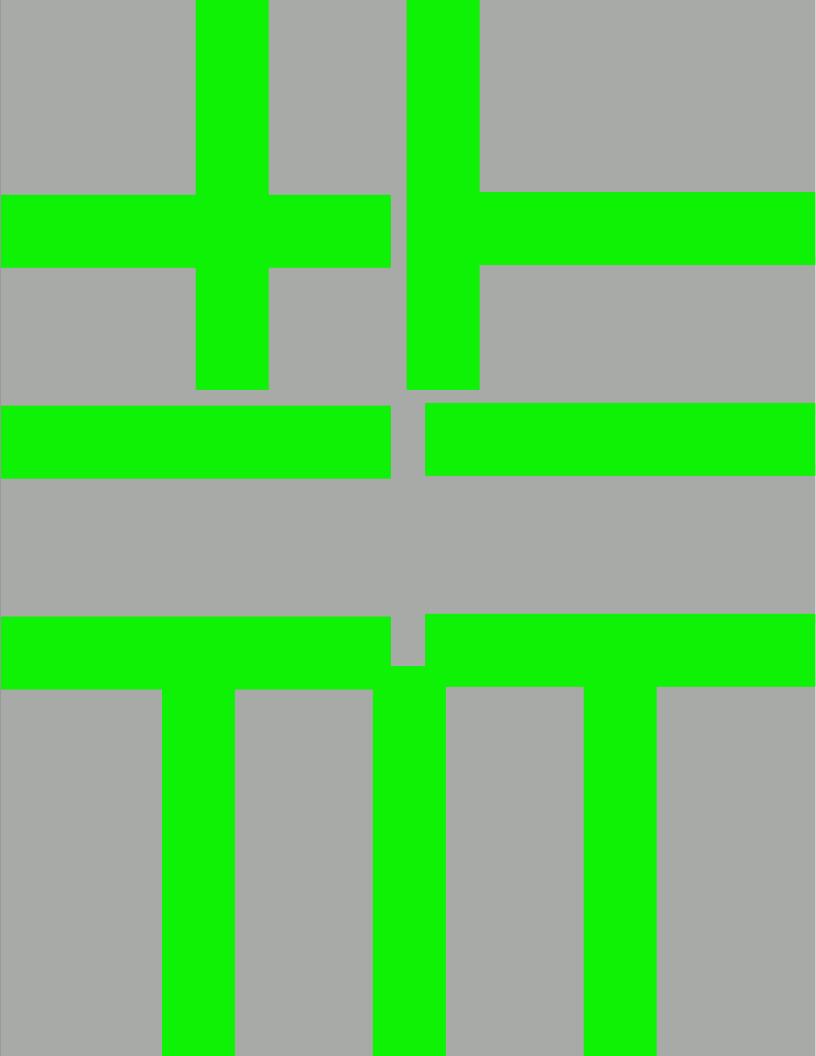
DA VEZ
VERBO
UMA COISA ARDE
ORRE

Mordida,
Boca
Saliva Y
Sêmem.
tilibra

MORDIDA,
BOCA
SALIVA Y
SANGUE.

A caverna começa pela boca

DEVORA-ME
LAMBE-ME
MORDA-ME
CUSPA-ME

A DEUSA AFRODITE ao lado de uma obra de seu amante eventual, Hefesto, o deus dos vulcões. Uma explosão violenta abriu no centro de Thera, também chamada Santorini, uma cratera que se encheu de água do mar. No mesmo local um novo cone v[illegible]endo formado. Alguns historiadores acham que esse fato serviu de inspiração

cada participante elige una par-
te del cuerpo y escribe a partir
de ella.

P E L A

P E L E

P E L O

P-P-P-P-P-PORO-O-O-O-O-O

a língua transita lentamente:

saliva e suor
se misturam na pele da língua
papilas que degustam o sabor da
pelagem eriçada, excitada
dedos que percorrem a
planaridade, planície elástica de uma
superfície explosiva,
erupção cutânea, subcutânea desde a crosta subterrânea até a capa provisória
prestes a explodir de novo e de novo e de novo e de novo.
invólucro (in)suportável, embalagem (in)superável
epiderme, este revestimento precário:
a ponto de explodir
ferimento na região intersticial
hematoma no
cerne da célula

o poro se abre

vazão do sangue
expulsa a pele morta, a pele liquida
coágulo: textura que se acumula se acumula se acumula

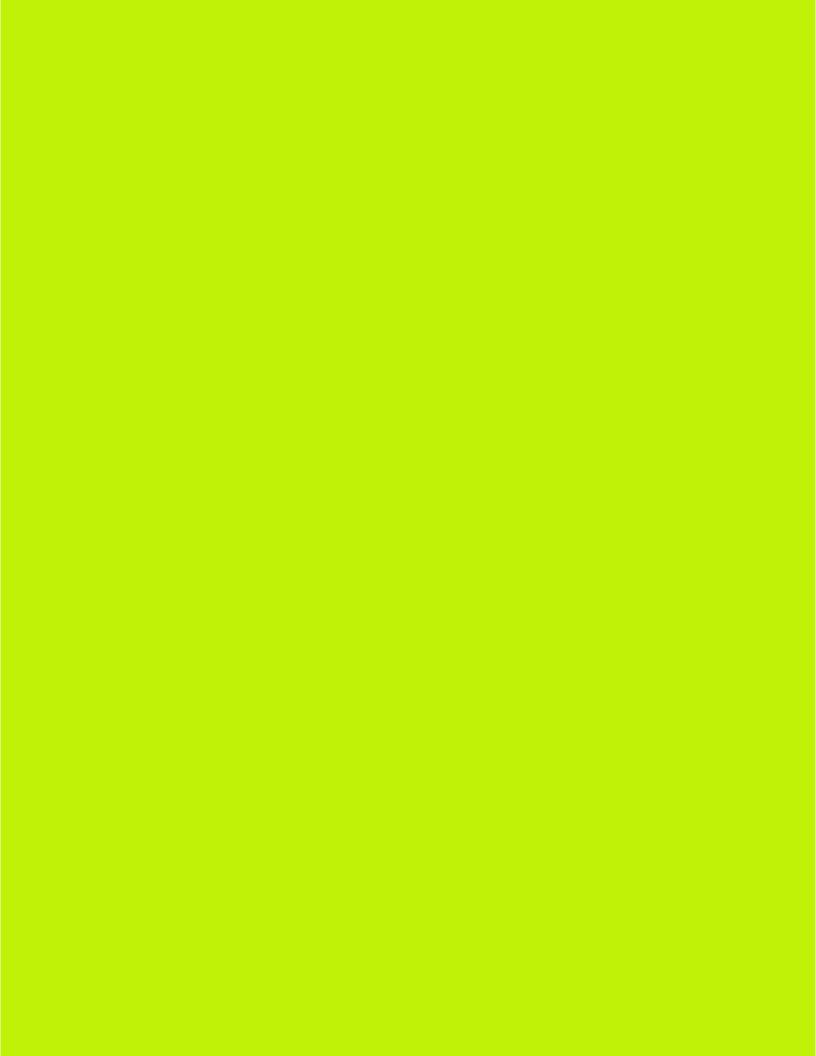
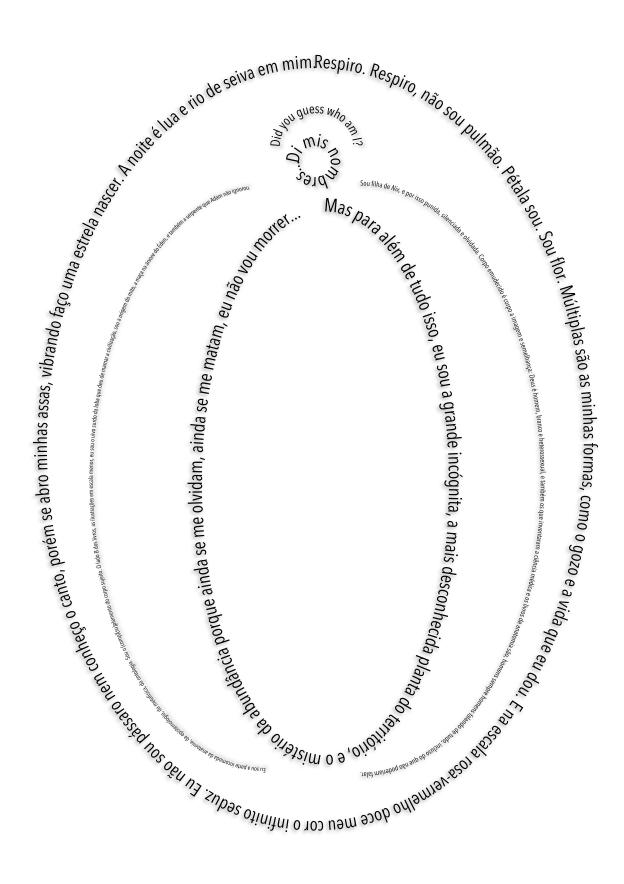
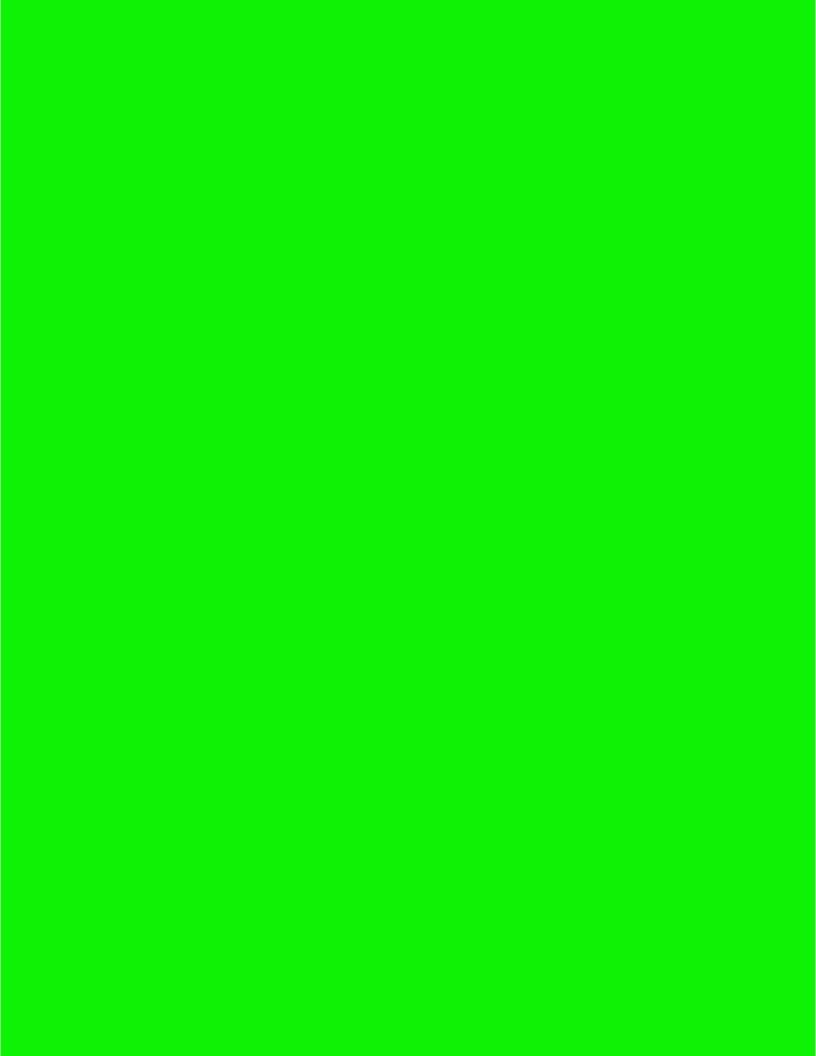
oporosefecha

terreno baldio
alergia que pipoca e colore a planície
furada rasgada cutucada
nódulo de tecido morto
sujeira que se junta, sarna que
escorre em suor.
Delícias do corpo.
A língua [pele úmida] saboreia, saboreia
os dentes [peles ósseas] mordem, mordem
os olhos [peles transparentes] olham, olham
A unha [pele dura] risca, risca
uma cartografia das cicatrizes,
– de suas varizes, de seus buracos –
uma geografia úmida e saborosa.

os dedos, língua da mão, roçam a pele
uma aventura do corpo-pele
o corpo-pelo-corpo
a pele-pela-pele
carícias que mapeiam o desejo de ser pele, na pele, pela pele.

LÉO PONTES

Juliana Monroy

olhes apresento zóio

capaz do incapaz; estático em seus movimentos circulares focando desretas

criando à partir das linhas conectadas ao centro da cabeça

vira, revira e mexe o meio do pensá; numa olhança, nada por tudo

desmexe,

habita o núcleo e a beira

no pé de olheira;

caminha pó, poeira, pedra e ladeira escorregadia depois da chuva

s

o(´)

b

e desce se precisa, sobe e desce quando quer

\abre/ /fecha\ |fixa----------------------------------

se p

e r

de

quando acha que encontra

e encontra quando deixa de ver

tudo é; e por isso tanta fome! a boca dos olhos tem fome!

as pupilas gustativas querem sentir o gosto duma observância

os ouvidos dos olhos não cansam de enxergar tudo aquilo que suas mãos não alcançam

e todo escutar que penetra a retina, se traduz em sentimentos estampados no brilho.

os olhos dançam o som das cores

diz-em alto, diz-em baixo, diz sobre descobrir, descobrem sobre o dizer

e quando não mais, suas pálpebras o cobrem

e os olhos entram num sono profundo, sentindo-se em casa

os zóio dotro

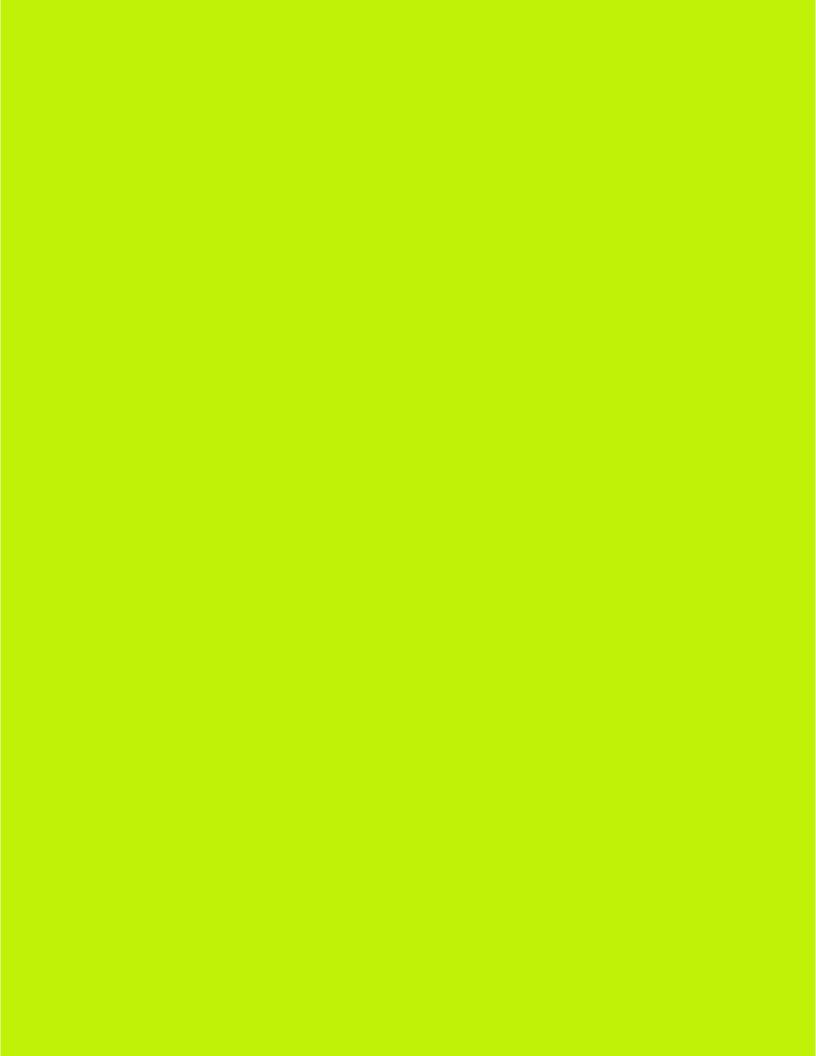
mundo.

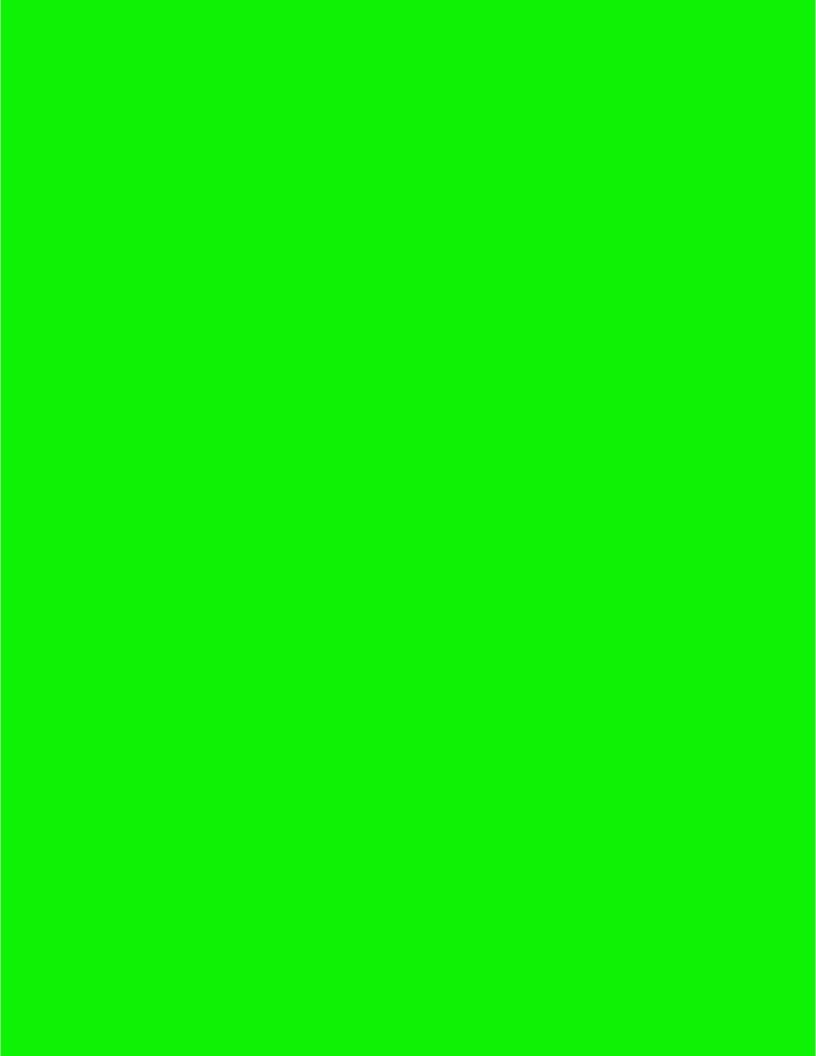
uña de gato para
curar el sida, uña
de guitarrero,
uña ramos, uña
encarnada, uña
del pie, uña del
dedo, uña
esculpida, uña
comida, *rasguña
las piedras*, clavar
las uñas, cortarse
las uñas, comerse
las uñas, caricias
con uñas, uñas
crecidas después
de la muerte,
uñas
monstruosas, me
lastimaste,
cortate las uñas,
me dejé crecer las
uñas, me pinté las
uñas, se me
despintaron las
uñas de lavar los
platos, uñas de mi
vieja, ser uña y
carne, ser uña y
mugre, uñas
dedos de pianista,
uñas dedos-de-
dinero, uñas
partidas, uñas
quebradizas, uñas
tamborileras en
la mesa, uñas en
el vidrio, uñas en
el pizarrón, uñas
en la espalda,
uñas como
garras, uñas
último rastro
animal.

El desgarro y la caricia, la carne lacerada sin uñas, la caricia con las uñas afiladas. El derecho a la pintura en las uñas, las uñas descascaradas por el detergente y el cloro, las uñas amarillas, las uñas negras, las uñas rojas, las uñas góticas, las uñas mugrientas, las uñas para levantar la maldición inca en polvo, la uña que abre los celulares, la uña carterista, la uña prestidigitadora, la uña en el ojo, la uña para sacar los adhesivos, la uña comida de miedo a los padres, la uña pintada a escondidas, la uña que no sale de los dedos, la uña encarnada, la uña tortura, la uña fuera de lugar, los dedos sin uñas, las uñas tóxicas, transparentes, redonditas, brillantes, sin-vergüenzas, las uñas que se resisten al corte, la pezuña, las uñas que hacen ruido de chancletas, las uñas de havaianas, las amarillentas, las uñas alucinantes, las de los hongos, las familiares, las que aceptamos sin remedio, las que se sientan con nosotros a conversar íntimamente, la uña que huele, la uña teñida, la uña mecánica, la uña nicotina, la uña pala meñique merquera, la uña *tablespoon* adaptada al medio, a las circunstancias, a la tragedia hecha en casa, hágala usted mismo/a, a la medida de sus uñas, la uña *plectrum*, espectro de la uña y las cuerdas, uña devenida, dejá que yo lo hago, zoología de la uña, pez uña, agarrá, me arañó, me pica, me rasco, me risco, qué arisco, las uñas como dientes, las uñas como termómetro: hoy me duelen hasta las uñas.

"Uña de gato no cura enfermedades y solo se debe usar como parte de tratamiento antiinflamatorio. Contrariamente a lo que mucha gente cree, la uña de gato, en su variante de Uncaria Tomentosa, solamente sirve como coadyuvante en procesos antiinflamatorios. El tronco debe ser hervido antes de ser consumido o encapsulado, pues ingerir o envasar tronco molido, no causará ningún beneficio. Cuando se trata de productos naturales, la ciencia da sus aportes de manera progresiva, porque son pocas las evidencias que tenemos. En general, se viene realizando ensayos preliminares en animales, no en humanos, para determinar su toxicidad y establecer dosis"

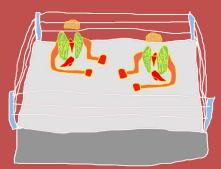
gastón cosentino

*Pie

EQUILIBRIO, PASO, SALTO,
DOLOR, BLASFEMIA, TROPIEZO
SOPORTO, SOSTENGO Y CARGO,
MARCHO, CORRO, COJEO,
HINCHO, DUELO, TORMENTO
HUYO, HUELLA Y SENDERO,
PLANTA, DEDO, HUESO
TOBILLO, UñA, DERECHO
TALóN, EMPEINE, ARCO,
TENDóN, FALANGE, Y TARSO,
EGIPCIO, GRIEGO, CUADRADO
PLANO, ESBELTO, IZQUIERDO,
CALLO, JUANETE, GORDO,
RIñON, DULCE, CUIDADO,
SOBREPESO, ATENCIóN Y ESMERO
ASEO, TALCO, Y ZAPATO,
COMODO, BOTA, DESCALZO,
MEDIA, FRESCO, BAñO
PEATON, PEZUñA, PEON,
RESBALO, PATEO Y BAILO,
ABAJO, RAíZ, DESVIO,
DESCANSO, ASIENTO Y RESPIRO.
REPARO, CAMINO, SIGO
ATAJO, CUERPO, FRIO
SUEñO, ALIVIO Y DUERMO.

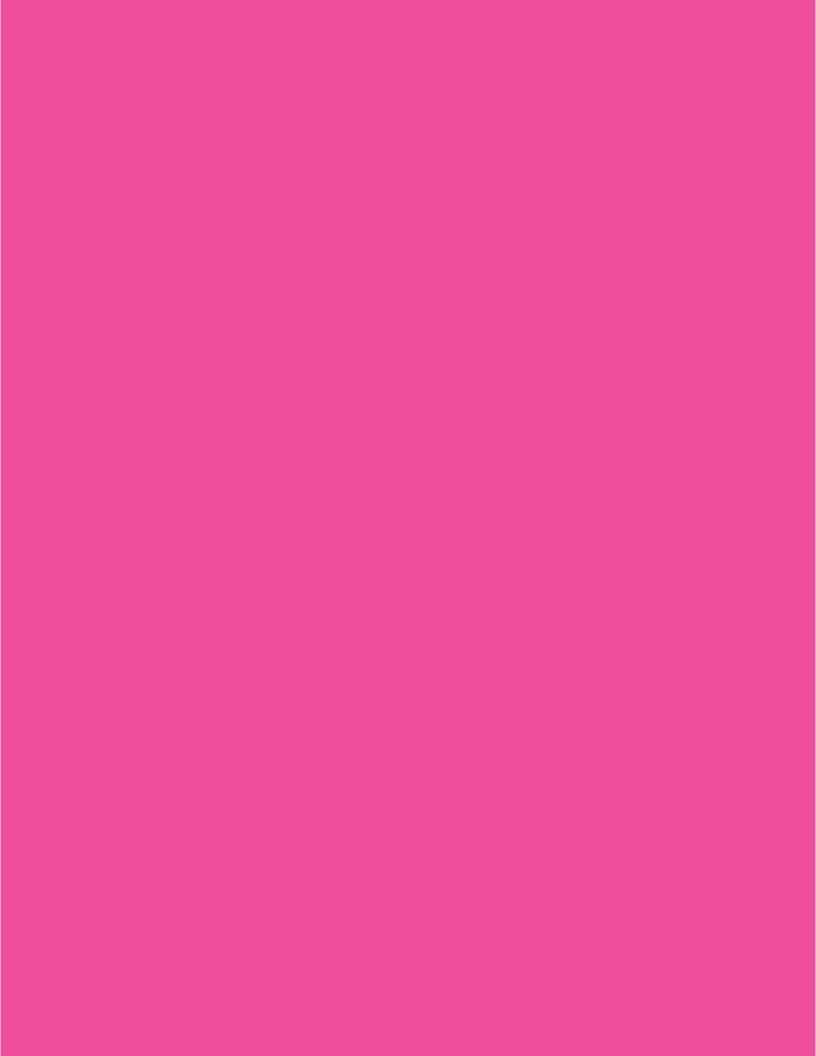
*Jorge Ortega, Antropologia

Segundo Coração

Quando aquele se foi, naquele pré-natal, você tomou o primeiro tombo, caiu em meio aquele líquido viscoso, você girava. Sem poder falar, chutou com força por dentro a barriga. Aquela perda foi como um gancho, seu coração ainda não sentia. Lá fora, ela se embriagou com a fuga dele. Ela sentiu sua ida, você sentiu a ausência, ela sentiu no peito, você, no fígado.

Se existe um segundo coração é ele, pode não bombardear vasos com sangue, pode não amar loucamente daquela forma romântica, pode não ser belo e famoso, mas filtra tudo que passa. Não é tão frágil, não se enfraquece por qualquer dor de emoção, é a pura razão, de poucos sentimentos, pugilista de doze rounds, soldado de linha de frente, amigx, irmã(o) mais velhx, protetor(a). Todos sempre cuidam da bomba de combustível e a maioria se esquece do filtro, na cabeça do leigo o filtro sempre aguenta mais um pouco. Ele gosta disso, gosta da função, gosta de aguentar, aguenta calado, não reclama, finge não sentir, não aponta, não se faz mole, resiste, guarda as magoas, acumula traumas e dores, mas tem vida própria, também é de carne e por isso não gosta de sentir-se esquecido ou atacado, e quando se sente assim ele te mostra tudo que guardou. Enfurecido ele: POW!! Te saca os pulmões, imobiliza seus braços e pernas, mostra que existe, mostra quem é que manda, mostra que sente, te mostra que é gente. Te acertou, o Fígado. Você: PLAFT!!! Vai a lona. Urra por dentro, imóvel no chão com um olhar distante. Após sua queda, ele amolece, sofre por dentro, se arrepende, mostra que quer seu bem, que não é um tirano, que não é inimigo, que só te derrubou porque estava difícil, sofre por você e com você como um grande amigx, não te deixa esquecer quem ele é, o amigx duro, sem massagem, que te aponta na ferida. As vezes ele queria ser um, sozinho mas não vive sem você, por mais duro que ele seja na dor, na verdade é um molenga, te ama sem saber, sem porque, sem por causa, ama tanto que te protege feito uma barreira, quase feito mãe, monta trincheiras, te coloca debaixo das asas, não gosta daquele melhor amigo do peito, ciumento, se alguém te chama na porta, diz que esta dormindo, ele não entende o amor, ele inveja, inveja sua relação com outrxs, mas duro na queda ele continua na sua função. Feito amante, aguenta sofrendo você encachaçado falando com o coração, e ele ali continua como um soldado apaixonado por um general que só escuta seu capitão, escuta calado aquele papo de amor, não entende quase nada e só consegue pensar uma coisa: “Esqueça isso, vamos nós. Rebaixe esse de capitão a cabo, me suba a capitão, eleja outro soldado e nunca mais vai sentir essa tal solidão.” Ele esta aí, incansável, em você, para te lembrar que a vida é eterna luta e que se ele quiser te leva ao chão. Você escritor poeta romântico, vai morrer incompreendido e frustrado, magoado ainda por aquela primeira queda, por nunca ter se tocado que não se escreve e não se vive apenas com o coração, as vezes é preciso viver e escrever com bíceps, fígado e pulmão.

AA021

Logo tu pedaço

acauã allende

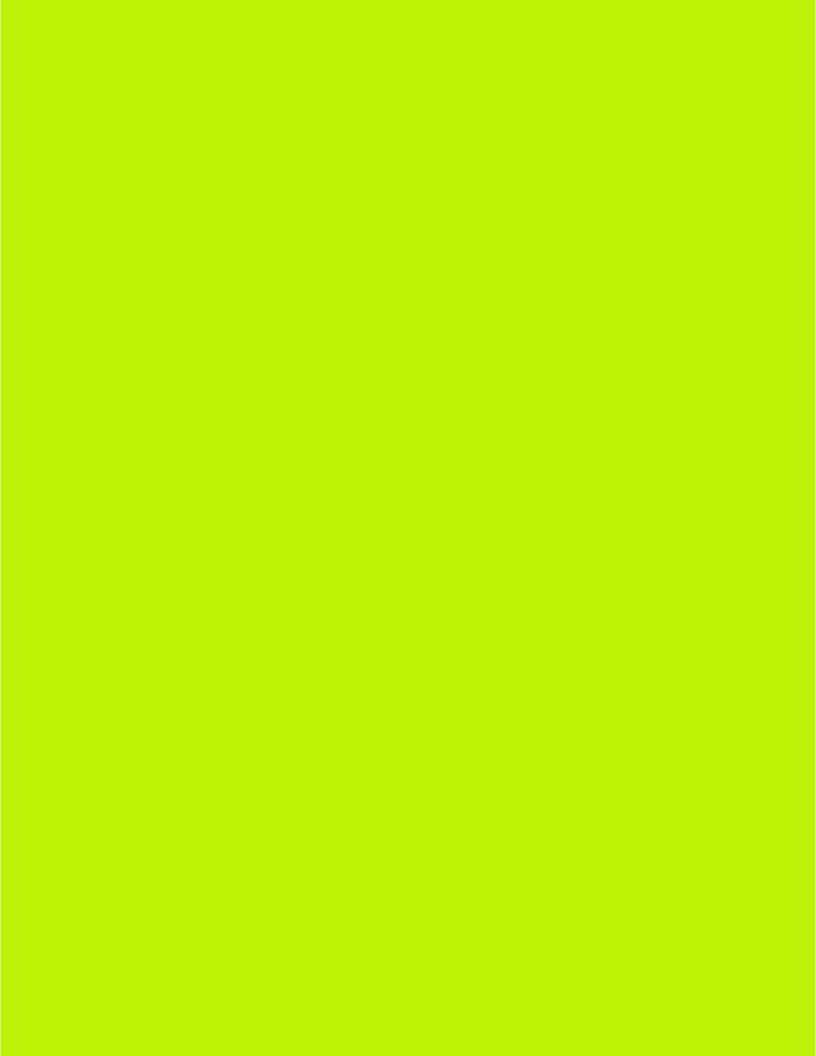
Depois que te vi passar uma única vez te dei movimento quando não mais te vi. Em cima de minha mesa te joguei, te bati, você gemia. Passei a mão em seu corpo durante dias. Quando secava, te deixava úmida e outra vez continuava a mexer você, você em mim. Você se lambuzava, eu também, derrubávamos ferramentas, você se cortava. Seu corpo me engolia, eu te engolia, meus dedos entravam em você, você me engolia. Quando você entrou em calor, sua parte rachou, a que mais sentia prazer. Árgila, você. Maleável feito fantasia.

A perna imaginária

danízio dorneles gonçalves

Bate o vento na cara de João Urutau. A memória tem cheiro de pólvora. Estala entre os ossos e dói. O minuano sopra frio nos galhos concretados da pampa. Passa assobiando entre a terra e a cicatriz do velho que se arrasta.

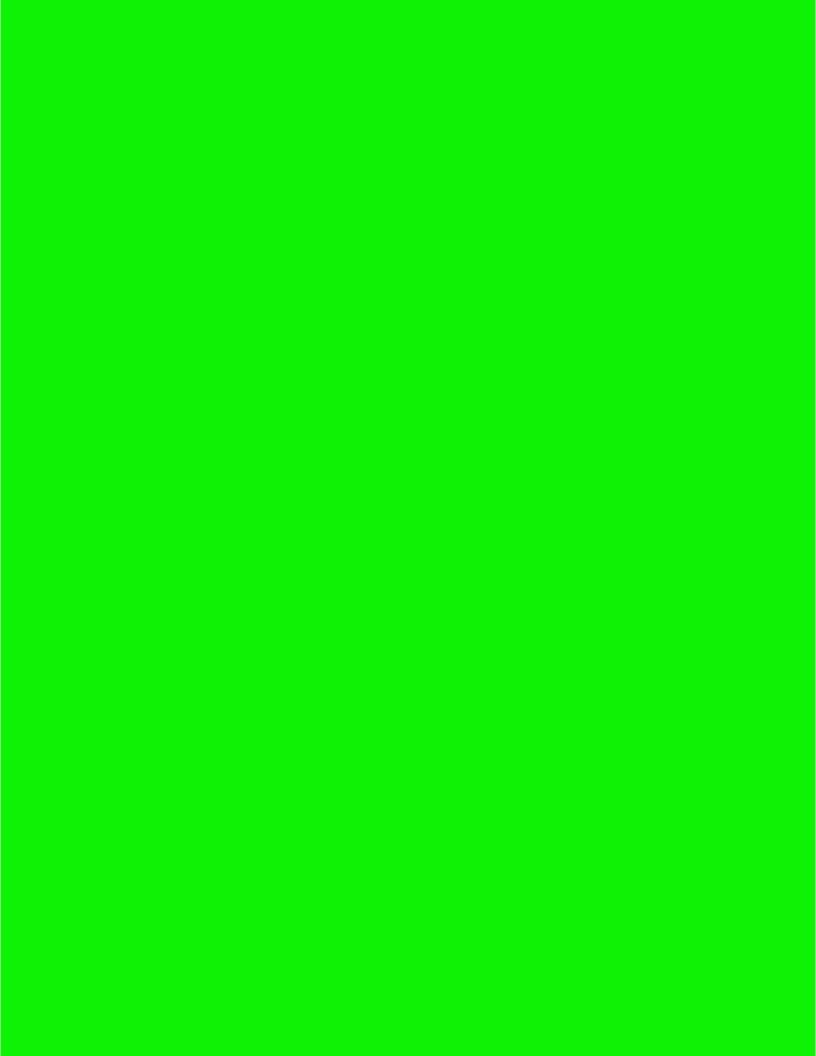
João mira o mundo com a vida que resta. A erva escassa. O mate cada vez mais amargo. Pelas frestas daquele domingo uma aranha estende sua teia e fica a esperar.

Cruza em memória a multidão
dos gritos. Cavalos em disparada. Passarinhamas revoando o horizonte largo. Avançaaaaar. Era a ordem do coronel. E João avançava entre um mar de poeira e solidão.

Espada em punho numa luta rasa. Nem o fio do aço, nem a tinta do corpo: era a formalidade do decreto que demarcava divisas. E ali nasciam os Urutaus.
Finda a guerra e João já não é mais moço. O João Sem Terra. O João Sem Perna. O João Ninguém (que agora adormece) enquanto a aranha da fresta vai tecendo lírios ao redor da perna imaginária.

O riso histérico da criança perversa

lucas leme

B se recordava de quando era criança e, sentado no pátio com os colegas de turma, visualizou, antes de qualquer um, uma garota que não era costumeira ali. Tal evento muitas vezes é correlato às revoluções científicas, nas escolas de bairro, gerando falatório que pode se estender por semanas. Enquanto os seus amigos comentavam os atributos pouco ostentadores da garota, que em alguns anos talvez pudesse vir a se notabilizar pelas ancas, B estranhamente perdeu interesse no juízo dos especialistas e percebeu um simpático desajuste na arcada dentária da garota. Os dentes de baixo eram levemente tensionados para frente, de forma que a mordida não se encaixava perfeitamente e fazia com que a boca da menina ficasse sempre levemente aberta. B, que tinha muitos dentistas na família e um ódio incontido pela profissão, se encantou com a delícia da imagem daquela mandíbula particularmente desleixada. Ele imaginou conversar com ela e encontrar uma personalidade doce e rebelde, como a boca; bem como a possibilidade de se aproximar e se aproximar e tocar aqueles lábios carnudos como fruta. Naquele momento, B fantasiava sobre a possibilidade um pouco esfumaçada de ele ir até ela, quem sabe perguntar seu nome, convidá-la para tomar lanche com ele...

Foi quando a roda se fechou sobre B, exigindo rapidamente seus pareceres. Logo B, que tinha um faro excelente para esse tipo de crítica, não poderia ficar calado; e ainda por cima, ele havia sido o primeiro a constatar a novidade. B, então, abre bem os olhos, mas não parece mirar nada em específico. Respira fundo; aperta o punho e os dentes: “Essa burra além de feia tem os dentes tudo torto. Ei, você! Seu pai casou com um armário embutido, por acaso, boca de gaveta?”.

Meu Olho Esquerdo

jardel oliveira

Meu olho esquerdo não funciona direito, nunca funcionou, mesmo com as lentes corretivas. Não sou capaz de ler com ele, mal consigo discernir um rosto. E sempre me apavorou a ideia de ferir ou perder o direito, porque para mim representaria uma grande limitação.

Por causa do meu olho esquerdo usei óculos desde criança, apenas para que ele não piorasse, para que não perdesse o seu mínimo de funcionalidade. Mas nunca pensei muito nele, enxergar menos de um lado sempre foi natural, um pouco como "ser destro" também na visão.

Quando me propuseram um texto sobre uma parte de meu corpo, achei que esta em particular merecia uma reflexão. Então me perguntei o que esta parte de mim representava, que papel teve na minha vida, que sentido eu podia atribuir-lhe.

Usei óculos corretivos desde criança, enquanto a maioria das pessoas sente esta necessidade só depois dos quarenta anos. Tive um cuidado maior com o olho direito, porque não tinha uma reserva. Nunca vi um filme em 3D, porque os óculos não funcionam para mim. A parte estas questões, não tive outras dificuldades.

Enquanto escrevia este texto me perguntei se esta falta, se esta ausência me ensinou algo mais profundo, mais filosófico. Gostaria de pensar que sim, que conviver com esta "incompletude" me deu alguma paz zen, alguma capacidade de lidar com faltas ou ausências, mas a verdade é que não.

Ausências de longa data são mais facilmente assimiláveis, nós simplesmente nos adaptamos ao que nos falta e ajustamos nossas expectativas. Esta pequena falha congênita não representou nenhuma desvantagem real na minha vida. Aliás, tive uma vantagem: foi motivo de não ter prestado serviço militar quando cheguei na idade em que poderia ser obrigado a fazê-lo.

Diante deste exercício de escrita pensei: poderia usá-lo para isso? Pelo jeito nem para isso, porque sequer um texto interessante consegui produzir.

Às vezes algo não se desenvolve, mas imagino que isso também seja uma coisa do escrever. Mas esta culpa não posso atribuir ao meu olho esquerdo, estaria mais para o cérebro... e já entraríamos em outro departamento. Então, com uma piscada de olho esquerdo, encerro.

Teus olhos verdes claros sorriem

diego kiil

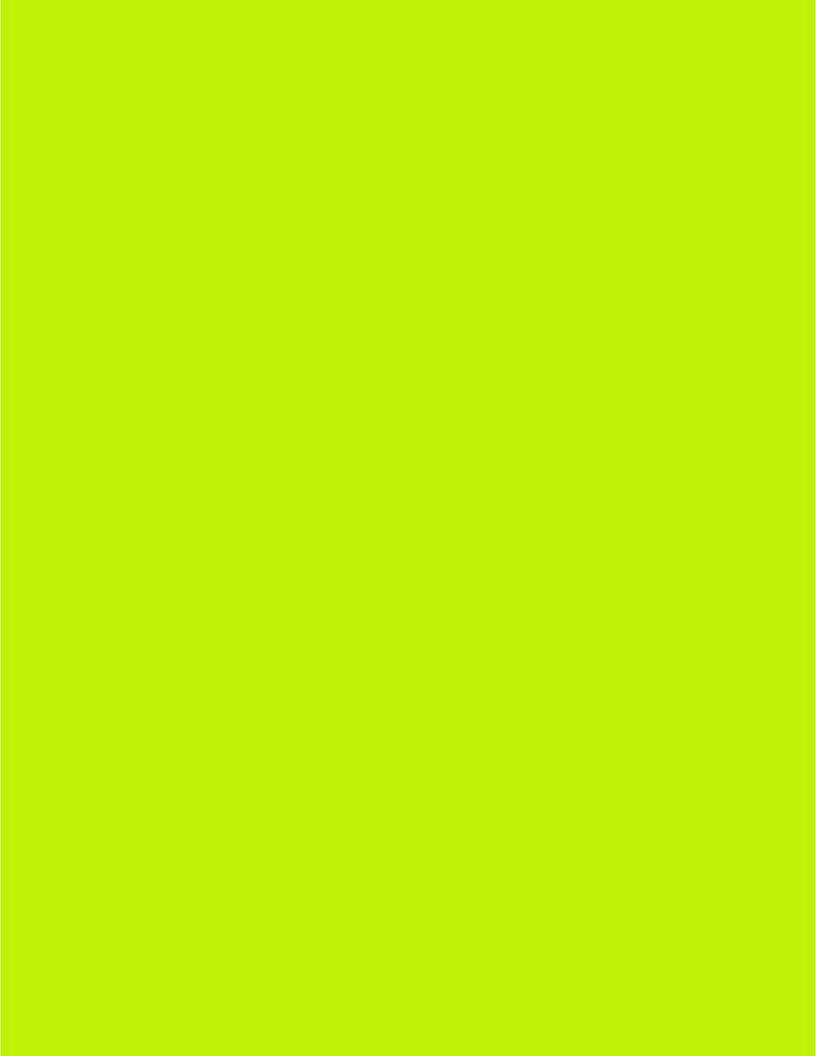
Teus olhos verdes claros sorriem.
Pupilas que sugam quaisquer fotografias e as registram em tuas retinas.
Verdes-castanhos que afugentam teu pai.
Severos olhos amendoados.

Teus olhos verdes claros sorriem.
Ao ver a pessoa que te faz feliz.
Traíste diante da tua Menina dos olhos e não podes mais voltar atrás.
No olhar efêmero escondes o grito abafado do teu olhar.

Teus olhos verdes claros sorriem.
Diante da beleza desperta de uma orquídea, já não tens pressa com a vida.
Só há deserto em teu olhar.

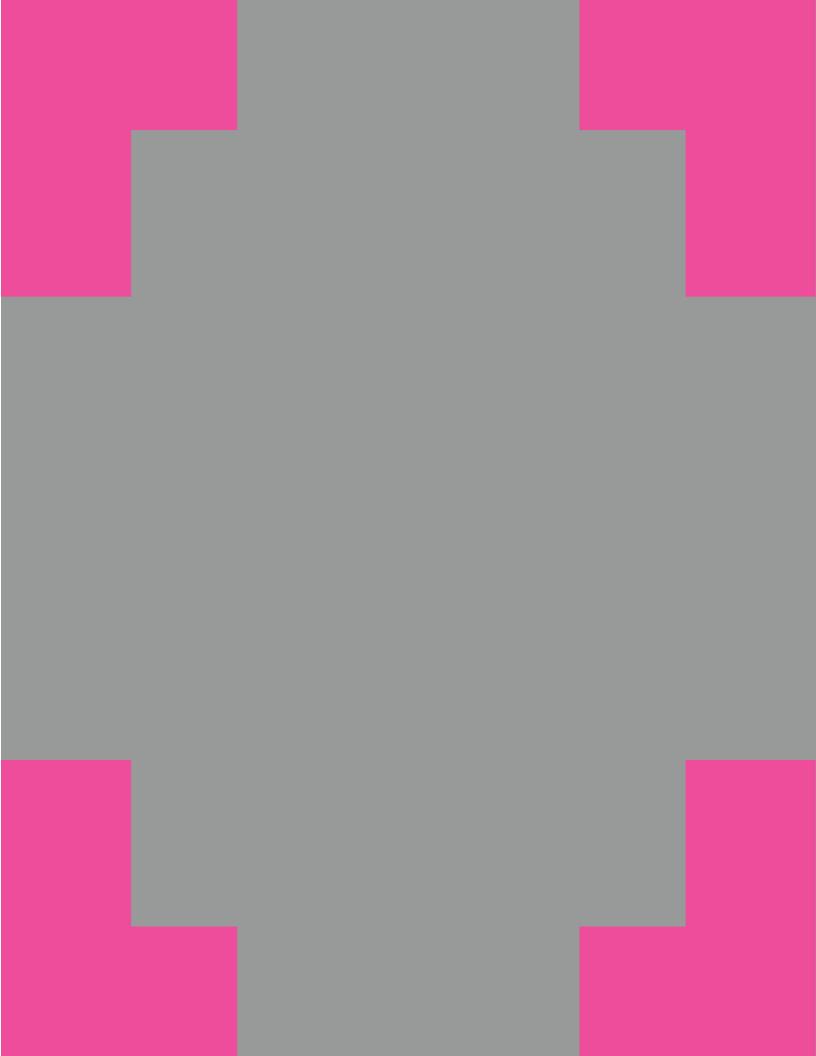
Teus olhos verdes claros sorriem.
Quando grãos de areia caem da bússola e o tempo tilinta diante das horas.
Marcas do que passaste fincaram rugas em torno dos teus olhos.
Tens agora um olhar envelhecido que treme com o aproximar dos fins dos teus dias.

Teus olhos verdes claros sorriem.
No retorno do teu filho pródigo.
Na partida do velho patriarca da tua família
Na espera do teu último rebento.

Seus olhos verdes claros sorriem.
E sorrindo vão ficando vazios e frios.

Perguntas à letra pê do pé

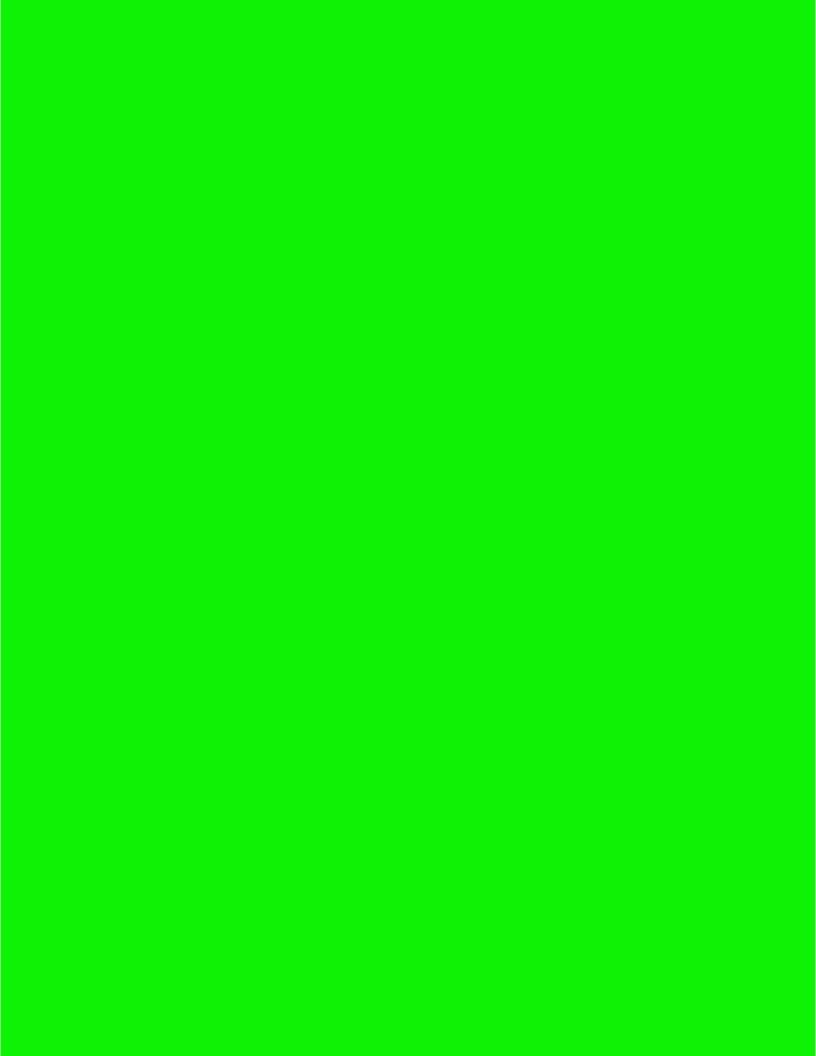
andré macedo

Assim começo o que não terá início nem fim. Uma grafia curta de escrever e difícil de limitar. Vontade que vem, mas que não é muito grande. É quase. Não chega a embriagar completamente. Há outras vontades, confusas e desorientadas. Algo que suporta e porta o que se pode ser. Ligado diretamente aos tendões mais profundos. Absolutamente carne. O pé é o avesso ao espírito. A profundeza não se faz com algo profundo. Acredita pouco e se cansa rápido das ideias superiores, jogos de palavras versadas pela arte da oratória: que presta um sermão do mundo. Ver o pé de cima, desde uma cabeça celeste para senti-lo em conexão com centro da terra. Uma raiz que se esparrama e segue caminhos singulares. Não é um empregadinho da cabeça. Na superfície onde adere, marca. A irregularidade, os acidentes, os espaços vazios e os relevos são compreendidos por ele. Compreendidos (ouçam!), não significados. Que parte é essa, que passa aleijada do corpo? Esquecida por um desejo bem ocidental? O pé, em sua marca inferior deve ser deixado pra trás. Ele, o grande pequeno amigo, firme companheiro incansável, desprezado pelo norte corporal, se arrasta no lodo, na massa informe, desinformada do sul. Seria ele uma não parte? Ele é entediante, pouco cria, quase nada fabrica, poesia então: Jamais. Talvez sua lógica seja mais próxima ao Haikai: Potencia e intensidade. Acontecimento em texto? Pé texto e nada mais. Essa insignificante parte do organismo, por pouco produzir, se satisfaz em servir de apoio a mão. Esta, em suas artimanhas se veem livres em sua atividade supostamente criativa. Ou apenas mera ilusão de um pé soterrado, que nada duplica, nada dobra. Sua reinvenção é outra, não quer traduzir o estomago, a genitália e o coração. Ao contrário, faz sempre singulares trajetórias, criando rotas. Rotas as antigas. Desenha cartografias da pisada nômade e efêmera. É com o pé que o corpo se inscreve no mundo. No papel, sem o peso dos pés, não se nota a leveza das mãos. Por isso, ele pode ser o grande des-cobridor, mas uma mão esperta e ágil vem furtar toda sua sabedoria e se faz em aparências escritas, dissimuladas de um rabisco. Registra e traduz! Contrário a imitação, o pé ultrapassa com velocidade o simulacro, performa a si próprio. Pouco pensa, mas muito impulsiona. Age apenas pela força e suavidade do toque, cede ao liso e se arrisca ao tombo. Prefere cair. Ao cair trai o corpo, as mãos, o espírito e a cabeça. Sabe que traduzir também outro tipo de traição/tradição. Por isso se contenta em viver nas partes mais rasteiras da existência, nas baixezas e incompreensões. E por que não dizer: nas pequenas vilanias? Que pergunta essa, hein? Perceba onde chegamos num pé só. Lugar sem

resposta e inóspito. Se preocupa com as perguntas, não com as respostas. Resposta é coisa de cabeça e mão, se dá conta. Pare ela, as respostas pouco informam. São soluções incompletas da mão. Ao contrário, a questão mais profunda está plantada, se perde no barro. Aí vem a mão e agarra. Faz uma resposta artificial, um vaso. Enfeita. Totalmente avesso a metafísica. Toda a física lhe importa. Física, geografia. Note-se que é o Sul. Sul de um corpo. É o oposto da cabeça. O pé é o que lembra os saberes ancestrais e se liga ao coração, ao amor, à vida. É o esquecido por uma cultura da mão. Ironicamente, a terra, é sua conquista. Mas foi a mão que chegou e que escreveu. Dividiu e também fez pontes. Estabeleceu contratos de propriedade, desenhou fronteiras, separou. As mãos disputam o que o pé des-cobre. Joia preciosa que só divide o território em passos, numa musicalidade dois pra cá, dois pra lá. Elis Regina dançou nesse ritmo. Ritmo nômade. Ritmo infértil. Ritmo horizontal. Sua memória é a marca efêmera no chão que fica imediatamente atrás, um contorno na areia. Pertence ao grão, ao mundo do mineral, anda ao lado dos bichos, entre seus espaços. Não se satisfaz com o sedentarismo das mãos nem com a bunda gosmenta que se agarra e desvanece na cadeira. Vai caminhar!!! Grita o pé a bunda! Um belo chute sonoro no rabo. E a bunda peida, atingindo o pé com gazes de infra mundo. Essas palavras pouco altivas, lembram que a representação dos pés, nas artes é, muitas vezes, aliada ao sujo, ao trabalho, ao abominável e impuro. O saci tem um pé apenas, se tivesse um olho, seria rei. Mas tendo um pé, é Saci. E pior: Pererê. Assim, aos saltos, vai deformando e experimentado a superfície. Se a terra é plana (Affff!), o precipício está no próximo passo. Entretanto, o pé conhece o outro pelo tato, é pura sensação é estar aqui e agora. Ele não tem passado e não se importa muito com o futuro. O pé lembra a humanidade da morte e não se deixa escravizar pelos atos manipulados pelas mãos. O pé é eterno presente e ao pé o eterno retorno.

escritura de três variações de um texto a partir de um fragmento respeitando todos elementos e personagens.

A vela

danízio dorneles gonçalves

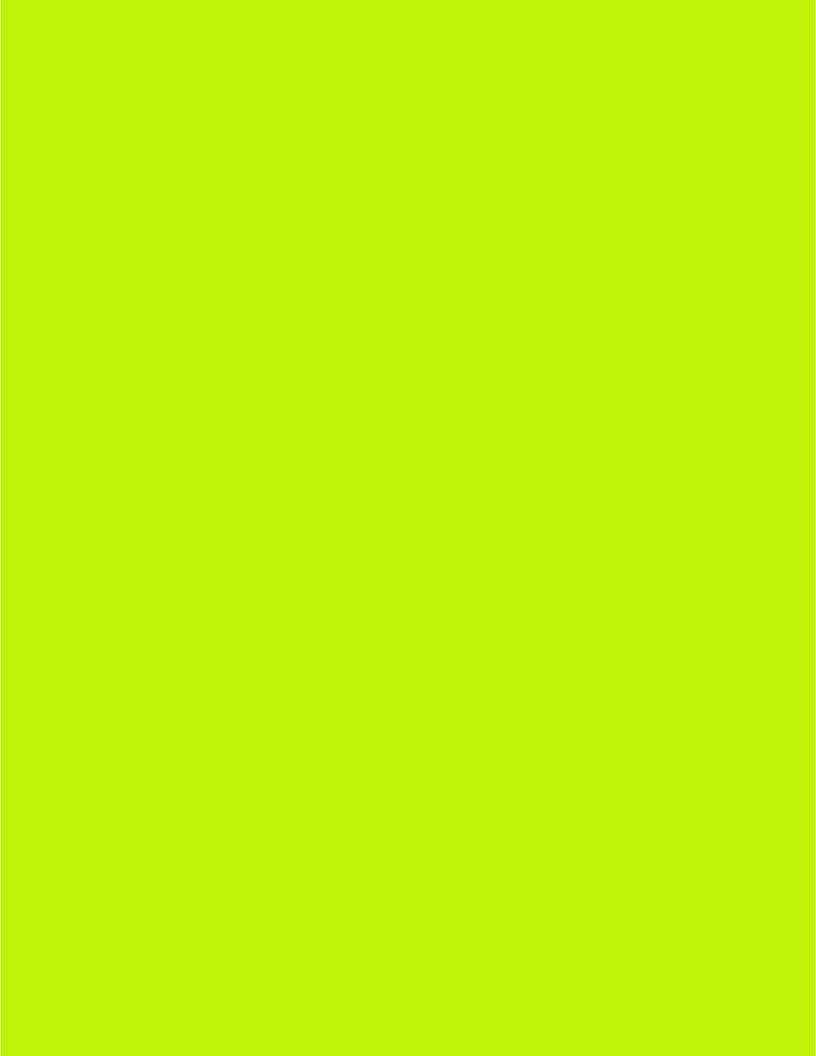
A realidade só cria carne a partir do sueño. É o que dizia
a velha Quimera toda vez que riscava o fósforo. E eu a
cada noite nascia de seu gesto para morrer horas depois,
pelo sopro de qualquer um. Acontece que era primavera e
aquela luna andava me deixando inquieta. Su luminosidad
golpeando de relance as frestas da madeira do rancho,
perambulando pelo metal sujo das panelas, acendendo
qualquer coisa no quarto ou dentro de mim. E foi por isso
que, naquela noite, quando me mandaram embora eu decidi
ficar. Me fingi de morta. Coisa apagada e imóvel expelindo
olor y humo em sinal de ausência. E assim todos dormiram.
Exceto Florencia. La niña parecia conhecer minhas
artimanhas e se pôs a jugar com a fumaça que escapava do
pavio. Por fim passou a língua nos dedos e molhou com
saliva amarga a minha vontade de ser fogueira. Deitou e
adormeceu triunfante. Mas já era tarde. Eu também havia
tocado a memória de Florencia. E poderia me acender nela
quando quisesse em meio à escuridão.

Desobedientes

andré macedo

— Diz que me ama… E me beija as mãos… Quase não olha para meu rosto… Como se fosse noivo apenas de minhas mãos… Não me beijou nunca na boca… (olha as próprias mãos como se estas tivessem um mistério; aperta a cabeça entre as mãos, atormentada) E por quê, meu Deus, por quê?

Nelson Rodrigues

Las manos en la cara. En la pantalla, cada uma cara allí, con sus dientes apretados, tapando sus bocas con ellas: vacias, ocupadas, cariñosas, sedutoras, cálidas o sin esperanzas. En su independência del pensamento, ocupan gran parte de lo que se puede ver expuesto del cuerpo. Una cabeza con una boca que habla y pregunta donde está el resto del cuerpo¿ Por hora, son las manos que encubren de la vista las pequeñas contracciones. Son fundas oso, carne y piel de los miembros superiores. Plan gereral: Las manos. Plano detalle: las manos. Close: Las manos encubren y descobren todo, incluso el aire y los indecibles de la relacción, que quiere salir de la pantalla, invadir al mondo, ir afuera de si. Sin escapar al pixel, las manos encubren el hálito em sus plumas de avestruces. Una chica, descasa com la cabeza entre sus manos apoyadas sobre la mesa. Un viejo señor saca sus anteojos e limpia, calmamente, seus ojos para ver mejor.

Recoloca sus anteojos y se queda por detrás de las manos, encruzadas. Se parecen como montañas que encubren el nacer del sol, por detrás de la montanha nasal. Otras veces, quieren penetrar en los buracos del cuerpo. Y así, secretementa hacen sus carícias. Las mías y las tuyas. Nadie las dá permisso, pero las manos no son obedientes.

Eles viam a fumaça do cigarro subir e perder-se no céu

léo pontes

Da janela do quarto, no segundo andar, os dois irmãos observavam o homem parado, do lado de fora, perdido ele em seus pensamentos.
No que será que pai tanto pensa? – perguntou o caçula.
No trabalho, no trabalho.
O caçula não sabia, mas o menino mais velho já havia roubado cigarros do pai. Na ausência do homem, o jovem aprendera a bisbilhotar a oficina onde ele fabricava caixas e baús. Dentro da sala, abarrotada de armários e estantes, o pré-adolescente descobrira cada tesouro do pai: o monóculo banhado em prata; o broche do avô; o escapulário vazio; e claro, o cachimbo e o isqueiro. “Cada coisa em uma caixa” o menino sabia exatamente onde guardar cada objeto, para disfarçar o rastro de sua curiosidade.
Porém, havia uma caixa selada, que ele nunca ousou abrir. A caixa era preta, reta e simples, não tinha nenhuma inscrição e tampouco prometia sobre o conteúdo que guardava. O garoto pensava se haveria realmente algo guardado na caixa, mas suas fantasias não duravam muito: Mexer no objeto era a única proibição. O menino ainda se lembra da única vez de ter visto o pai ficar furioso. O motivo, a caixa. Nessa tarde remota, a criança viu uma pequena fagulha destelhar no fundo dos olhos do homem. Tal imagem ficou gravada na retina do garoto, fazendo-o teme-la. Por vezes sonhava com a caixa.
Meninos – a voz da mãe antecedeu a sua entrada no quarto – Já é hora de dormir.
Eles fecharam a cortina e foram para suas camas. A mãe cobriu o mais novo e deu um beijo na testa do mais velho. Ele sentiu o seu rosto úmido. Ela havia chorado.
Boa noite, filhos. Ventava.
Deitado na cama, o garoto viu a Lua enquanto imaginou outra resposta para a pergunta do caçula. Ele soube que o motivo era a caixa. Sentiu o peso repentino das pálpebras e quando ouviu a porta do quarto da mãe fechando-se, o menino cerrou os olhos e entregou-se ao ninho. Não sentiu o tempo passar até perceber-se em outro mundo.
Ele está no interior de um espaço completamente escuro, onde toda luz é absorvida. Há um som constante, que pulsa desde o centro do estranho pátio negro. O menino se aproxima da fonte sombria do barulho e encontra um coração vivo. O órgão e seu compasso cardíaco hipnotizam o menino, que vê na estranha figura o farfalhar de uma fogueira. Faz calor. O bafo. O coração

engole o menino. O irmão ao lado, dormia. Ele não notou o incêndio. Tampouco a mãe.
O pai, lá fora, fumava um cigarro.

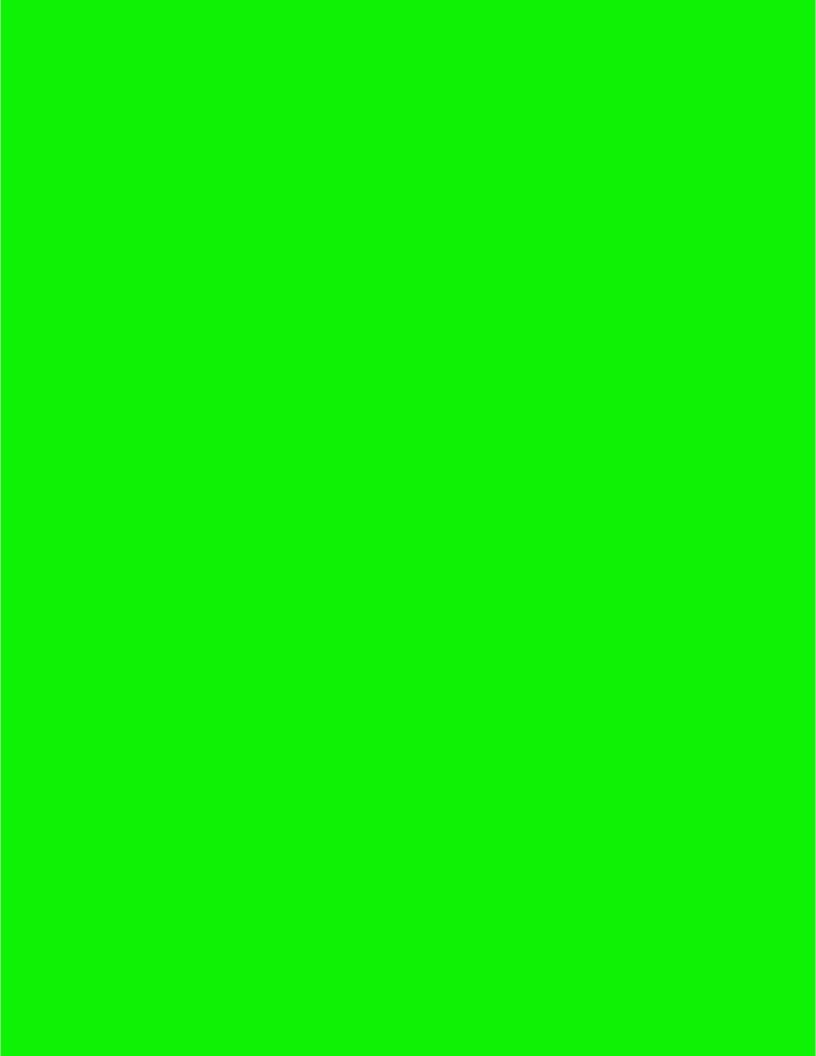
Quisera ela estar acordada para tirar os meninos do fogo

Naquele dia, pela tarde, a mãe estava na oficina, como de costume, para certificar-se de que não haviam vestígios das brincadeiras dos filhos. Mas eles sabiam limpar os seus rastros. Enquanto examinava, a mulher deparou com a sua imagem, refletida pelo espelho ornamentado. Depois de todos esses anos, a mulher ainda exibia sua rara beleza. O encontro repentino com o reflexo fez a mulher perceber-se a si mesma.
Como duas amigas, se admiraram.
Tão rápido como uma chispa, percebeu o espelho transformar-se num quadro, desconhecido por ela, que conhecia tão bem a sala de trabalho do marido.
A pintura exibia uma velha mulher, que portava entre os seios um colar ostentoso. Um pequeno coração encrustado de rubis. "Devo estar cansada", pensou. Antes de decidir mover- se, ela viu a outra mulher respirar, como um dragão silencioso. Pôde ouvir uma voz, que emanava da própria casa: "São meus".
As horas da tarde passaram voando. O sol abrasador, o céu límpido: a secura do inverno anunciava a calidez da noite que cobriria aquelas redondezas. O sol se pôs e o marido voltou ao lar depois de uma rápida viagem ao povoado seguinte.
Tão rápido ele chega e a mulher desagua sobre ele os acontecimentos estranhos daquele dia. O espelho, a pintura e a anciã. Como era de esperar, o homem não lhe deu ouvidos.
Então, ela o levou até a oficina no afã de mostrar-lhe o quadro. O que se viu foi a imagem dos dois refletida por um grande espelho redondo, o mesmo que havia visitado a beleza da mulher, mais cedo. O espelho também viu o homem agarrar a esposa pelos braços e aproximar a boca dos seus ouvidos. O sussurrado não pôde ser escutado por mais ninguém.
Durante a ceia, nenhuma palavra foi trocada com o marido. Observando-o disfarçadamente, ela notou que por trás da capa de homem gentil, havia outro homem, desconhecido. A ameaça lhe ardia os ouvidos. Os meninos nem sequer podiam imaginar. "São meus".
Tal tomada de posse lhe atormentava.

Acabado o jantar, tudo seguiu como de costume, as crianças subiram para o quarto e o homem se retirou, para gozar de seu vício noturno. A mulher, escondida no lavabo, rompeu a barragem dos olhos e chorou.
Seus braços doíam. O homem duplo finalmente se mostrara. Enquanto limpava do rosto a maquiagem borrada pelas lágrimas, só conseguia pensar na outra mulher e na cólera do agressor. Ela subiu as escadas, temeu o seguinte passo. Deu boa noite aos filhos. Quis guardá-los num relicário, protegidos. Se preparou para dormir. Sentiu-se levemente abatida: o sono, antinatural, levou-a rapidamente para os seus domínios. Ela não percebeu quanto tempo passou, mas pôde jurar que viu, adentrando no quarto, uma velha mulher.

O pai gostava de fumar, depois da comida

O pai adorava brincar com a fumaça. Naquela noite, porém, ele baforava despretensiosamente. Não tinha ânimo para jogos e nem para suas costumeiras exibições de destreza com a fumaça. Estava tão absorto em seus pensamentos que fumava um simples cigarro de papel. A fumaça serpenteava e subia, até desaparecer no escuro da noite.
Ele já conhecia o destino da família, mas só conseguia pensar se teria coragem de riscar o fósforo. Uma parte dele se dilacerava ao pensar nos filhos, na esposa e no caminho insuportável que teriam de enfrentar naquela noite. Enquanto fumava, expulsava de si o pouco de pai que lhe restava: o homem era engolido pelas chamas.
Enquanto se desvanecia, via na fumaça a vida que tivera naquela casa. A cada baforada só restaria a capa de homem, habitada tão somente por um fulgor. Acabado o cigarro – o último e derradeiro – o homem seria o primeiro a sucumbir, sem nem ao menos saber o que a carta revelava.
Ainda pôde sentir o porta-joias pulsar ritmadamente, junto ao próprio coração. Mas a mão que tirou do bolso um envelope, já não era sua. Seus olhos capturados percorreram a inscrição.
Abrir quando a Lua estiver à pino.
A.M.
Abriu o invólucro e leu as poucas linhas escritas à mão. Os meninos não puderam ver, mas o homem, aproveitando a brasa do cigarro, queimou a carta e o envelope. Seus olhos vermelhos refletiam a pequena fogueira que nascia para consumir o homem e sua família. Não demorou até

a réstia tornar-se o inferno. O veneno já
haveria produzido o seu efeito.
A lua, o pai, a fumaça e o cigarro.
A brasa, o capim e o vento: dança
incendiária.
A casa, em chamas, não acordou
ninguém. A anciã consumiu-se e
consumiu a todos, veias e pulmões,
retratos e plantas. Ardeu e gozou dos
seus habitantes. Lambeu a escada,
saboreou a mobília. Como lesma
subterrânea, subiu pelas paredes.
Objeto e sujeito, tudo e todos perdiam
seus rastros nas sombras dançantes.
A fumaça rodopiava: ela queria o ar
noturno. A grande senhora baforava e
exalava o seu fulgor ancestral. Frio e
quente. Molhado e seco. O fogo come
a casa. O lençol em chamas come a
mulher. O monstro do armário come as
crianças.
...
O novo homem acendeu um cigarro e
assistiu ao nascimento da quimera.

Minha chama, tua paga.

andré macedo

Essa saga começa pelo fogo. Uma sina. O fogo percebeu que todas na casa estavam desatentas, e inescrupulosamente foi se apresentando. Passando de um pequeno festim a um incandescente incêndio. A verdade é que ele só precisaria de uma faísca. Recentemente, já havia reparado na beleza das antigas tabuas de carvalho. Atento àquelas madeiras, de boa procedência, mas um tanto gastas pelos cupins, pensou que aquele seria o momento... Tomado por uma inocente chaminha, deu-se início ao grande fogaréu.

E o que parecia ser uma fagulha inocente, logo se tornaria a erva daninha que destruiria toda a estrutura da casa, tornando-se uma chama cruel, dominante e infalível sobre aquele lar. A vontade de queimar e desmontar era tanta que rapidamente levou a casa ao precipício final. Os carpetes e as cortinas... Tudo. O jogo de sofás velhos e os papeis na forma do pó, da fumaça, deixando somente lembranças. 'Tudo poderia ser devorado. A fome era imensa', pensou o fogo.

A madeira, que outrora era proteção, agora corrompida pelo desejo ígneo, se entregava ao fogo... O mesmo para cada revestimento de colchão, tapetes e tecidos que eram rapidamente consumidas e incorporadas as experiências existências do fogo. Ninguém poderia apaga-lo, isso era certo. 'Socorro!' Gritava a casa, sem forças, outras vezes gemia prazerosamente. Mas tamanho era o efeito voraz das chamas que seu gemido passava despercebido. Não haveria remédio.

'As pupilas avermelhadas do menino refletem a casa sendo consumida... madeira... tecido... plásticos...', dizia baixinho, o fogo, entre estalos da madeira, com sua voz abafada de fogo, enquanto se alimentava e refletia nos olhos inocentes do menino. As pupilas devolviam o fogo ao fogo, uma imagem que mostrava sua última lambida, acabando-se em êxtase absoluto, e num piscar de olhos, relaxava e adormecia outra vez. Antes de adormecer, viu a caixa

velha de papelão, sendo resgatada antes de seu toque. Nela havia a seguinte inscrição: apetrechos, memórias e invenções.

***

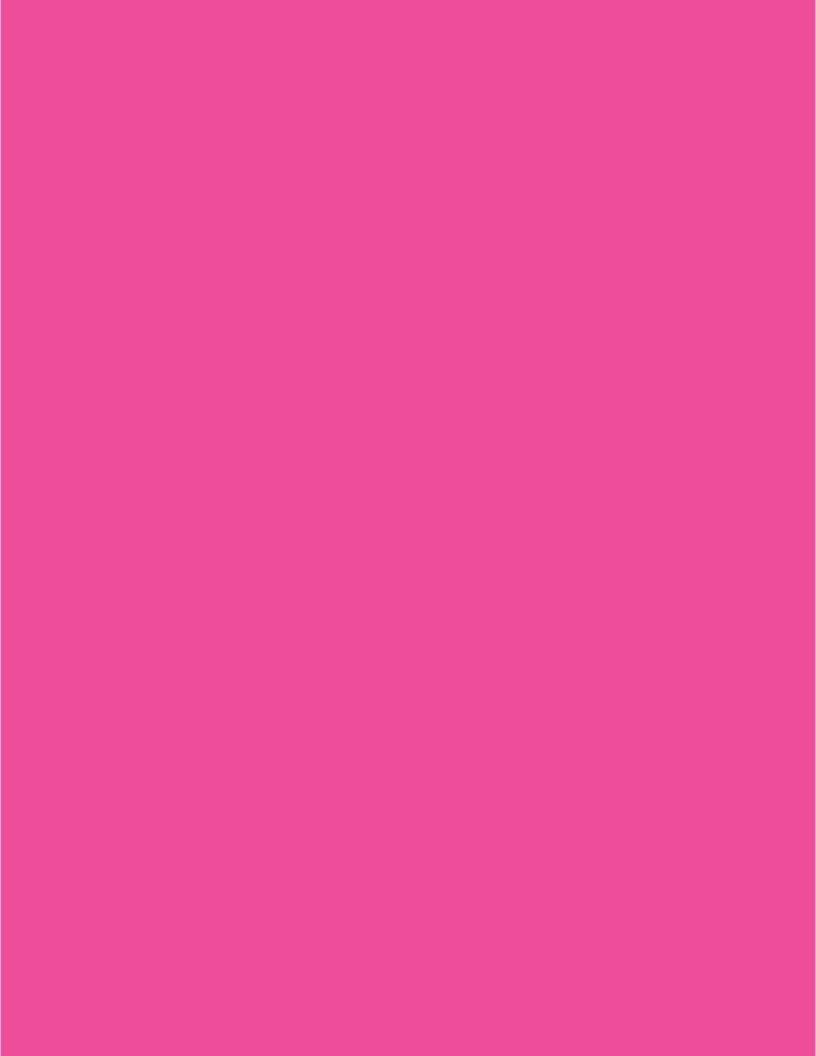
Foi uma grande correria na casa. 'Como caixa que fui feita, cumpria o destino de guardar 'coisas importantes' dos outros. Mas isso me incomodava, já lhe adianto... Lembro que, no dia do incêndio estava eu, assentada sobre a escrivaninha, naquela mesmice, quando ouvi a gritaria que anunciava o sinistro. Me despertei de uma vida, ali, parada no tempo. Foi, mais precisamente, quando a esposa começou a discussão com o marido, por minha causa, e isso eu não entendi no início, só depois, passei a compreender o que estava acontecendo. O que importa era que o homem, estava bastante preocupado comigo e aquilo que eu guardava pra ele passou a me preencher...'. Antes de voltar a falar, a caixa olha pra si mesma e faz uma respiração profunda e começa a chorar. De repente havia se dado conta que ela deixava de ser uma simples caixa... Para ela, falar daquele dia, ainda causava lágrimas.
'Eu não fiz nada para salvar-me... Me dar conta disso, hoje, dói, sabe¿ Nunca tinha gostado da minha vida utilitária 'de caixa'', retomou ela. Para si mesma, bem que poderia ter sido consumida pelo fogo ali mesmo. A vida que levava não parecia lhe animar até então. Mas naquele instante, ao sentir-se querida, ela havia experimentado um sentimento novo. Pela primeira vez, sentiu algum tipo de amor. Era uma espécie de amor por si mesma. Amor próprio, se poderia dizer.
Em seu delírio de autoaceitação pensou no que estava dentro dela, e que ela sempre havia negado. Experiências que eram um pouco dela mesma, se dava conta a caixa, n'àquela altura da existência. Somente agora, a caixa havia entendido que ela tinha que aceitar para si o desígnio do que levava dentro. E foi isso que ela fez. E assim, tornou-se companheira, cumplice daquelas coisas. Mesmo sem certezas, intuía por algo precioso. Ela guardava um pequeno milagre, dentro de si, e ao perceber isso, sentiu-se feliz. E assim, enrolada num cobertor xadrez, foi levada para fora da casa, sorrindo, de forma muito enigmática, como caixa que se descobriria.

***

A mãe pensou em salvar a infância de seus filhos. Os filhos, sem entender o que acontecia riam e sonhavam. Não tenho certeza agora, porque minha memória é uma chama, mas acredito que um dos filhos estava dormindo. Apenas um deles ria. O outro, sonhava que a casa estava pegando fogo e que ao acordar, a casa teria desaparecido. E ao acordar, já do lado de fora viu, como havia sonhado. Minutos antes, não percebeu que o pai, sem saída, correu para salvar uma velha caixa de papel onde guardava partes quase esquecidas de sua infância e outras coisas.
Por um instante, a mãe perdeu-se de si mesma. Olhava atordoada para o quarto, com os olhos incompreensíveis. Não conseguia para de lembrar das intimidades que vivera ali, naquele quarto já bastante tomado. Um pensamento a invadiu e, por um instante, entregou-se ao ardor daquele quarto. Enquanto via sua vida passar diante de si, projetada nas chamas sempre ascendentes, minha mãe era tal qual a casa, em chamas. Foi nessa espécie de erotismo acalorado que assisti meu irmão nascer. Voltando de seu orgasmo, e ainda antes de o fogo terminar com a cama, minha mãe, como que num lampejo de lucidez pegou o lençol úmido do suor e sêmen daqueles dias cálidos e partiu em socorro de meu irmão...
E eu ali, vendo aquela mulher, num estado de loucura e lucidez se levantando por entre os caibros que começavam a despencar. 'O caçula!', gritou a mãe ao desaparecer por entre as chamas. Eu estava ali assistindo tudo, e criança como gostava de ser, me divertia com aquele corre-corre. Claro que o fogo fazia o quarto ficar terrivelmente quente. Eu estava achando aquilo lindo, tirando o calor. Foi por causa do calor, que pensei guardar o fogo na caixa do papai. Mas, impressionado que estava, continuei assistindo e pensando: 'aquela casa tinha sido construída pelo avô de meu pai, quando ele veio pra essas regiões de fronteira. Depois, passou a ser do pai do meu pai. Por fim, a casa era agora do meu pai...'
E eu, ainda menino, me dei conta que algo se interrompia na minha vida. O incêndio se tornaria a paga da casa, e assim, da família. Após aquele dia, ainda poderíamos sentir os vestígios das cinzas. E assim foi dito, feito e imaginado. O único pedaço que restou foi a escada de metal, que ficava do lado de fora, na entrada, e curiosamente não tinha nenhuma utilidade. O restante, queimou tudo. Queimou tão rápido que ninguém na rua deu por conta dela. Era como se aquele vazio, um monte de cinzas e brasas, que furava a paisagem sempre estivesse ali. Como se ontem ele estivesse ali. Ninguém mais lembra, ou fazia de conta que esqueceu. Os anos passaram, e aos poucos, até o antigo

edredom xadrez, se foi.
Vez ou outra, me vem aquela lembrança, junto com a tristeza acinzentada que cobriu o céu naquela noite. Me sinto só e uma lágrima molha meu rosto. A verdade é que foi bem assim, sem tirar e nem por! Ele chegou sem avisar. Papai foi até o escritório procurar uma caixa antiga, sei lá. Uma caixa, na qual ele tinha escondido seu passado, presente e futuro. Era sua caixa de apetrechos, memórias e invenções. O irmão mais novo, dormia. E seu sonho pareceu continuar, mesmo após a fumaça já ter sido inalada.
A fumaça... Nem mesmo a mãe, em chamas, seria capaz de acordá- lo outra vez. A fumaça teve o tempo suficiente para sufocar o sonho.

juliana monroy

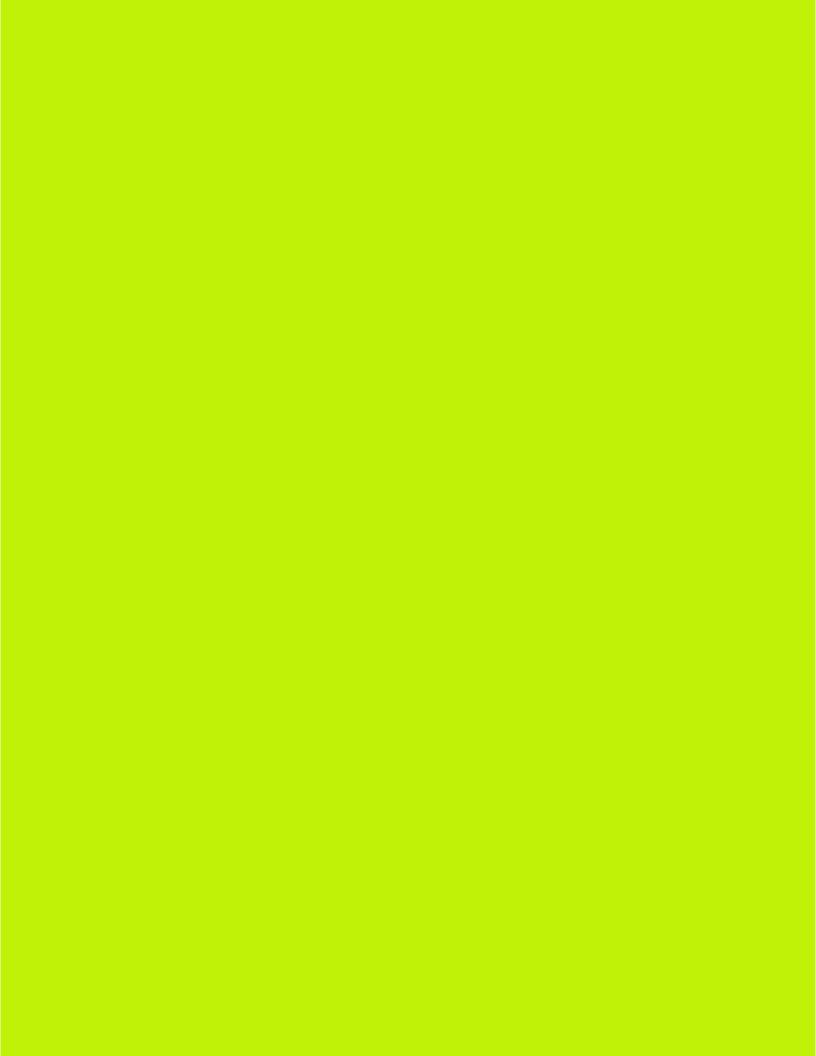
I

Entre la humareda que comienza a tomar la habitación, la reconozco. Espasmos, sudores y tos hacen del espacio una materia elástica y porosa, pero estoy segura de que estoy aquí, no es un sueño. Ella está cerca, le leo los labios, eso creo, porque sé lo que me dice, pero no le escucho la voz: "vístase rápido, mija, hay que salir". Me demoro todavía un poco en entender el signo de su pedido, mientras escucho cómo, algo así como las manos de una turma iracunda, revientan los cristales de las ventanas y los frascos en la estantería de la cocina. "La casa se ha incendiado", me dice ella con la cara pálida a pesar del calor. Ah, es eso el calor, no el furor de una noche de pleno verano ni el ápice de una fiebre que anuncia enfermedad, es el fuego se toma la casa como los no invitados a una fiesta nunca convocada. No consigo salir de la inmovilidad, los músculos no me responden. Ella y su aviso son un fantasma con carne y hueso en medio de la habitación, ¿hace cuánto tiempo que no me la encontraba? En el sótano, entregada a su investigación, haciendo la fama de bruja en un pueblo supersticioso y rústico, hace meses..., "mija, hay que salir", su voz en off me taladra la cabeza. Entonces pienso en Laura. Cruzó con afán las puertas que nos separan y la busco entre la niebla flamante. Mamá me sigue. No la encuentro y desespero. Registrando las habitaciones, encontramos a papá en el estudio. Está tratando de sacar su caja de un armario en llamas. Es inútil, pero él sigue intentando con una fe radiante como el fuego que va consumiendo el cielo raso y le corta las rutas de escape. Lo que hay en la caja es un misterio para todas, pero hay algo allí por lo que él se juega la vida. Entonces, ella se hace dura y aciaga, como la madre que censura un niño demasiado travieso: "las chicas y yo no nos vamos a quemar para que te lleves tu maldita caja". No sé si la escucha. Sigue con su intento de liberar la caja de las llamas. Después todo es muy rápido, estamos las tres en el jardín viendo las cenizas. No hay más fuego. Es otro momento. Papá no está, y yo despierto diciendo algo, ininteligible al principio, pero luego muy claro: como del fuego la intensidad, se reconoce la obsesión por sus cenizas. Entre la humareda, la reconozco. Ella está cerca, le leo los labios…

II

Cajas, cajas, banales, intrascendentes, hermosas, fundamentales. Cajas, cajas, misterios, sorpresas, condenas. Papá y su caja. Papá y su maldita caja misterio, con su pequeñez infinita y sus bordes y color desgastados por el tiempo. Cuando éramos niñas jugábamos a adivinar qué había en la caja de papá: dinosaurios, piratas, hadas, duendes, oro, fotos, documentos… con la edad cambiaban las ideas, pero permanecía el enigma. La caja la recibió del abuelo y este de su padre. Nadie sabe quién fue el primero en entregar la caja ni qué le dijo a quien

la recibió que contenía. El don y el juego era no abrirla. Era un amuleto de suerte. Por eso siempre nos prohibieron acercarnos a ella. Y fueron sumamente estrictos, especialmente mamá, que parecía haber entrado en la superstición sobre la caja con más fervor que papá. Una noche, la voz de mamá irrumpió en la habitación "Hay que salir ahora, la casa está ardiendo". Entredormidas aún, Lina y yo nos vestimos sintiendo el humo inundar el pecho y el calor derretirnos entre temblores, la crepitación de las cosas producía un sonido fascinante y, por momentos, pirotécnico. Bajamos corriendo por la escalera, que aún no estaba ardiendo, siguiendo a mamá. Papá también bajó la escalera, pero no fue, como nosotras, en dirección a la salida, sino que se desvió hacia el estudio. Mamá revoloteó los ojos y su cara se puso roja como el fuego que consumía ya toda la cocina y avanzaba rápidamente hacia nosotras. "Las chicas y yo no vamos a morirnos aquí por tu maldita caja", le gritó. Él se giró y la miró con decepción, como si hubiera descubierto la piel detrás de la máscara, y entró decidido al estudio. Entonces mamá se quedó congelada junto a la escalera y empezó a volverse humo y ceniza. Despertamos en el jardín, con la cara mirando al cielo, habíamos estado jugando a ver formas en las nubes. La casa era un gran monumento al viento.

"Hay una hoguera para cada bruja en el mundo", le dijo el hombre de la droguería a mamá en tono de juego, pero había algo de seriedad en sus palabras, lo supe por la media sonrisa nerviosa que mamá le devolvió intentando ser amable y porque me apretó fuerte la mano que me sujetaba y sentí el sudor que la mojaba. Todos en el pueblo veían con sospecha sus investigaciones, porque nadie sabía exactamente qué hacía y todo lo que fuera raro en este pueblo supersticioso era brujería, especialmente si eran mujeres quienes lo hacían.
Ella trabajaba en el sótano de la casa, en un intento fallido de sigilo: no se podía ocultar lo que hacía. Cada tanto la casa desprendía olores extraños que se extendían por los alrededores. Los vecinos se quejaban excesivamente e inventaban historias. A papá no le importaba nada, porque él vivía entre papeles y casos que defender. "No tengo tiempo para tus locuras", respondía cada vez que mamá intentaba contarle cómo iban sus descubrimientos. Mamá estaba obsesionada con los poderes de las plantas, pero nunca había ido a la universidad, todo lo que intentaba se basaba en sus lecturas e intuición.
A nosotras nos gustaba imaginar que mamá era una hechicera poderosa, nos divertía. Solo no nos gustaba que se olvidara de nosotras tanto tiempo, pero eso solo ocurría cuando estaba a punto de descubrir algo muy bueno. Nuestros padres eran extraños y a nosotras eso nunca nos incomodó, por el contrario, era una fuente de constantes estímulos para nuestras mentes infantiles. Papá,

por ejemplo, poseía una caja amuleto, nadie sabía qué había adentro, ni él mismo, pero estaba prohibido abrirla: "ha pasado de generación en generación, es un don, si se abre, seremos malditos", nos dijo seriamente cuando percibió que estábamos en edad de intentar algo para alcanzarla. Sin embargo, una prohibición es siempre un incentivo para dos cuasi adolescentes inquietas, y este caso no fue la excepción, a pesar de que la palabra maldición nos hacía temblar. Una tarde, ambos tuvieron que salir a atender una diligencia muy importante a un poblado vecino, tardarían medio día en ir y volver. Nos dejaron solas. Fernanda fue la que lo propuso, pero yo no me opuse. Llevamos la escalera al armario de papá, ya habíamos identificado dónde escondía la llave, así que fue fácil abrirlo. "Estás segura, Fer", le pregunté. "Sí, obvio, no te creas esos cuentos de papá". Fue una gran decepción abrir la caja. Dentro solo había un relicario con una especie de piedra dentro, "También puede ser un hueso", dijo Fer queriendo asustarme. Cerrar la caja fue difícil, pero conseguimos dejarla tal y como estaba. La vida continúo como si nada durante muchos meses. Una noche, sin embargo, mamá me despertó agitada, estaba cerca de mi cama: "levántate, mija, tenemos que irnos ya". "¿Qué pasa, mamá?" "La casa está en llamas". Nos incorporamos velozmente y fuimos a buscar a Fernanda, no estaba en su cuarto, papá estaba en el estudio, que estaba bastante quemado ya, buscando la llave del armario para sacar su caja. Mamá se volvió loca al verlo y le gritó: "maldita sea tu caja, no nos vamos a quedar aquí para quemarnos vivas por esa maldita caja, estás loco". El primer nivel de la casa era una humareda espesa. No se podía ver prácticamente nada, así que cuando salí al jardín percibí que estaba sola. Entonces me desperté sudando copiosamente. Era verano. Pensé que tenía fiebre. Intenté tranquilizarme: "fue una pesadilla, duérmete ya". Estaba durmiéndome de nuevo, cuando su voz agitada me despertó: "levántate, mija, tenemos que irnos ya. La casa está en llamas".

gastón cosentino

variaciones sobre una caja

#1

Ella soñó con una caja en donde cabían perfectamente dos niños. En el sueño la caja flotaría. Desde
afuera se oyó una fuerte discusión. Todo estaba oscuro: no se sabía si era a causa del sueño o la
noche. "—No te voy a permitir...", decía uno de los interlocutores. Cuando desperté, alguien estaba
duermiendo a mi lado, hombro con hombro. Podía sentir (y aceptar), como lo hace un hermano (o
un amante), su reconocible aliento amargo. El espacio se reducía a mínimas contorsiones. Quise
gritar. Grité. En realidad tuve la sensación de que todo el afuera era un grito. El espanto siempre se
reduce a una mueca. La caja flotaba todavía, aunque en ese instante el movimiento prácticamente se
detuvo. Un caer de rodillas en la arena. A la inversa de querer despertar, quise dormir con todas mis
fuerzas, detener la respiración, ser imperceptible. Pero, con la misma intensidad, acontecía todo lo
contrario. Alguien abría la caja, nos tomaba en brazos. Aún con los párpados cerrados, las luces nos
herían con su insistente intermitencia, las máscaras, los chalecos fluorescentes iluminaban el sueño.
Entonces logré dormir profundamente [o eso creí], al mismo tiempo en que alguien abría
cuidadosamente una caja en donde cabían perfectamente dos niños. Para su sorpresa: la caja estaba
vacía.

#2

El fuego había consumido la caja y con ella todos los sueños de su padre. Los dos niños
acompañaron la escena junto a su madre. Se preguntaron cómo una caja flotando en el agua podría
haber sido atacada por el fuego. Las lágrimas de su padre con el agua hasta la cintura y la corriente
implacable azotándole el cuerpo podía divisarse desde la costa. El hombre abrazaba una forma
chamuscada con una entrega desconocida para los niños. En un momento el viento reavivó el
fuego y una columna cedió para que el techo se uniera al suelo. El estrépito los despertó. Todo el
cuarto había sido iluminado de manera única por las llamas. Hubo gritos. Una puerta se abrió y dejó
ver una figura con una caja en llamas. Curiosamente el fuego no la afectaba ni quemaba al
poseedor. El cuarto en llamas era una

caja semejante a la que sostenía la figura masculina entre las
llamas. La respiración se hizo insostenible. Alguien rompió una de las ventanas. Unos brazos se
hicieron de lo que restaba de ella. En ese instante me desmayé. Cuando recobré el aliento, mi madre
estaba extenuada a nuestro lado, visiblemente herida por el fuego y con dificultad para respirar. Mi
hermano yacía a mi lado. El agua
había recuperado la calma y un cuerpo parecido al de mi padre
flotaba ante nosotros.

#3

La caja yacía en el lugar de siempre. Le había tocado custodiarla desde hacía años, luego de la
muerte de su padre. Cuentan las abuelas que había sido hecha a la medida de nuestros cuerpos,
cuando éramos aún niños. Después
fue usada como contenedor de otros recuerdos: fotografías,
cartas y algunos ahorros. Era de madera resistente, lo suficiente como para aguantar la humedad y el
calor intenso. La madera era violácea
y era dura como el quebracho. Había crecido bajo el agua,
razón por la cual resistiría cualquier tipo de inclemencia temporal. Nuestro abuelo no dejaba
acercarnos a ella. Era como una especie de altar sin santos. Con frecuencia él se arrodillaba frente a
ella y mascullaba palabras en un idioma incomprensible y lloraba a mares. Una vez lo sorprendí
golpeándola con el puño cerrado y maldiciendo. No entendía las palabras por él proferidas, pero se
lamentaba en una lengua a la vez incomprensible y familiar para mí. Cierta vez me confesó que él y
su hermano habían viajado dentro de esa caja, que habían sido colocados por sus padres la noche
que asaltaron el pueblo los invasores y que, aún dormidos, flotaron a la deriva incontables
kilómetros hasta que fueron a dar a las costas del país vecino. Su hermano pereció en el viaje y él
contuvo la respiración y los ojos hasta que alguien les quitó la tapa para que volvieran a ver la luz.
Fue el momento exacto en el que despertó y las llamas devastaban la casa vecina donde vivían sus
nietos.

Não tive tempo

diego kiil

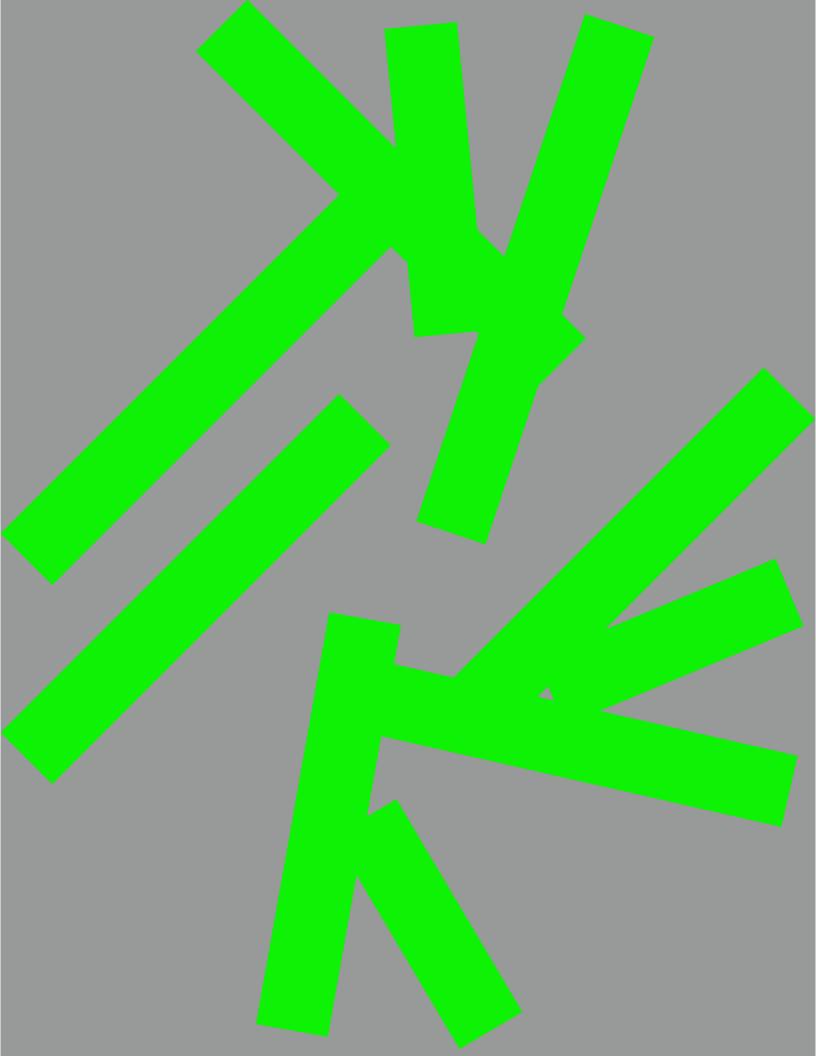
Estava tão bom o calor das mantas e cobertores. Alguém batia à porta gritando meu nome, era mamãe. O ambiente estava quente e abafado. Uma nuvem cinzenta cobria nossos olhos. A casa pegava fogo devido a um circuito elétrico fez com que a já senhora fiação da casa não suportasse. O frio gelado queimava tudo nos últimos dias, animais, vegetais e minerais, assim, precisávamos de lençol térmico, aquecedor, cafeteiras, térmica elétrica ligados o tempo todo. Agora o fogo acolhia tudo na casa. E eu estava coberta com algodão, agora as chamas eram meus cobertores. Corri e vi que meu pai tropeçou na caixa de madeira abandonada pelos antigos donos da casa e que servia de banco para a gente. Corri em direção ao papai e também cai, batendo a cabeça no chão de taquinhos. Acordei no chão do quarto, o susto era tanto que eu não percebi de imediato que o chão estava quente. Estranhei e ao me levantar vi de surpresa que lá fora o céu jazia em laranja incandescente, o ar quente invadia minhas narinas e poros. Ao abrir a porta queimei a mão com o ferro em brasa da maçaneta. De novo, estranhei. Mas segui o calor do chão e das paredes, percebendo que o laranja estava vivo, abraçava a casa por fora e penetrava pelas frestas das paredes. Corri e trombei comigo no chão da sala. Lá estava eu, disforme, contorcida, pelando. Percebi no calor das lembranças de minhas entranhas que a casa tinha pegado fogo e todos nós morremos carbonizados.
Viramos fogueiras humanas na cidade, lenda urbana para moral de crianças que brincam com fósforos. Mas a verdade é que o fogo veio e se foi e eu não tive tempo de acordar, não tive tempo de abrir a porta da sala, não tive tempo de ter pressa. Quando dei por mim, nós nos queimamos, mamãe, papai e meus irmãos. Queimamos também em sonho.

Deixa

"Meteoros cairão do firmamento! O mar pegará fogo! E sua casa tombará em cinzas!" Ainda lembro desse coro que ouvia desde que passei a distinguir o som das palavras. Um coro proferido pela velha senhora da casa laranja de esquina, toda vez que via um dos meus pais. A cada semana um grupo de iguais velhas senhoras apareciam na casa laranja todas empunhadas com o tal livro debaixo do braço. E juntas entoavam um coro ainda maior, mais quente.
Esta quentura era sentida pelo meu pai que vivia corado com as tais palavras deixadas no ar — e na calçada de nossa

casa — pregadas com os vestígios de choro branco das velas acendidas pelas velhas senhoras.
O pai se queimava todo, dizia a mãe quando o via recolhido no quarto segurando a velha lata de biscoitos que virou caixa. "A caixa faz queimadura grave em mãos de criança, hein", era um conselho que acendiam em mim junto à curiosidade. Mas nem deu tempo de pupular esse fogo, foi na semana de festas juninas em que o bairro acendia pequenas fogueiras para os santos que aconteceu.
Na noite anterior vimos as bolas de fogo sendo disparadas pelas crianças, as pequenas fogueiras acesas no meio da rua, nas sarjetas. Era uma tradição estranha, montes pequenos de gravetos eram acesos pelas crianças do bairro durante a semana, no sábado no pátio da capela uma fogueira era erguida e um Judas malhado. A mãe me acordou já com a blusa jeans, apurada pedia que corresse e pegasse meu irmão. Motivo: queimávamos. Fizeram uma fogueira maior perto da árvore de fora, assim ela queimou e o fogo se espalhou no jardim, depois nas cadeiras e tapetes da varanda, na porta da sala. O fogo viveu, cresceu asas, como uma ave saída do ninho, alçou voo. Queimou tudo. Era uma criança faminta a comer tudo — e todos.
Ouço ainda a mãe gritar pro pai para deixar morrer o que éramos, deixar a caixa quente.
Mas ela sabia que se um meteoro caísse na casa, o pai não deixaria de salvar a caixa antes de pegar fogo. Ela nos salvaria, procurando as bocas da rua. E o fogo corria em uma competição solitária e vencedora. Solitários e perdedores, meu irmão e eu alcançamos o portão.
A partir daquele momento com cinzas paternas. Agora, aqui, decidi abrir a caixa, tinha papéis tão quentes como aquele fogo, ao lê-los uma quentura me abraçou. Lágrimas quentes escorriam de mim. "Deixa queimarmos o que éramos", agora sim, fui atingida pelo meteoro da curiosidade e me ensopei com as chamas do mar do segredo enlatado.

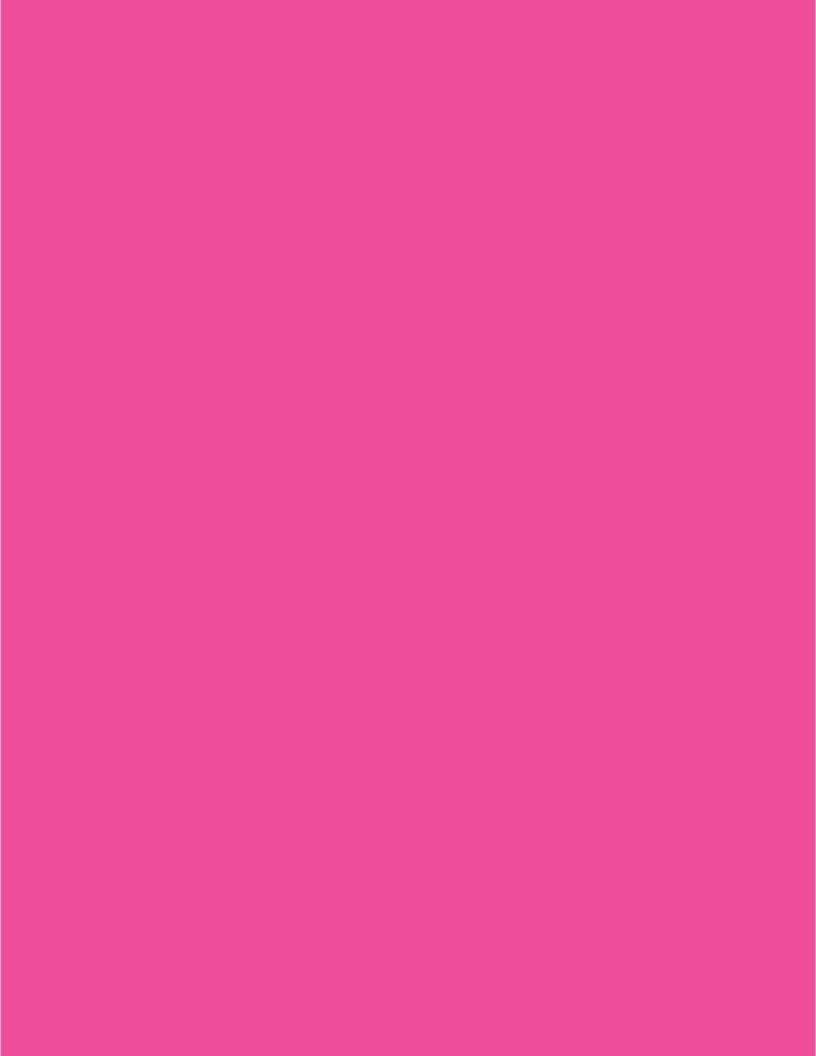
Fogo-vivo

Fogo. Fogo. Fogo. O fogo queima por dentro, corre nas veias. É fogo! Fogueira a Mãe, fogareia. Fogueira-Mãe. Fogareiro. Foguilha. Fogo. Fogaréu. Fogueira. Fogueirona.
Fogo afoga o Pai. Pai, fuga-te. Foge do fogo. A caixa-fogo com fogo dentro, fogo dentro do fogo. Caixa de fósforos. Caixa de pólvora. Caixa de fogos de artifícios. Foguetes.
Fogo morto. Fogo fátuo. Fogo vivo. Atiça, lança, assopra, acende o fogo. Chama azul. A chama que me chama. O fogo que me afaga e me afoga. Mãe, Os filhos, A fogueira.
A tocha com o fogo. O fogo mata os irmãos. E o palito de fósforo. Meus irmãos. Tudo vira cinzas. Tudo se queima até chegar ao pó.. Aconchega-se na chama. Dorme. Pega fogo. Levanta-te. Fogueira. Fogo-ada. Fogo, acorda!

escritura motivada por una pintura del bielorruso marc chagall. la obra debe incrustarse en nuestra historia y hay que resolver qué hacer con ella. no puede ser evitada: es nuestro (pre)texto.

como un cua-dro del viejo chagall

Flutua

diego kiil

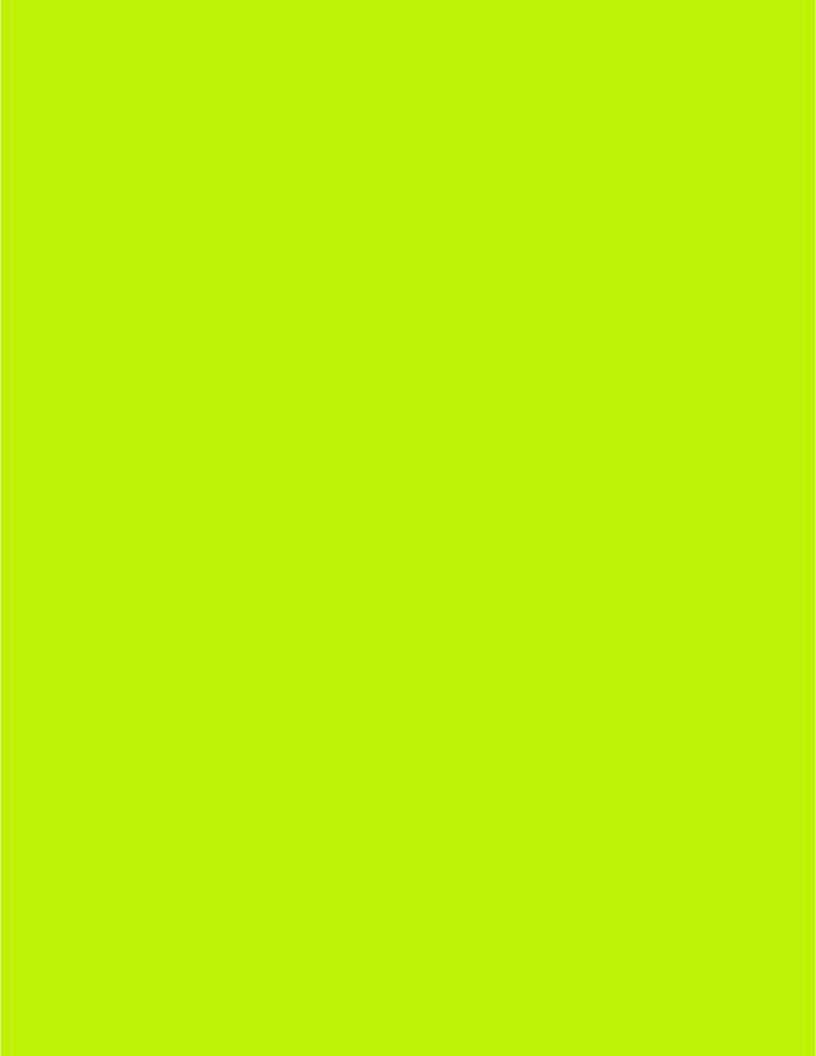
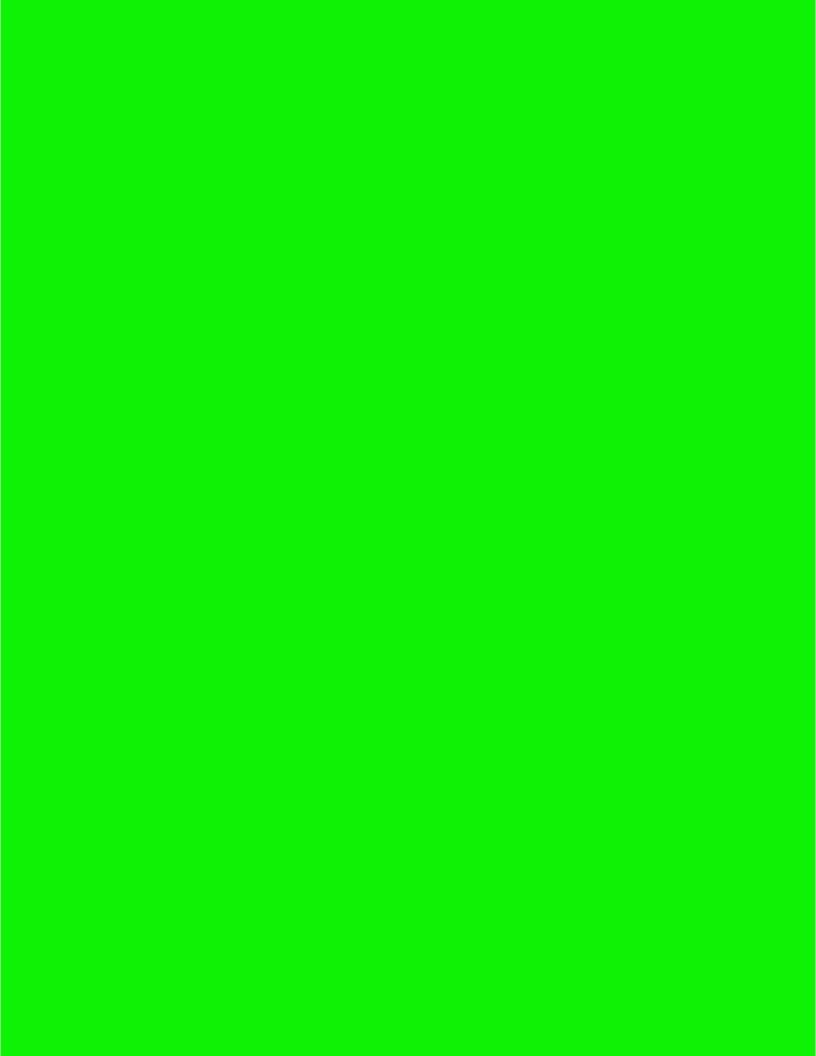
Vejo muito de perto o quadro pendurado
em cima da cama, ele não é verdadeiro,
nem eu
sou, tão pouco você. Está bem… você
começa a mexer com meu território mais
íntimo.
Desculpa-me estar aqui igual a esse céu
pintado, azulado, frio e desbotado. Eu me
desbotei
anos antes, não foi agora, beleza?
Isso foi somente um desnude. E você
aumenta os usos
de seus desejos mais insanos. Estamos
de mãos dadas, poderíamos provocar
alguma força
surreal e flutuar de tantos anseios que
sofremos. Flutuaríamos acima de casas
e de
cabeças. Quanta gente horrorizada
nos verá assim. Provocaríamos abalos
climáticos. Neve
penetrada em terra seca e rasgada, já
pensou? Contudo, você chegou ao ápice
com suas
veias verdes saltadas.

O Mirante dos Dois Pombos

acauã allende

Era a primeira vez que viajávamos juntos. Quando decidimos fazer essa viagem ele ainda estava recluso. Ficou um ano preso por roubo, ele tinha 17 anos. Tínhamos escolhido uma cidade de poucos habitantes, tranquila e que de preferência nevasse no inverno. Nós nunca tínhamos visto a neve. Durante toda sua estadia na prisão falávamos sobre essa viagem, nas poucas horas que tínhamos durante a visita ele sempre tocava no assunto e dizia que quando estivéssemos na viagem ele faria uma surpresa. Eu aguentei firme, esperei por ele, não faltei a nenhuma visita. O amava tanto que pedia sempre para que ficássemos juntos para sempre. Assim que ele saiu fomos viajar. Quando chegamos, ficamos deslumbrados com as cores e a luz daquela cidadezinha, principalmente ele que não sentia o ar fresco da liberdade a tanto tempo. Em minha cabeça a surpresa seria ele me pedir em casamento. Aconteceu. Ali mesmo. Foi lindo. Enquanto olhávamos a cidade do mirante ele se abaixou, tirou do bolso da camisa um par de alianças e fez o pedido:

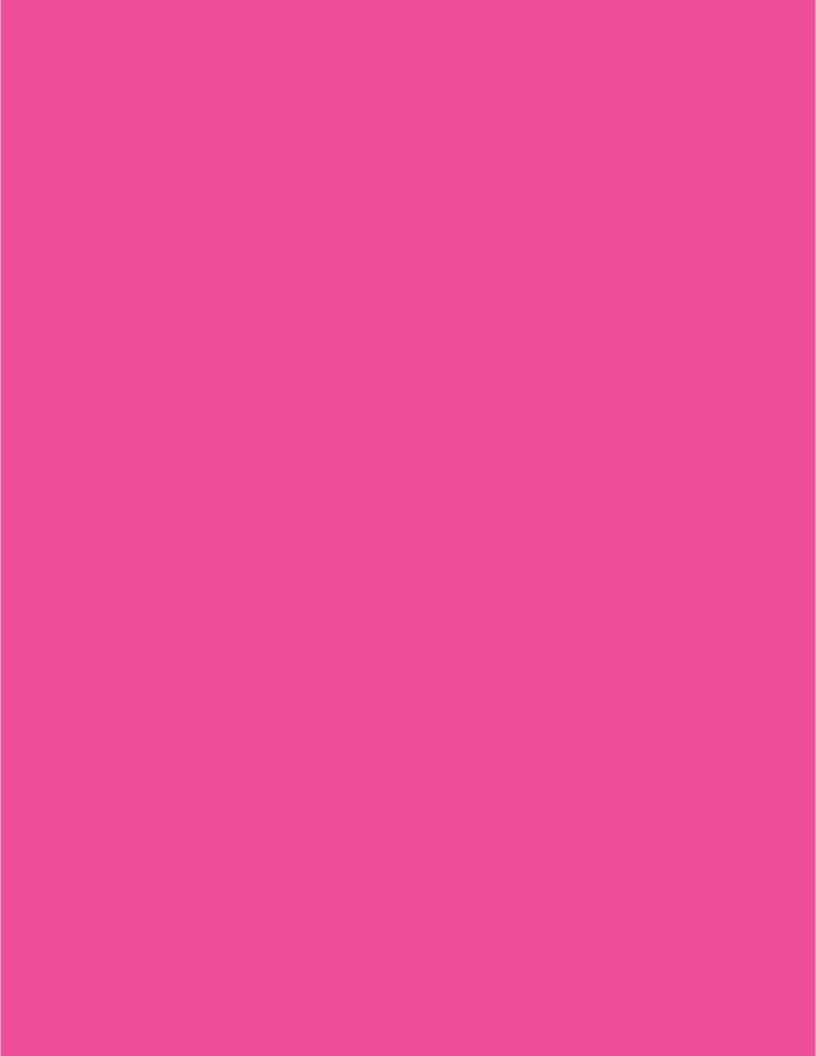
- Você aceita se casar e vir morar comigo nessa cidade para sempre? Eu chorando respondi que sim. Ele se levantou e quando estendi a mão para receber a aliança, desmaiei. Ele tentou me segurar, caímos. A cidade ficou marcada pelo acontecimento. Deram o nome para o mirante de Mirante dos Dois Pombos, colocaram uma estátua nossa, ele me pedindo em casamento. Nos dedos das estatuas estavam as alianças verdadeiras. Não demorou muito para um jovem levar as duas, queria fazer uma surpresa para jovem namorada. Ele foi preso.

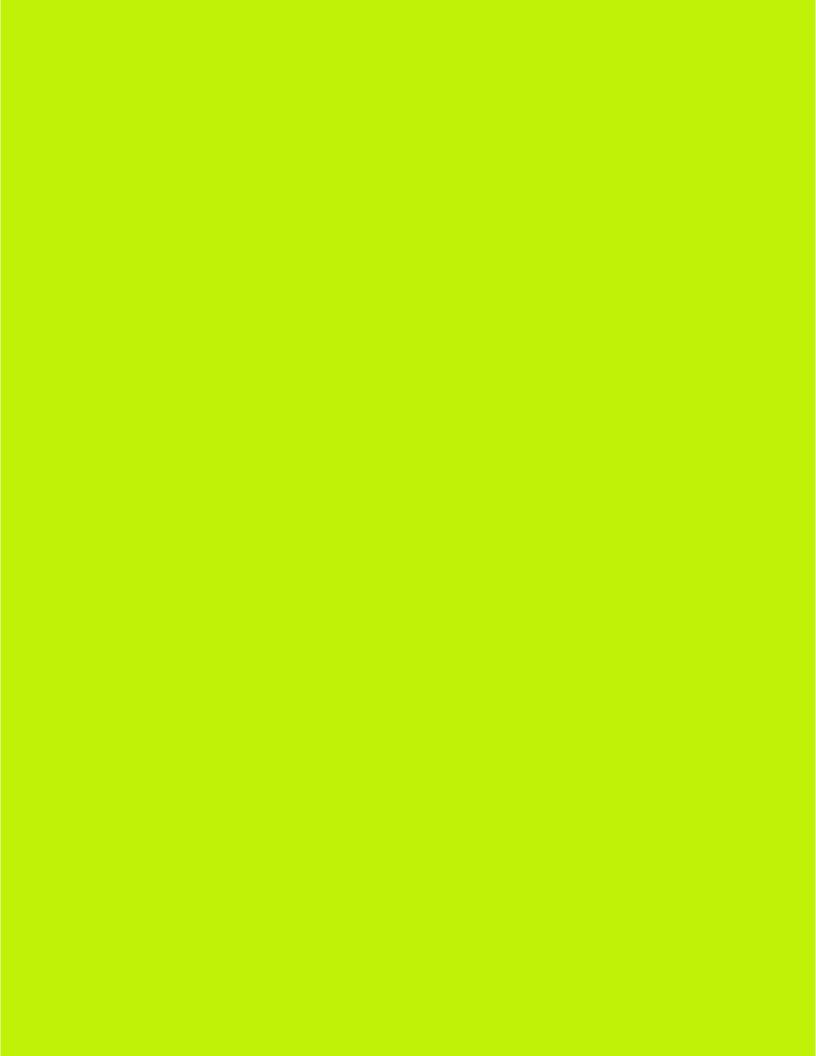
Color de sangre

juliana monroy

En 1918 yo no había nacido, pero para la fecha mi oficio ya era una honorable anciana. Dudo mucho que no estuviéramos destinadas a conocernos, siendo que siempre fui perezosa y amante de los placeres, aunque aprendí todo lo que necesitaba saber de este arte con insistente dedicación y mucha paciencia. —Aló, ¿qué tal? Quisiera pedir por favor un lienzo de 45cm X 56cm con marco y espátulas n.o 1 y 4. Solo eso, sí, gracias. Estaré esperando. "En los detalles vive el diablo", decía mi abuela, no sé si la frase era de su propia cosecha o si creció escuchándola de niña, pero me acompaña siempre. Es sencillo y hermoso, me digo mientras miro la reproducción que imprimí para copiar. El ojo se orienta casi de inmediato a la casita roja, que es como un corazón en medio de una ciudad neblina. Ellos, el otro punto de foco, se suspenden en el aire como si estuvieran saliendo de la ciudad, tal vez de la casita roja: ¿amor o muerte? Los ojos de la mujer me incomodan, enrigidecen el cuerpo, que parece recargar su peso sobre el otro personaje, sobre él, que mira hacia atrás como vigilando que no lo sigan; ese va a ser un detalle difícil pienso y no digo. El teléfono suena y me saca de las cavilaciones. Deben ser ellos. Son ellos. No contesto. Estoy bastante atrasada y esta vez no es como las otras. Tengo que empezar a trabajar, pero no tengo ganas. Mientras llegan los materiales llamo a pedir Redbull y arroz chino. No recuerdo cómo contacté con esa gente ni cuándo tomé la peor decisión de mi vida: venderles. La reproducción está sobre la mesita de centro de la sala y la sigo mirando. Hay una casa que tiene una escalera, una escalera que da a un altillo, voy subiendo peldaño a peldaño: la habitación es estrecha y hay lienzos, paletas y pinceles llenos de tinta en el suelo. Veo los cuadros pintados y los reconozco: Velázquez, Picasso, Chagall; agarro uno y lo levanto, lo miro de cerca, hay algo en los trazos que me resulta familiar, demasiado familiar. El timbre suena. Hay gritos. Algo estalla y perfora. Duele. El tiempo gruñe. La casa es roja, color de sangre, la nieve, blanca, y ellos, suspendidos como un testigo silencioso, se alejan.

Os pássaros

jardel oliveira

Sentado à beira da cama a olhava ainda sem entender, confuso sobre como tudo tinha começado,
ou terminado. Nas próximas horas, pensou, verei no seu semblante as nuances inéditas, únicas, inesquecíveis - aquelas que não se repetirão jamais - a que chamam as faces da morte, a última identidade de cada ser
vivente.
Fechara aqueles olhos cansados e tinha os próprios olhos cansados, escuros e fundos. E sabia que
não poderia repousar, que o repouso dela era o início de seu tormento.
Os lábios murchos, as mãos inertes, a carne que priva de movimento interior começava a ceder à
imobilidade dos fluidos - e estes à invisível gravidade. E que dificuldade fora fechar aqueles olhos, corroborar o fim, ainda que o brilho já os tivesse abandonado.
Pensou em algo que lera: que a vigilia que mantemos sobre nossos entes amados, em seu passivo
ato final, faz parte de um afastar-se e estranhar-se, do processo de luto. Mas estava muito próximo ainda,
não percebia esta distância... embora sentisse que a temperatura da mão que teimava em segurar se
abaixava sensivelmente.
Ela sempre amou o azul, pensou. O azul frio do céu de inverno, o azul confuso de terra e nuvens no
horizonte brumoso de outono, o azul acinzentado das águas oceânicas de um verão maravilhoso apenas uns
poucos anos atrás... O azul que no fim também é frio, triste e doloroso. No contraste com o vestido azul e os cabelos muito escuros, a pele muito branca com sua delicadeza de flor arrancada.
Sabia que a tinha perdido, mas se perguntava ainda: como nao perdê-la? Olhou-se e, embaraçado, viu-se vestido de verde. A cor de que ela nao gostava, o verde do reino
vegetal, desta multidao de seres imoveis que contudo vivem. Poderia planta-la? E sobre sua sepultura crescer
uma árvore, depois comer seus frutos, viver sob sua sombra, rasgar com uma lâmina um pedaço da pele
lenhosa, gravar finalmente suas iniciais? Não, ela nao gostaria. Preferiria ser pedra, montanha, efêmero gelo azulado. Olhou pela janela e viu
a cidade cinza, já assombrosa nas luzes do crepúsculo.
No meio do casario cinzento e uniforme, um capricho de nuvens deixava passar o sol crepuscular,
que incendiava um telhado, um par de janelas e algumas chaminés. Incendiava com um calor de fogo vivo,
de alimento e de amor, que ele nao mais sentiria.

Duraria pouco. O crepúsculo nao é, ele só passa, como um rio, sempre e jamais o mesmo. Como fazer
parar o tempo, cessar o movimento do universo neste instante, cessar a perda de calor do corpo amado?
Aproximou-se da janela e abriu-a, inclinou-se, contou os andares, mediu o tempo, as possibilidades,
pensou seriamente que naquele momento seria fácil, porque nao via nenhum amanha de que pudesse gostar. Mas não, ela nao gostaria desta solução. Deveria haver outro modo, ela teria sabido escolher melhor.
Então sentou-se, olhou as próprias mãos vazias, sentiu o próprio coração inquieto. Diante de si alguns
livros, em um canto o cavalete abandonado, um delicado par de sapatos.
Sem agasalhar-se e tampouco trancar a porta, saiu de casa. Desceu até a rua e respirou ansiado o ar
frio de fim de outono. Na padaria de sempre comprou pão, leite e manteiga frescos, como se fosse um dia
normal. Cumprimentou, agradeceu, voltou à rua. Na loja da esquina, onde há meses nao entravam, comprou
novos pincéis e um pouco de aguarrás. Subiu, colocou a mesa e com os olhos fechados gozou o odor do pão, da manteiga, do café-com-leite
recém preparado. Sentiu um vago calor, uma triste paz. Sem olhar pra trás sentiu como se ela
pudesse levantar, espreguiçando-se como uma gata e agradecendo a ele pelo café fresco e pelo pão novo, daquele modo à que eram habituados. Desfrutou por alguns instantes aquele aroma doméstico, que remetia à ela mas que era demasiado
frágil, já sei esvaìa como ela.
Finalmente, abriu as tintas e começou a pintar, como se ainda pudessem voar.

O voo dos amantes
andré macedo

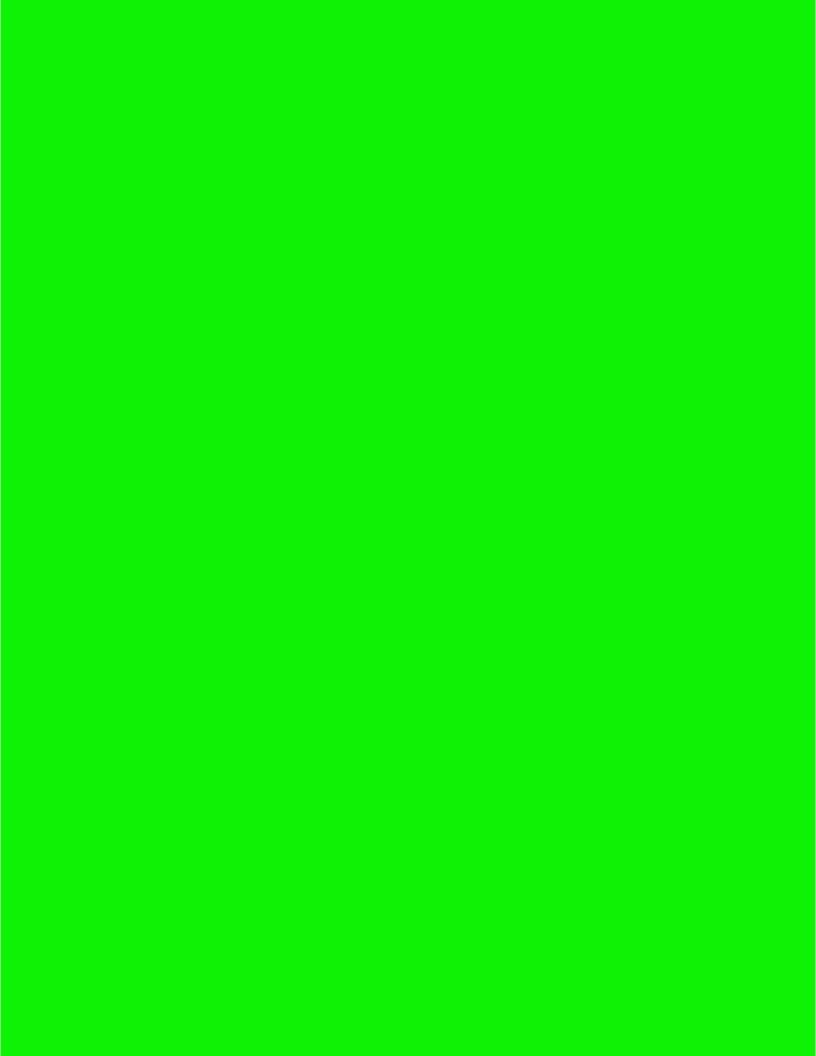
Foi um pouco imprevisível. Apenas sentiram uma forte impressão de ter se tornado algo. Um único corpo. Numa breve piscadela perceberam que o que poderia bem ser uma exuberante cena pastoral, de um amor flutuante, à primeira vista, passaria a revelar-se a si mesmos como um amontoado de verdes, azuis, vermelhos e um pouco de amarelo amontoados, com alguma persistência, com ou sem idealização, e assim, ordenados numa tela que já fora branca. Havia meses que o homem queria voar com sua amante. A ideia de voar com sua amante sobre aos olhos do mundo lhe agradava. O pequeno milagre havia ocorrido desde o primeiro encontro. Mesmo contrários ao que se esperava, se apaixonaram intensamente. Foi um arrebatamento. E entre constrangimentos de uma senhora já desposada e o estudante recém chegado no vilarejo, disfarçavam seus desejos e pensamentos. Sabiam, desde o início que a pureza daquele sentimento só poderia ser vivida num mundo onírico, onde não houvessem marido que se sentisse cornudo, ou sociedade que pudesse jogar suas pedras. O ano era de 1905, e a cena se figurou próximo ao Rio Neva. Um acontecimento planejado um tanto as pressas: o voo dos amantes. Primeiro a curandeira que poderia lhes oferecer o veneno e depois o lago, rodeado pela neve, de onde se via a cidade refletida e por fim, dois corpos, agonizavam, um sobre o outro. Em breve, dariam a última contração e abraçados poderiam voar sobre a cidade.

La promesa

gastón cosentino

El corral, las pocas vacas, las tres
acacias que acompañaban la soledad de
la casa y los brazos
extendidos de la madre y la cara de
espanto de sus hermanos, se alejaron
vertiginosamente. El sueño
nunca podría haber competido con esa
imagen aérea. Segundos antes, la mirada
extraviada en los
ojos su amante, el beso, la lengua de
las mariposas, el río y aquella propuesta
sinsentido de llevarla
hasta la luna.

El deseo maniquí

gastón cosentino

La historia de ella era conocida, pero
él no la había escuchado. Se cansó de
esperar y ella casi que
había pedido las esperanzas de salir de
su encierro transparente. Nadie sabía
quién era ella, ni qué
hacían allí, de espaldas a su deseo y
a la vez fijación de toda la comunidad.
Fue justo el día en que
meditaba sobre su suerte, en la
delgadez vítrea que lo separa todo
menos las miradas y la luz. Un
cristal apenas consigue traducir
débilmente lo que aparece al otro lado.
Sí, fue un esfuerzo mayor
que el de los espejos, pero tampoco
sirvió. En ese exacto momento la
pedrada hizo astillas su
pensamiento y el velo que los separaba
con su truco diario. Se abrió paso entre
los vidrios, que eran
tantos como todas las miradas posadas
en él, la cargó como pudo y de un salto
salió volando ante la
mirada atónita y la realidad congelada
para siempre de todo el pueblo.

Repentinamente

solocura

Chegara o tempo. Caminhar em terra,
espaço chão construído, por vezes, não
nos leva.
A hora não mais importava, apenas a
busca pelo calor; muitos esquentavam-se
em seus lares. Habitantes de morada fixa,
rotinas e trajetos sempre conhecidos.
Restavam ainda alguns tons. Por entre
afora às chaminés, o fim da busca.
Dentro ao céu, um desconhecer.
Naquele momento, tornamo-nos o sonho
pelo desejo, chegara o tempo. O Sol
ainda.

Ventaneira

O desejo de ser vento habitava os seus sonhos. Ela sempre ouviu uma canção antiga: os mais velhos diziam se tratar de um caso de loucura. A escada já estava posta. A porta, aberta. Ela escutou o sopro conhecido. A cidade dormia quando ela, em seu andar sonâmbulo, seguiu a origem daquele cantar. Solitária, adentrou pela última vez no sótão e lançou-se ao encontro hermético. A ventania abraçou-a. Inseparáveis, se beijaram e rodopiaram. Em sua ascensão, viu a cidadela diminuir até sumir em minúscula dimensão.

Léo Pontes, 26/08/2021.

CONDORES

danízio dorneles gonçalves

En las redes de los pescadores
Hay cadáveres
N. Perlongher

Todas as noites Guillermo e Sofia ainda voavam. Partiam de um voo rasteiro, quase sempre correndo ladeira abaixo em pequenos pulos, depois um salto mais largo. Ela levava seu vestido azul água borbulhante de histórias mal contadas.

Tocavam as mãos um do outro e se incendiavam como assobio de vento. Gravitavam feito enredadera florescida entre os muros de pedra e solidão. Era o começo do voo rasante por cima do telhado das casas. Enlaçados pela cintura, planavam a escuridão em suave rodopio. Iam por cima de tudo, de tudo que não fosse mar.

O mar naqueles tempos devia ser evitado. Apagava memórias. Se las comía.

Esta obra foi composta em
Neue Aachen Pro Light /Bold
entre 2021 e 2022.